Ao Fernando Pessoa
ao seu grande talento
ao genial papa do "Orfeu",
de saudosa memoria
com m.to admiração
com uma inaltenável
admiração offo

QUASI DE GRAÇA

27/12/930 Augusto Cunha

**** Tipografia da Parceria
António Maria Pereira ****
*** Rua Augusta, 44, 46 e 48
****** Lisboa ******

AUGUSTO CUNHA

QUASI DE GRAÇA

1930

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

PUBLICADO

Missal de trovas (de colaboração com Antonio Ferro), 1913 — Esgotado.

A SEGUIR

Contos sem cotação.
P. B. X. (dialogos ao telefone).
Coisas no ar (cronicas).
Dois dedos de cavaco (dialogos).
Notas meudas.

UMA CARTA PARA ANTONIO FERRO

Meu caro Antonio

Para te poupar inuteis conjecturas acerca do objectivo desta carta, vou já direito ao fim, sem mais preambulos.

Vou reunir num volume, varios retalhos de prosa — direi melhor farrapos — que até aqui tinha destinado apenas aos jornais e às gavetas.

Será, portanto, um volume acanhado, humilde, sem pretensões e tão modesto como a prosa que contém.

Mas para que não ficasse inteiramente pobre, árido de interesse e sem qualquer atractivo que lhe não posso dar, pensei no luxo de um prefacio teu.

Ficará, é certo, como um chapeu modelo, um chapeu caro, a destoar do resto da toilette já muito usada e de mau gosto.

Será, porém, a unica forma de compensar os raros que me lerem.

O meu livro será como essas mulheres feias, que só pelo truc dum chapeu garrido ou dum vestido bem lançado, conseguem evitar a indiferença de certos homens.

Assim meia duzia das tuas frases coloridas, dessas frases que são o teu brazão, me bastam para disfarçar, para esconder a pobreza destas paginas.

Nem é preciso que lhes dês a gravidade, o ar solene dum prefacio. Não vai tão longe a minha pretensão.

Duas frases apenas. Duas frases que serão a credencial, a carta de apresentação para o meio literario, que em tempos já distantes, visitei só de fugida.

Fizemos então juntos essa primeira entrada, essa visita ainda de cerimonia. Eu retirei-me logo, discretamente. Tu ficáste. Entrámos pela porta do lirismo e apesar do bom acolhimento — que animou tantos

outros a passarem do vestibulo, imitando-nos os passos — eu sai e não voltei.

Como aquelas pessoas que ao sair de casa deparam com uma revolução e recolhem logo apressadamente, tambem eu, quando dei o primeiro passo, aventurando o primeiro pé — ainda cheio de hesitações — fóra da porta, ao transpôr essa linha que nos separa da publicidade, deparei com uma verdadeira revolução literaria, na verdade chocante, para quem traz ainda a simplicidade toda lirica das primeiras quadras.

Não foi essa, é claro, a razão que me decidiu a recuar. Razões particulares o motivaram. É certo que vai um salto enorme, da ingenuidade quasi piégas dos primeiros versos, para todos os premeditados e bizarros exotismos do Orfeu, então trombeta maxima de todos os modernismos literarios.

Para essa epoca de transição, de verdadeiro bolche-

vismo na arte, cheia de belos excessos e de inolvidaveis exageros, de que o saudoso SÁ CARNEIRO *e o inalteravel* FERNANDO PESSOA, *eram então os verdadeiros Pontifex Maximus.*

Talvez infelizmente, por varias circunstancias, demorei-me pouco junto deles; e segui outro caminho mais arido, mais penoso.

Tu seguiste aquele que juntos tinhamos começado, demonstrando que perante o real valor, não ha razões, não ha dificuldades que nos impeçam a marcha triunfante.

Não significa porém agora este meu livro, que eu pretenda recomeçar. Não. Agora venho apenas de visita. É de resto a melhor forma de ser bem acolhido e de se não reparar na pessima bagagem que na verdade trago.

Com as visitas sempre se faz uma certa cerimonia. E foi esperançado nela que afinal me decidi.

Mas como já lá vão uns bons dezoito anos, sobre a primeira visita e sou hoje um estranho, um desconhecido, não me atrevi a entrar sem a tua companhia, neste meio que não tenho frequentado.

Sabes que não desejo com este livro, sem pretensões de qualquer especie, impôr-me por qualquer motivo à consagração ou sequer à benevolencia da critica, nem ao interesse e muito menos à admiração do publico.

Livro de cronicas dispersas, feitas mais ou menos sobre o joelho, para encher os cantos vagos de alguns jornais, sem cuidados de estilo ou perfeições de forma, é unicamente publicado por sugestão e pedido dum amavel editor.

E se alguma coisa pretende este meu livro, é ter apenas um pouco de bom humor e de alegria.

Melhor do que ninguem o podes atestar.

São as razões que me trazem junto de ti.

Apesar de ter seguido uma estrada bem diversa, cá vim afinal bater á tua porta.

Imagina por instantes, que nos caminhos tão opostos que escolhemos, voltámos a encontrar-nos numa encruzilhada; e que esta paragem importuna, que provoco no teu caminho, é motivada pelas minhas expansões, pela surpresa de nos tornarmos a vêr por estes sitios.

O que não quero é demorar-te. Segue a estrada real por onde vinhas, que eu cá vou continuando esta azinhaga, este bêco, que não sei se terá saida.

Mas antes de romper de novo a marcha, um abraço amigo do

AUGUSTO

A RESPOSTA:

Um prefacio meu? Que ingenuidade a tua, Augusto... Vê-se, na verdade, que és um estrangeiro, que não conheces o meio, que nunca desembrulhaste essa coisa misteriosa e complexa a que Grasset chamou «La Chose Litteraire». Conheces o teatro por fora, leste o cartaz mas não viste ainda a peça... Pois não sabes o que vão dizer? Os teus amigos, que não sejam meus amigos, vão dar-te os parabens pelo teu livro mas com esta inevitavel restrição: «O prefacio era inutil... Tu não precisas de apresentadores...» Os teus inimigos (uma percentagem de trinta por cento sobre a tiragem da obra...), que tambem não são meus amigos, vão explicar, com a chamada «esperteza saloia»: «Pudera! Que ha-de dizer o Antonio Ferro? É da familia...»

Os primeiros, os que vão achar inuteis as minhas palavras, teem o meu aplauso e estão na verdade. Mas

os segundos, os que vão procurar a razão «subterranea» do prefacio, são injustos e mentem... Eu fiz, ha anos — lembras-te? — o «Elogio do elogio mutuo» e não estou ainda arrependido dessa pagina que não desprezei, que está arquivada num dos meus livros. Penso, com sinceridade, que a amizade, para certos espiritos exigentes, é uma filha legitima da admiração mutua. Elogiar um amigo é ter, portanto, um gesto natural e sincero. O que me levou para ti, desde a primeira hora? O que me fez teu amigo? O teu humorismo, esse humorismo que está mais perto de mim do que tu julgas... Todos os inovadores, todos os inquietos, são humoristas ou classificados como humoristas, porque são, de facto, uns e outros, os grandes navegantes do Imprevisto, os grandes «virtuoses» do Contraste. O riso, quer seja Kant, quer seja Carlyle, quer seja Bergson, que lhe descubra a mecanica, é sempre filho dum «programa

alterado por qualquer motivo imprevisto», da desarticulação da vida creada, estabelecida, da vida «constitucional». Pio Baroja tem razão quando forma a grande familia dos humoristas neste recanto da sua profunda «Caverna del Humorismo»: «A duvida e a inovação teem sempre um vislumbre de intenção humoristica. Na Sciencia, Newton e Darwin, Paracelso e Stephenson, no seu tempo, foram olhados, pelos seus contemporaneos, como humoristas. Com Greco e Goya aconteceu o mesmo e ainda hoje Lobachefski e Riemann dão a impressão de fantasistas ao lado dos matematicos classicos. O homem da rua, vulgar, tradicionalista, rotineiro, dix, quando pensa nos inovadores, naqueles que não raciocinam com as normas vulgares: «Estão a brincar comnosco...» O humorista que lança uma teoria ou um sistema não pode ser olhado com simpatia pelo homem aferrado a outras teorias, a outros sis-

temas que já receberam a sanção do tempo.» E' o que diz Pio Baroja. Dirás tu, dirá quem me lê, que o meu humorismo nada tem que ver com o teu e que eu estou a aproximar-me de quem está longe de mim... É ainda Pio Baroja que responde, com estas duas conclusões: «Ha tantas formas de humor como humoristas.» E a seguir: «Isto não impede que os humoristas tenham afinidades e se juntem no seu caracter inconfundivel.» E explicando: «Na literatura, cada humorista é uma ilha. Ha a ilha de Shakespeare, a ilha de Cervantes, a ilha de Rabelais, a ilha de João Paulo, a ilha de Dickens. Nos proprios escritores humoristas que influiram uns nos outros, não existe a mais leve semelhança.» Entremos, portanto, no teu ilheu...

O teu humorismo pertence à categoria do humorismo dos tristes que é, para mim, o verdadeiro humorismo. Os alegres, os alvoroçados, vivem dentro do proprio

humorismo, vivem dentro da casa que não fizeram. Os tristes são os grandes arquitectos da Alegria. Labiche foi um triste. Courteline foi um triste. Groch é um triste. Charlot é um triste. A tristeza é o «atelier» da Alegria ou, talvez melhor, o humorismo é a alegria dos tristes. Emquanto os outros se divertem, por fora, discos num gramofone, girando e cantando, o humorista diverte-se por dentro e assiste à vida com olhos atentos e profundos...

O humorismo é uma desforra da humanidade, uma reacção contra a constituição. As grandes cidades — Nova-York, Londres, Paris, Berlim — sentem a ansia de fugir, de quando em quando, da sua area, da esquadria das suas ruas, da geometria das suas praças e de se esquecerem da vida regulamentada no desafogo dos grandes parques onde ha lagos e barcos, onde ha baloiços e camelos, onde ha arvores caprichosas e horisontes

sem casas... Pois o humorismo é tambem um grande parque onde os artistas, com todos os seus fieis, se sentem libertos do imperioso dever de «subir pela direita e descer pela esquerda...» E aqui está a afinidade entre o humorista e o escritor de vanguarda: ambos frequentam o parque e ambos se extasiam deante da barraca dos fenomenos... Frivolo, portanto, falar de humorismo com frivolidade, falar de humorismo com humorismo. O humorismo pode ser uma coisa muito «seria». Encontra-se, muitas vezes, a verdade no proprio caminho da fantasia... É habito dizer-se: «Nem todas as verdades se dizem.» Pois o humorista diz, em geral, essas verdades que não se dizem... E daí a inverosimilhança do humorismo... Humorista foi Aristophanes, foi Horacio, foi Voltaire, foi Lafontaine, foi Molière, foi Shakespeare, foi Dickens, foi Thackeray, foi o nosso Eça, foi o pintor Rousseau, foi Proust, é James

Joyce, Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Delteil, Montherlant, Drieu de la Rochelle, Ramon Gomez de la Serna, tantos outros... O humorismo é a atitude de todos os escritores e artistas que olham a vida sem arreganho, sem parti-pris, *sem punhos cerrados, com amavel tolerancia e que a escutam batendo palmas:*

— Ainda é pouco! Ainda é pouco! Mais uma pirueta! Mais um salto! Mais uma cambalhota! Mais um esgar!

Fois bem, meu querido Augusto... Tu és um desses humoristas, de quem me sinto irmão, um desses contempladores da Vida cuja tristeza é o seu fauteuil. *Não é este ainda, sem duvida, o teu livro definitivo, mas é um livro revelador, o anuncio claro da tua personalidade. «Quasi de Graça» é uma obra despreocupada, fragmentada, com uma unica intenção: fazer rir... E essa intenção — afirmo-o com sinceridade — poucos*

humoristas portuguezes da nossa geração a teem realizado como tu. E não ha maior vitoria, afinal, do que realizar, completamente, uma intenção. O teu livro é uma cataracta de gargalhadas. A mina, por enquanto, conserva a pureza e a riqueza da hora da descoberta. A graça espontanea, total, sem complicações nem subtilezas, salta e rompe de cada pagina, como o jacto de petroleo nos jazigos da California ou do Arizona. Oiro e cisco. Admiraveis ideias de alto humorismo confundidas com a sucata de certos trocadilhos irresistiveis — que fariam crescer agua na boca a muitos revisteiros — mas que são inferiores às tuas rarissimas qualidades de «contorcionista». Tu estás, por emquanto, na linha dos humoristas portugueses de Gervasio Lobato a esse infeliz André Brun que não teve, na sua vida tormentosa, a consagração que merecia. Tu és, pois, um dos melhores representantes, na tua geração, do humorismo

nacional. Mas esse é o envolucro. O teu humorismo, na sua essencia, é de outra qualidade. Pode filiar-se no verdadeiro humorismo, no humorismo «serio», «pince-sans-rire», dum Swifft, dum Mark Twain dum Tristan Bernard, dum Buster Keaton, dum Charlot.. É possivel que os leitores se espantem da ousadia das minhas afirmações e vejam, apenas, no teu livro, duas horas bem passadas, despreocupadas, com alguns contos lidos, em voz alta, na paz caseira, para divertir a familia... Eu, porém, que te conheço, sei como tu és e sei o que posso esperar de ti... O teu conto «Amor impossivel», por exemplo, sem o «gargarejo fatal», sem aquela dose de bairrismo pelintra que o diminue, seria um conto admiravel de imprevisto e movimento, que eu veria, sem estranheza, num livro de Tristan Bernard. E estou certo que «El-Rei Boato» — alto documento de humorismo, que tanto me fez rir, faria sorrir, pelo

menos, se fosse vivo o grande Courteline... Aguardo, portanto, que empregues as tuas qualidades, catalogadas na tua primeira obra, na construção de grandes novelas, de romances completos que saiam para fora da anedota, do trocadilho pelo trocadilho, do fait-divers *humoristico. Tu poderás dizer e com razão:*

— Porque não segues o conselho que me dás? Porque não escreves novelas? Porque não escreves romances?

— Não tenho tempo... — respondo.

— Não tenho tempo... — respondes.

Sempre o mesmo problema, a mesma vertigem, a cascata incessante dos minutos, a vida que nos devora, que nos tritura, a vida cheia como um carnet *sujo de lapis até às margens. «Não temos tempo! Não temos tempo! Não temos tempo!» Mas é preciso ter tempo, é preciso conquistar o tempo, é preciso dominá-lo, ven-*

cê-lo... Se não arranjamos tempo, se não temos tempo, o tempo não nos tem, o tempo não nos terá... Não te importas, bem sei. Nem eu... Mas, talvez, os nossos filhos, mais tarde, tenham pena... E eu gostaria de viver, em corpo ou em espírito, emquanto êles vivessem...

Maio de 1930.

ANTONIO FERRO.

OS DRAMAS DO CINEMA

Os dramas do cinema

Rogerio Amado era um rapaz simpatico, mas um nadinha exotico.

Fôra talhado para grandes paixões, para amores sempre fatais, em 4 actos e um prologo; era dado a grandes emprêsas... de transportes amorosos inesperados e subitos; cheio de impetos, de arrebatamentos. Era, enfim, um impulsivo.

Rogerio Amado nascera na Amadora e amava há muito uma donzela, que lhe havia convertido a alma em fogo... posto que o coração se mantivesse aparentemente calmo e tranquilo.

Tentára varias vezes comunicar com ela, mas a pequena (em tempos empregada dos telefones) não lhe ligára nenhuma. Ele, porém, explicava isto pela força do habito, e persistia. Assim, o pobre Rogerio, a-pesar de ser Amado, não tinha, de facto, a certeza de o ser.

Mas um dia ela partira a viajar, com um tio rico, e ele, que a amava cada vez mais, não tinha podido partir tambem e ficára atonito, na gare, porque não tinha com que pagar o bilhete.

Rogerio rugia de desespero. Chegou a entrar numa casa de saude, onde adoeceu gravemente, e, a-pesar de não ser nada calculista, começou a ter calculos no figado.

Rogerio tinha vivido sempre em casa dos esposos Pita, que ele julgava seus padrinhos e que sempre o tinham protegido e o tinham educado. Mas uma noite, após uma terrivel revolução domestica, o Pita desapareceu e o rapaz ficou a apitar.

Dias depois uma carta em que lhe revelavam o segredo do seu nascimento, ia provocando o seu obito: — ele era filho da Pita, da suposta madrinha. Soube então que era filho natural, o que aliás, é uma coisa naturalissima.

O pobre rapaz, cujo figado cada vez tinha mais calculos, ficou num estado de consternação incalculavel.

Mas a fatalidade tambem cança e pouco depois Rogerio teve uma grande alegria.

Um amigo que tinha encontrado lá fóra a sua Carlota, anunciava-lhe o seu regresso num radiograma.

Ele ficou radiante. Lembrou-se logo duns versos que nesse mesmo dia lhe fizera e que insatisfeito amarfanhára, numa ansia de perfeição inatingivel.

E o que fez *primeiro* foi dirigir-se num *segundo* à Rua Ilha *Terceira,* subir ao *quarto* que tinha num *quinto* andar, ir ao *cesto* dos papeis e subir ao *se-*

timo ceu, ao lêr deliciado aquelas *oitavas* que lhe escrevera a *nove,* num *decimo* branco da loteria.

E na verdade justo era o destino que a tais versos tinha dado. Na dificuldade de arranjar rima para Carlota, hesitando entre o prosaismo de bolota e de marmota, tinha irremediavelmente de dar bota.

Mas surgiu finalmente o dia desejado, chegou ela e chegou o amigo do radiograma. Tendo assim chegado novamente o sol ao seu pobre coração, Rogerio tornou-se a sombra de Carlota e por vezes, quando a bolsa (muito anemica) soltava algum gemido mais plangente, a sombra do amigo que chegára e que não chegava agora para as encomendas.

Mas uma noite a fatalidade voltou.

A sombra de Carlota viu-a entrar para o balcão dum animatografo.

A sombra, isto é, Rogerio, sondou, inventariou todos os bolsos e apurou nove tostões.

Desesperado, teria cometido uma loucura, se o amigo que chegára há tempos e que nesse momento chegava da Baixa, não tivesse chegado a tempo junto do infeliz.

Foi uma alegria, uma aleluia, uma ressurreição.

Apodá-lo de anjo e pedir-lhe cinco escudos foi obra de tres minutos.

Entrou portanto; e pôde então contemplar aqueles olhos, que depois da longa ausencia, lhe pareciam mais ternos, mais acolhedores. E por

felicidade, podia ficar junto dêsses olhos. Mas repentinamente, uma densa treva envolveu tudo. Rogerio, apanhado de surpresa, ia sentar-se no colo dum garboso oficial de artilharia, quando amorosas mãos providencialmente o guiaram na treva, evitando essa desgraça.

Decorria uma fita, muitissimo dramatica, de alguns trinta quilometros à hora.

Parecia tratar-se dum rapto, porque um sujeito de certa idade procurava convencer uma donzela, a penetrar num barco.

Era no tempo em que os films eram traduzidos na origem, trazendo por isso as legendas em dialeto bundo do mais correcto.

E lia-se esta frase altamente ilucidativa:

«Afinalmente lá rapazinha no quizo entrare nela barca.»

O que em português vernaculo, queria dizer que a tal pequena não ia naquele bote.

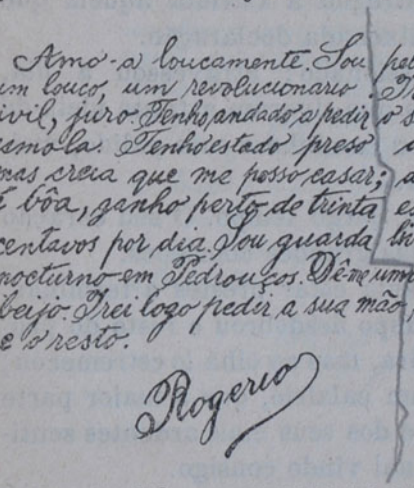
Entretanto, nas regiões inferiores da 2.ª fila do balcão, um pèzinho bem calçado avançára cautelosamente ao encontro doutro, que estacionava, tremulo, a distancia.

O pé visado teve um estremecimento de emoção; todo ele se ruborisou dentro do envolucro de vitela que o continha.

O pé provocado era o de Rogerio, que nesse momento, adquirindo a certeza de que era amado de facto e de apelido e sentindo que a entrega daquele pé, significava que em breve poderia pos-

suir a mão e outros ambicionados componentes da sua proprietaria, se decidiu.

E pegando num lapis, desdobrou o programa e escreveu numa das folhas esta declaração, breve mas eloquente, talvez rude mas sincera, que era afinal a sintese dos seus sentimentos e não podia portanto deixar a jovem insensivel:



Depois dobrou o programa e esperou o momento oportuno.

A fita continuava a correr e o dístico ilucidava:

«Jozeline como ele nau venisse si foy au Conde Ricardo.»

Então Rogerio decidiu-se. Com mão tremula segurou o programa e voltou-se resoluto.

Mas uma velhota que estava na fila de traz, tão interessada com o drama do écran, como indiferente com o que se estava desenrolando no

coração de Rogerio, conteve-o com estas palavras de suplicante ansiedade:

— Onde foi a Jozeline que não tive tempo de ler?

— Foi ao Conde, minha senhora.

E novamente decidido, rasgou ao programa a metade inutil e entregou a Carlota aquela que continha a sua apaixonada declaração.

Ergueu-se impressionado: atravessou a fila, pisou todos os calos que tiveram a triste ideia de se atravessar no seu caminho e saíu palido, visivelmente comovido.

Esperou, nervoso, largo tempo. O seu coração batia o compasso das grandes comoções.

O espectaculo devia estar prestes a terminar.

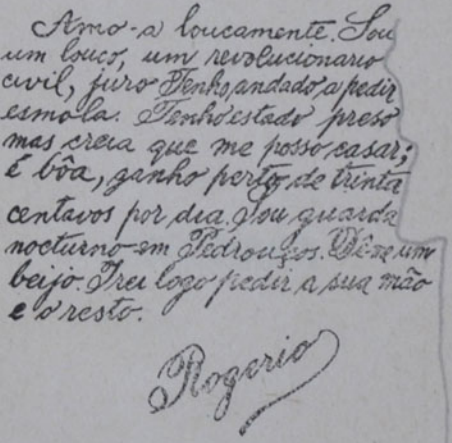
Para matar o tempo desdobrou o resto do programa com que ficára, mas ao olhá-lo estremeceu; reparou, então, num calafrio, que a maior parte das suas palavras e dos seus mais ardentes sentimentos tinham a-final vindo consigo.

Ao rasgá-lo nas trevas, rasgára tambem grande parte da sua apaixonada confissão.

E o que teria ela pensado, ao ver frases truncadas, ôcas de sentido; palavras soltas e sem nexo.

Louco, fora de si, ia correr, desfazer o engano, completar a sua declaração, explicar o sucedido, mas já Carlota, altiva e arrogante, saía pelo braço do tio, e ao passar perto de Rogerio, desalentado e aturdido, atirou-lhe aos pés com desprêso, amarfanhada, a declaração que ele lhe dera.

Então Rogerio, perdido, louco, palido e louro, muito louro e frio, apanhou o papel sinistro e leu atonito e quasi desfalecido, esta enormidade que o acaso, o destino e a sua pouca sorte, haviam arquitectado:


Amo-a loucamente. Sou um louco, um revolucionario civil, juro. Tenho andado a pedir esmola. Tenho estado preso mas creia que me posso casar; é bôa, ganho perto de trinta centavos por dia. Sou guarda nocturno em Pedrouços. Dê-me um beijo. Irei logo pedir a sua mão e o resto.

Rogerio

ESPIGOMANIA

Espigomania

Ele já não podia de forma alguma viver naquele inferno. Era superior ás suas forças. A sua paciencia a-pezar de grande, as suas faculdades mentais a-pezar de robustissimas, não podiam mais suportar aquela espiga, aquela grande espiga.

Com a moda agora adoptada nas revistas, de meter na memoria do publico a martelo e por musica, as canções de mais efeito dessas peças e dado o feitio do nosso povo, que em se lhe metendo uma coisa na cabeça, nunca mais de lá ninguem a arranca, a não ser pela substituição por outra do mesmo genero ou em ultimo caso, pela operação do trepano, inventou-se um novo suplicio auditivo para grande parte da humanidade.

Nomeadamente para quem tenha perto algum desses teimosos bipedes cantadores, que nos martirisam por varias formas e processos.

Uma das formas mais vulgarmente usadas de causticar, entre nós, os ouvidos do proximo, é a das serenatas a desoras, quando as vitimas de tal flagelo teem iniciado o seu primeiro sono.

E' um ruidoso sport a que numerosos Carusos de viela se dedicam.

E quanta vez, só porque na visinhança existe uma donzela flirtosa e folhetinesca, está um bairro inteiro sujeito a passar noites em claro, devido à furia cantante de varios mancebos atiradiços.

Ora estes casos deviam estar previstos nos codigos.

Mas infelizmente, a-pezar da caudal legislativa que há muitos anos nos inunda, não houve ainda alguem que estabelecesse a justa sanção, para tão insolitos atentados à tranquilidade alheia.

E se não fôr a justiça privada dum regador despejado a tempo ou dum vaso de manjerico disparado com mão certeira e oportuna, nada nos pode valer.

Vi uma vez um sujeito que, irritado perante a furia dum cantador com voz de vitelo agonisante, assomou à janela furioso e começou batendo as palmas ao guarda nocturno da area, para mandar calar o esganiçado moço.

Porém este, supondo-se aplaudido, redobrou de entusiasmo e de trinados e então o outro, perdendo a cabeça, alucinado, desceu à rua mesmo em chinelos e pijama e se não lho tiram das mãos, fazia-lhe engulir a banza e a cantiga.

*

* *

Mas ainda outros factos de muito maior gravidade podem dar-se.

Vem isto a proposito dum caso de que tive conhecimento e na verdade lamentei.

Foi o dum excelente moço, empregado numa casa importante e numa bela situação, a quem uma dessas canções caídas no ouvido do publico, teve o condão de transtornar em absoluto e desgraçar por completo.

Devemos concordar que certas canções, a-pezar de interessantes, se tornam intoleraveis, à força de repetidas.

No caso que passo a relatar, o flagelo foi a «Espiga», canção de certa revista, que constituiu, de facto, para o pobre mancebo, uma grandissima espiga.

Depois de a ter ouvido no teatro, começou a escutá-la por toda a parte: nas ruas, nos clubs, nos bailes, nos cinemas. E por fatalidade, tinha no prédio onde morava, varias vizinhas pianistas, um harmonium, um gramofone e duas pianolas.

Em certas noites o ruidoso predio lembrava uma caixa de musica em ponto grande. E quando, cada um dos moradores escolhia musica diferente, era o efeito desafinado e pavoroso dum jazz-band colossal.

Mas depois de estar em voga esta canção, quasi

sempre em todo o predio, os varios instrumentos atacavam em unisono a mesma Espiga.

E o meu pobre amigo, bloqueado por todos os lados, ouvindo a espiga em todas as direcções e em todos os tons, tinha a sensação de estar numa seara infernal cujas espigas lhe flagelassem o rosto, os olhos, a boca e principalmente os seus pobres ouvidos saturados.

Por vezes, não podendo já suportar este suplicio, quando uma visinha começava: «Oh! Ih! Oh! Ai!»... ele punha o chapeu e saía porta fóra, como louco.

Por fim já bastava alguem junto dele dar um ai, para debandar numa loucura.

Outras vezes no meio do jantar ou do almoço, abandonava o garfo ou a colher a meio caminho do prato à boca e fugia esbaforido.

Mas na rua o desgraçado, ao saír a porta, esbarrava com um operario que regressava do trabalho assobiando a «Espiga».

Contou-me que uma vez, numa destas fugas, para cumulo do seu martirio, ao sentar-se num electrico, o condutor veio cortar-lhe o bilhete, trauteando a «Espiga».

Era de mais. Pensou em emigrar. Mas conteve-se, na esperança de que abrandasse tão flagelante epidemia.

Mas qual. Cada vez esta febre alastrava mais.

Uma noite dispunha-se a escrever tranquilamente e com os ouvidos calafetados de algodão

hidrofilo, a uma prima de idade que vivia na provincia, quando instintivamente, sem querer, ao começar: «Maria», continuou sem dar por isso «são teus olhos azeitonas»...

Furioso quebrou a pena, rasgou a carta, amaldiçoou aquela terrivel praga que lhe caíra na memoria e o perseguia mesmo em sonhos. Era já obseção.

Para ele já todos os dias da semana eram da espiga.

E tinha subitas falhas de memoria, inexplicaveis enganos, lamentaveis esquecimentos, terriveis e desastrosas abstracções.

Certo dia, tratando com o proprietario dum grande armazem de vinhos, de qualquer negocio importante da firma onde trabalhava, ao ouvir o dono do estabelecimento dizer ao moço: — Veja lá esse vazilhame, daqui a pouco jorra o vinho dos toneis...

Ele, sem se conter, continuou cantando: «para os labios das moçoilas, mais vermelhos que papoilas»...

E perante a admiração dos outros, caindo em si, saiu furioso e praguejando.

E' claro que este estado morbido não podia deixar de ter funestas consequencias e um triste desenlace.

E assim foi, infelizmente.

Uma tarde, estando reunida a direcção da Emprêsa que o tinha como empregado, mandaram-no

chamar a-fim de dar explicações sobre um dos seus ultimos e agora tão vulgares e tão estranhos esquecimentos.

E um dos directores, depois de lhe fazer sentir o transtorno que a sua falta ocasionára, terminou desabridamente:

— Ora isto assim não pode continuar. Já é demais. Então o senhor não sabia qual o caminho a seguir neste caso? Não conhece os nossos contractos em todas as suas clausulas? E não conhece muito bem os meios de que me sirvo nestas ocasiões? Não sabe os processos que eu adopto?

— Os seus processos? fez ele abstracto.

— Sim, bradou o director, não sabe os meus processos?...

E ele confuso murmurou apenas:

— Os processos... os seus... sei-os... cachos d'uvas que abandonas... à vindima desta bôca...

E caiu fulminado por uma sincope, ante o olhar esgazeado e atonito da Direcção.

OTHELO... PARA PERNOITAR

Othelo . . . para pernoitar

Ernesto da Silva Teles, saindo completamente fora dos seus habitos, jantou nesse dia com alguns amigos e foi à noite ver o Othelo.

Foi uma grande imprevidencia porque o Ernesto, além de muito impressionavel, era tão nervoso, que chegava a ter cheliques como qualquer Ernestina.

O medico tinha-lhe proíbido a contemplação de coisas que o pudessem impressionar, como desastres em que houvesse sangue derramado, a agonia dos moribundos, os enterros, os credores teimosos, as contas de mercearia, etc. Tragedias, nem cheirá-las. Ernesto procurava por isso apenas o que lhe pudesse dar alegria; e só frequentava o Coliseu, as revistas do ano, e no cinema só via as fitas do Charlot. A esposa, a D. Celeste, ao principio de casada, ainda uma vez lhe apresentou uma conta de modista; mas o Teles levou as mãos ao coração e foi remedio santo. Daí para o futuro a mulher, temendo qualquer desastre, nem lhe falava em contas. Ele lá as

pagava da mesma forma, mas sem dar por isso e portanto sem dôr.

Desta forma o Teles, a-pesar do seu temperamento melindroso, era feliz. Mas o diabo tece-as. E foi assim que nessa pandega excepcional com os amigos, além de se exceder nas comidas e mesmo nas bebidas, acedeu por fim, imprevidente, a ir ver a tragedia Shakespeareana.

O resultado era de prever. A partir do 2.º acto, o Ernesto, excitadissimo, começou a manifestar uma grande agitação; e quando o pano caiu no final da peça, os amigos notaram com surpresa a sua completa mudança. Tão profunda, que sem mesmo se despedir, partiu com uma pressa inexplicavel.

*
* *

Quando entrou, em casa, D. Celeste dormia profundamente. Ele olhou-a transtornado, aproximou-se do leito, passou a mão pela fronte e exclamou com a voz tragica:

— Sim, tambem eu não queria verter teu sangue, ó branca pomba adormecida, mas não posso hesitar. O dever, a honra, a vergonha, o brio, o pundonor, enfim, todas essas coisas que parece mal a gente não usar, ditam-me que o faça, impõem-me esse gesto e cumpri-lo ei; oh! sim! Nada me demoverá.

Parou, extenuado da longa tirada; mas logo em voz mais forte prosseguiu:

— E eu, que lhe dei o alento, terei de apagar aquela chama, aquela chispa vital, ó crueldade da sorte!...

D. Celeste, ao ruido de tão insolito monologo, erguendo-se no leito, exclamou admirada:

— Mas que barulho é este?! Vens a que horas e ainda por cima a discursar. São ainda os restos do banquete? Vens ainda nos brindes? Ora vê se te deitas e se te calas.

Ele nem lhe respondeu, e prosseguiu:

— Tem de ser, tenho de apagar esta chama, esta chispa vital.

— Eu logo vi que essas jantaradas com os amigos davam mau resultado, — disse ainda D. Celeste deitando-se — agora queixas-te do chispe; pois se te faz mal, quem to mandou comer?

— Enganas-te mulher perversa, serpe daninha, que eu tenho acalentado ao meu seio, — trovejou ele, tragicamente.

— Bom, estou a ver que tambem bebeste demais.

— Antes assim fôra, antes este fogo que me abraza, tivesse a origem que imaginas.

— Pois olha que me não restam duvidas acerca da origem desse fogo. E' por isso que eu não gosto nada dessas pandegas.

— Pois bem, pensa o que quizeres — bradou o Teles, — mas quero ver aquele lenço que te dei

quando casámos; aquele lenço amarelo, com um C, um R, um E e um T, entrelaçados; esse lenço que foi portanto o simbolo do nosso enlace, que afinal havia de ter este tão tragico desenlace, ó Numes que me ouvis...

— Qual Nunes?! trouxeste alguem aqui para o quarto? — disse D. Celeste compondo-se, assustada; — tu não estás bom!

— Deixa ver o lenço, já disse.

— Sei lá agora disso! É melhor que te deites e que me deixes dormir.

— Já disse, quero o lenço!

— Estás em pé tira um, aí, da gaveta. Mas para o que te havia de dar!

— Só evasivas, só desculpas. Naturalmente tambem o perdeste, enganadora serpente.

— Mas que mania! Que lenço que te havia de vir agora á cabeça. Onde é que ele irá já.

— Déste-o! gritou o Teles, triunfante...

— Aquilo prestava lá para dar! Era tão bom que se fez em tiras, daquela vez que te fiz umas papas. Mas não é caso para essa aflição; no Grandela, a 15 tostões, tens quantos tu quizeres.

— E' isto, Yago tinha razão, — bradou o Teles.

— O Tiago? O quê, o guarda-portão? Querem ver que esse mexeriqueiro te meteu alguma na cabeça. Deixa que eu amanhã lhe direi, — concluiu D. Celeste, virando-se para o outro lado.

— Nesse caso não me dás o lenço?

— Pois sim, espera por essa — disse D. Celeste, bocejando.

— Ah! Traidora — trovejou o Teles.

— Ai Jesus, que susto me pregaste — gritou D. Celeste, sentando-se novamente na cama — Mas que disparate é esse? Não acabas com isso hoje?

— Cala-te, mulher ingrata, cala-te Desdemôna, — regougou ainda o Teles, que tinha digerido mal o nome dos personagens.

— Mau; isso agora é demais. Não admito que me chames esses nomes!

Entretanto o Teles tinha subido a uma cadeira e arrancava duma panoplia que em tempos improvisára, um dos alfanges ferrugentos que tinha comprado n'um ferro velho.

— O' homem, não comeces agora a desarrumar a casa, — gritou D. Celeste.

— Silencio! Impoz o Teles, empunhando o gladio — se te lembras dalgum crime para que não conseguiste perdão do ceu, implora-o já...

— E' o que eu digo, estás de todo — respondeu D. Celeste; e chamou para fora: O' Balbina, Balbina.

— Escusas de chamar, ninguem te salvará.

— A senhora chamou — disse a criada fóra.

— Chamei, sim; vai num instante à farmacia e compra tres tostões de amoniaco, mas depressa.

— Queres então envenenar-me? exclamou o Teles. — E' tarde...

— Isso sei eu, — concordou D. Celeste, dispondo-se a saír do leito; já passa das 2 horas e tu aí nesse disparate...

— Não tentes sair do leito, — tornou ele; estás no teu leito de morte.

— Hein! Mas tu endoideceste! Que tal foi a pinga! Deixa que não tornas a pôr o pé em jantaradas.

— Maldição! Pois bem, os teus insultos, as tuas frases caluniosas morrerão no gume desta espada — disse o Teles avançando.

— Pois atreve-te, — gritou D. Celeste — vem para cá com a espada, que eu agarro no pau da vassoura e vamos a ver quem fica pior.

Ernesto considerou que perante a realização daquele «ultimatum», seria um tirano encravado; e na sua qualidade de *Othelo* de trazer por casa ficou perplexo. Mas reconsiderou que o pau da vassoura estava na cosinha e colocando-se portanto defronte da porta, a cortar a saída, bradou, fazendo-se forte:

— Não me atemorisas com as tuas ameaças e não penses demover-me dos meus propositos sanguinarios...

— O' Teles, deixa-me passar! — intimou D. Celeste, estranhando contudo a inesperada resistencia do marido; — O' Teles, toma cuidado...

— Oteles, não, Othelo, — emendou ele. — Neste momento sou Othelo, o mouro enraivecido e cheio de razão para vingar-me...

D. Celeste sentou-se novamente na cama, admirada de todo aquele *dispauterio*.

O Teles, aproveitando a indecisão do inimigo, procurou arrancar da panoplia uma outra espada mais comprida; mas tão desastradamente que se cortou e fez desabar a panoplia sobre uma jarra, que tambem tombou sobre outros bibelots, que tambem caíram, escaqueirando-se e fazendo um diabolico chinfrim.

D. Celeste, já perturbada, perante o inesperado estrondo, desmaiou.

Mas ao mesmo tempo surgiu nos bastidores um personagem, que não tinha ainda entrado em scena e para quem todo aquele ruido fez o efeito das pancadas de Molière.

A sogra do Teles, a D. Bernarda, entrou no quarto, alarmada, e ao ver todo aquele aparato, — o Teles armado até aos dentes e com a mão ensanguentada e a mulher estendida na cama,— pôs as mãos na cabeça e gritou, com voz que faria estremecer a galeria:

— O quê? a minha filha morta...

— Morta, não, apenas inanimada — emendou o Teles, com o ar tragico a que se tinha agarrado.

— Desanimada devia ela estar de o ver assim. Mas onde vai o senhor com essa espada? Querem ver que tambem anda metido por essas revoluções? Mas agora reparo, aqui há sangue! Santo Deus, o que fez o senhor?

— Esse sangue por enquanto é só meu, mas em

Optimismo de um pai... da patria

Nos velhos tempos parlamentares, encontrámos uma vez no Congresso, na Sala dos Passos Perdidos (assim denominada, porque dos passos que ali se davam, não resultava utilidade para ninguem) um deputado nosso ilustre conhecido, que desde o advento do regime, conseguira criar tão fundas raizes em S. Bento, que nunca mais de lá saíra.

Fôra sucessivamente eleito; era já crónico; e pelas varias postas que alcançára, tinha-se tornado tão dispendioso para o tesouro, que na verdade era um Pai da Patria, que mais parecia um afilhado.

E por certo as futuras eleições continuariam a mantê-lo no seio da representação nacional, o que era a melhor forma de não voltar ao seio da família.

Foi mesmo esse o principal, senão o único motivo, que o fez ingressar na política. Vivendo na provincia, erá este o melhor pretexto para as longas escapadelas até à capital.

Optimismo de um pai... da patria

Nos velhos tempos parlamentares, encontrámos uma vez no Congresso, na Sala dos Passos Perdidos (assim denominada, porque dos passos que ali se davam, não resultava utilidade para ninguem) um deputado nosso ilustre conhecido, que desde o advento do regime, conseguira criar tão fundas raizes em S. Bento, que nunca mais de lá saíra.

Fôra sucessivamente eleito; era já crónico; e pelas varias postas que alcançára, tinha-se tornado tão dispendioso para o tesouro, que na verdade era um Pai da Patria, que mais parecia um afilhado.

E por certo as futuras eleições continuariam a mantê-lo no seio da representação nacional, o que era a melhor forma de não voltar ao seio da família.

Foi mesmo esse o principal, senão o único motivo, que o fez ingressar na política. Vivendo na provincia, era este o melhor pretexto para as longas escapadelas até à capital.

Ansiosos por conhecer os seus projectos e intenções para as futuras camaras, abordámo-lo, posto que o vissemos com cara de poucos... mesmo de nenhuns... amigos.

— Pelo visto mal disposto; alguma notícia desagradavel?

— Penso que isto não pode continuar assim.

— Mas o que há?

— Não há nada. E' esse o mal. Não há dinheiro; não há caracter, não há vergonha; o custo da vida por exemplo já devia ter baixado...

— E' a unica coisa em que a-pezar de ser para baixo, os Santos não ajudam.

— Verá quando o meu partido subir ao poder...

— Em que partido está?

— Cada vez mais para a esquerda. Sou canhoto de nascença. E' portanto o partido em que me sinto mais à vontade.

— E o que projecta para as futuras sessões legislativas?

— Antes de mais nada, melhorar a pavorosa situação dos parlamentares. O nosso sacrificio pelo país tem de ser condignamente compensado. Tenho uma família numerosa; a vida continua carissima; os generos um dinheirão, o vestuario um desproposito; o calçado um pavor; diga-me, como hei-de descalçar esta bota?

— Está apertada?

— Não: falo da minha situação que é insustentavel; o nosso cargo espinhoso merece uns certos

privilegios. Já não digo que nos dêem automovel, mas pelo menos electrico; vou propôr isso, que nos dêem um passe...

— Sim, talvez passe, deve propôr...

— E é bem pouco; deviamos ter, como certos funcionarios, casa, água e luz...

— Mesmo roupa lavada e engomada.

— E então não era justo? Mesmo um telefone e um correio privativo; enfim, umas certas regalias...

— De-certo uma vida regalada.

— Mas para o bem da patria, porque nós temos uma alta missão a cumprir.

— Lá isso teem.

— E' pelo bem do país que trabalhamos.

— Bem mal.

— Mas bem vê, com esta má disposição constante, não podemos fazer mais...

— E' claro, o *bem* da patria tem de ser *bem* pago.

— E não é justo pelo muito que sofremos? O publico é perverso, temos que lhe sofrer as afrontas; quantas vezes ainda nos acusam de termos cumplicidade em negocios escuros.

— Intrigas, a camara é que é um pouco escura.

— E afinal o país não está num estado tão crítico como o pintam. Dizem que não há dinheiro, mas há.

— O' s'ha.

— Diga...

— Não é consigo; isto é, estava aprovando.

— Diz-se que estala mais isto e mais aquilo, mas mesmo que estale, alguma coisa se há-de fazer.

— Concerta-se.

— Mesmo que venha a bancarrota...

— E' claro, cose-se...

— A nossa situação não é assim tão desesperada; a França está-nos reconhecida; morremos-lhe nos campos de batalha: ninguem pode negar que nos batemos com os alemães...

— E até com as francesas...

— A nossa industria tende a desenvolver-se...

— E' certo, há imensos cavalheiros que a ela se dedicam agora...

— O comercio tem engrossado...

— Até mesmo os comerciantes...

— Somos um país esplendidamente colocado para o comercio mundial, temos largas e extensas costas.

— Na verdade temos as costas largas...

— A Inglaterra é nossa amiga, aprecia-nos...

— Imenso...

— Sabe que temos um vasto territorio, que temos numerosas colonias...

— Acha que temos até demais...

— A Europa olha-nos como um povo glorioso; raça de guerreiros e de heróis; enfim um povo que tem passado...

— Que está mesmo passado com tudo isto.

— O mundo só espera que nós, raça de navegadores, de novo nos lancemos ao mar.

— De-certo, era uma limpeza.

— A nossa vida tem sido no mar...

— Na verdade sempre temos ido no bote...

— De resto ainda temos navios...

— Estamos a vê-los.

— A America tem os olhos postos em nós.

— Os olhos e muitas vezes os marujos.

— Porque nós somos o país com quem por via marítima mais facilmente pode comunicar; o país enfim, que pela sua situação, a America tem mais proximo como entreposto comercial.

— Sem dúvida, mais à mão de semear.

— Porque, finalmente, meu caro, deixe-me dizer-lhe, nós é que não sabemos aproveitar a esplendida situação geografica de que gosamos, porque estamos aqui mesmo no centro da Europa e do mundo optimamente encravados...

— Encravadissimos ..

EL-REI BOATO

EL-REI BOATO

El-rei boato

E' nosso velho hospede. De geração espontanea, desenvolvendo-se com uma intensidade verdadeiramente tropical, bafejado pelo nosso clima exuberante, pela nossa atmosfera política propicia e alimentado pelo nosso temperamento palrador que tão bem lhe quadra, criou entre nós fundas raizes. Sempre novo, fecundo, imaginativo, é incansavel de actividade, principalmente quando os ares estão um pouco turvos e se espera alguma coisa.

Quando a tormenta se julga então mais iminente e proxima, el-rei boato, feliz no seu elemento, estala, circula, propaga-se, multiplica-se, toma proporções de realidade; e febril, rapido, de bôca em bôca, aumenta, torna-se complexo, medonho, terrivel, adquire as proporções de calamidade irreparavel, de juizo final.

Um exemplo:

— Ouvi agora dizer que esta noite os do 19 de outubro, estão na Rua 20 de Abril e já fizeram um 31...

— De Janeiro?

— Não, um 31 de bôca, isto é, disseram coisas tremendas, que vão assaltar...

— Não me diga mais...

— Mas espere; estava tambem um grande republicano, dos da velha Guarda...

— Da Guarda Republicana?

— Oiça; apareceu tambem um militar, um major; de repente o chefe do grupo foi pr'ó major...

— O quê, mataram-no?

— Não, foi pr'ó major e disse-lhe, que lhe constava que na Brazileira os de 14 de Maio, tinham dado muitos vivas, e que depois rebentou uma bomba, causando algumas mortes.

— Isso é velho; entre nós os vivas dão quasi sempre mortes.

— Mas escute; parece que depois combinaram ir buscar os de 18 de Abril e os de 5 de dezembro, que tinham ido para a antiga Feira de Agosto, tentar um novo 5 de outubro.

— Que me diz!! Vou já para a rua 24 de Julho.

— Mas para quê?

— Para me meter em casa!

— Mas aí não há nada!

— Melhor, é lá que eu moro.

Despedem-se; no caminho o informado encontrando um conhecido:

— Não vá para a Baixa, homem.

— Mas o que foi?

— Há para lá o diabo, meu caro; já rebentaram bombas dentro da Brazileira.

— Naturalmente de clorato.

— De clorato ou de cloreto; isso não sei; o que é certo é que elas rebentaram e os mortos são aos montes.

— Mas porquê? Quando?

— Não sei, homem; só o que eu lhe digo é que a guarda republicana já foi quasi toda p'ró major; não ficou uma pessoa viva na Brazileira; vão assaltar os de 18 de abril, na feira de Agosto e vai ser pior que o 5 de outubro.

— Bem, bem, vou só ali comer alguma coisa e vou já para casa.

— Não se aventure muito, veja lá...

Despedem-se: o novo informado entrando tremulo num restaurant, para o criado:

— Então, temos bernarda?

— Non xenhor, háy mãocinhas cum faxão e chispe cum herbas.

— O quê, não sabes? Pois rebentou outra revolução; mas desta vez não é para graças; já assaltaram a guarda republicana, onde não escapou nem o major; há imensas mortes na feira de agosto; estão os de 18 de abril e os de 14 de maio a contas com os de 19 de outubro; não ouviste as bombas?

— Bi paxar os bombeiros, mas non xabia que habia fogo.

— Falo das bombas que rebentaram; mas traz-me a ceia depressa, porque isto vai dar sarilho grosso; deve estar tudo de prevenção; as tropas se calhar

não teem força para a manutenção da ordem; se isto não fôr afinal um movimento militar. Mas despacha-te, homem, que não me posso demorar...

O criado muito palido sai correndo; pouco depois o patrão manda fechar a porta e pôr os taipais; um freguês que estava escrevendo uma carta para fora de Lisboa, termina rapidamente:

... «e agora termino porque rebentou uma grande revolução que segundo o que corre deve ser terrivel; assaltaram já a Manutenção Militar; supõe-se que é o 5 de outubro; as bombas rebentam por todos os lados, causando mortes aos milhares; agora mesmo passou uma aqui à porta; diz-se que na Rua 27 de Abril os de 14 de Maio mataram um velho major que ia para a Feira de Agosto.»

Um outro freguez apressado, paga e retira-se; na rua encontra outro:

— Você ouviu?

— Não. Você disse alguma coisa?

— Não ouviu nada? Então onde é que esteve?

— Estive no «Condes»!

— Então não ouviu nada?

— Não, era só animatografo, isto é, ouvi a musica.

— Mas cá fora?

— Não; estive lá dentro, no balcão.

— Mas cá fóra na Rua?

— Na rua não encontrei ninguem conhecido.

— Pergunto se não viu nada; então não sabe que rebentou a bernarda...

— O quê, a mulher do Gomes? Oh! coitada! Entou piorou?

— Não homem; falo das bombas, dos tiros, da revolução que está na rua; a Guarda Republicana assaltada pelos do 18 de abril; os de 14 de Maio na feira de agosto, querem fazer um 5 de outubro...

— Mas se estamos em Novembro?

— Isso não quere dizer nada; só lhe digo isto: meta-se já em casa e não se aventure.

— Era exactamente para onde eu ia, para dentro da cama.

— Será talvez melhor para debaixo, para debaixo da cama.

*

* *

No dia seguinte os numerosos informados procurando nos jornais, ansiosamente, as notícias da vespera:

— Devia ter sido tremendo o sarilho; os jornais nem dizem nada!

A ÚNICA SAÍDA

A UNICA SAIDA

A única saída

O futuro está no ar. Talvez ninguem o diga mas é assim. A terra e o mar são elementos gastos, explorados. O espaço é agora a tentação. Tudo vai pelos ares ou a poder de dinamite ou de avião. Todos querem subir. Todos querem voar, todos querem atingir por esse processo a gloria e a fortuna.

Os numerosos raids, records e varias voltas ao mundo, teem dado volta a muito miolo contemporâneo.

Num electrico ouvi eu este dialogo edificante e bem demonstrativo do que afirmo:

— Não, meu caro, isto não pode continuar assim; o negocio não me dá para viver; por mais que esfole a freguezia, não me chega, não passo da cêpa torta. Estou farto de nadar em dificuldades constantemente, farto de privações, de miserias...

— Mas o que quere você! E' preciso a gente conformar-se.

— Impossivel, não posso mais.

— Nesse caso só tentando outro modo de vida.

— Isso sim; está tudo exploradissimo, tudo. Isto é, há só uma coisa hoje que nos pode salvar ainda...

— Diga lá; se me convier tambem aproveito.

— Uma única solução, uma única saída...

— Um tiro nos miolos?

— Não é bem isso, se bem que possa vir a dar o mesmo resultado.

— Então já vejo que não me serve.

— A única saída, acredite, é irmos pelo ar.

— O diabo seja surdo.

— Refiro-me ao nosso resgate de miserias, ao nosso engrandecimento pela aviação. Veja como de toda a parte estão partindo arrojados aviadores, cruzando o espaço em todas as direcções, conquistando records, fazendo raids, que lhes dão a morte, ou a celebridade e a fortuna.

Já vê, portanto, qual é hoje a única solução para saír desta mediocridade em que vegetamos contrafeitos; qual é, afinal, a única saída, a única solução; um raid, que pode muito bem ser na verdade, um raid que nos parta por uma vez, fazendo-nos partir desta para melhor, mas que nos pode trazer tambem a felicidade completa, a fortuna, a imortalidade, a própria glória, que é como sabe, uma senhora bastante caprichosa e reservada, mas que num caso destes, fica logo pelo beicinho.

— Diz bem, é uma senhora muito esquisita, muito cheia de manias.

— Tem revoadas. Agora, por exemplo, é doidinha por azes, toda ela é azas. São caprichos. Você pode fazer um livro genial, uma descoberta sensacional ou uma invenção maravilhosa que venha roubar à morte, por esses seculos fora, muitos milhões de vidas; e ela pode não lhe ligar nenhuma ou ligar-lhe menos importancia do que ligaria, se você tivesse vencido a sôco alguns dos seus mais brutos semelhantes ou inventasse uma dança, que entre os proprios selvagens cairia pelo ridiculo.

— E' certo, e aí tem porque todos agora pretendem cativá-la por tais processos.

— Veja, portanto, se não tenho razão e se não penso bem. Todos os dias estão a surgir novos herois, e novos aviões intentam novos raids, procuram bater novos records, e daqui a pouco no espaço não haverá espaço para um simples papagaio de papel. E compreende-se, porque isto de aviação é uma grande vida. Respira-se bom ar, está-se sempre de alto e metendo-se a gente a uma viajata mais comprida, não lhe digo nada: a gente farta-se de papar festas, banquetes, discursos, homenagens, enche o papinho de recepções, de aclamações, orações, consagrações, mesmo paixões, e vê a seus pés delirando varias grosas de senhoras sortidas, incluindo a própria D. Glória, que nos abrirá por fim os braços, acolhedores e suculentos.

— Sim, com efeito, tudo isso é tentador, mas o

pior é o reverso da medalha; uma pane, um fracasso, e...

— E então? Será a morte, sim, mas a morte gloriosa, a morte com o nosso nome gravado nas páginas da história, pelo menos a letras de ouro, o que vale hoje um dinheirão.

— Pois sim, tudo isso é muito interessante, mas como quere você meter-se numa dessas, se não percebe nada do assunto.

— Não é tanto assim...

— De aviação! Mas o que sabe você de aviação?

— Então não estou farto de aviar os fregueses lá na loja?...

— Mas não é o bastante para poder aterrar com segurança em qualquer parte...

— Aterrar! Ora essa, meu caro amigo, mas quantos tenho eu conseguido aterrar com os preços lá da loja, que são todos elevados, teem todos, como eu próprio, esta grande tendência para subir...

— Ora, ora...

— Mas tenho um grande auxiliar: o namoro da minha criada, que é mecânico.

— Nesse caso vai você apenas como observador.

— Eu sempre fui muito observador. Lá disso tenho prática. Levo o mapa, um binoculo, um impermeável...

— E' talvez melhor um macaco...

— Qual história! Começava-me lá dentro aos pulos e desiquilibrava-me o aparelho.

— Falo dum macaco de ganga...

— Desses nunca vi...

— O' homem, destes de vestir.

— Ah! supus que era destes de saltar.

— Mas você já pensou bem no que vai fazer? Vai, afinal, arriscar a vida, vai talvez sacrificar-se inutilmente pela família. Sim, deve ponderar bem os prós e os contras. Vamos que há um desastre, que você desaparece; ora a família ficará ainda pior.

— Qual história! Eu vou sacrificar-me, arriscar a vida, sim, mas a família vai tambem toda comigo.

— O que me diz?

— Toda, incluindo a própria cosinheira. Vai tudo. Arranjarei um avião dos grandes, um avião em estilo camião. E' como lhe digo. Eu arriscar a pele sózinho! Era melhor! Não senhor, temos todos que fazer pela vidinha. Pois então! Em caso de desastre, ou morrem todos, ou há moralidade.

— Mas vai sujeitar a família a um grande perigo! Isso é uma temeridade!

— Pois aí é que está o valor do meu empreendimento. Isto é que é original. Isto é que ainda ninguem fez, nem conseguiu. Um raid familiar. Conseguir dar a volta ao mundo pelo ar, com o domicílio conjugal completo, incluindo a mulher, a sogra e o papagaio. Vai ser uma coisa sensacional, creia. A família Pires ficará célebre nos anais da aviação domestica.

— Sem dúvida, isso vai interessar o mundo.

— O mundo inteiro e o meu predio, onde os vizinhos se vão morder de inveja, quando nós voltarmos herois, verdadeiros azes...

— O pior é se voltam desazados.

— E nós os Pires, ficamos com um lugar certo na História.

— Se não se partirem todos pelo caminho; o que será naturalissimo, porque, afinal, você não tem preparação nenhuma para um tal empreendimento.

— Rapidamente me preparo. E depois estes raids estão sendo tão freqùentes e tão bem sucedidos, que já não há nada a temer. Veja quantos ultimamente os teem feito.

— Mas bem vê que esses são azes e você nesse ponto não passa dum azelhas.

— Pois verá como vou assombrar o mundo.

— Sim, pelo menos pela sua audacia. De resto, estou convencido que você poupará a família a esses riscos.

— Isso sim, vai tudo; está decidido: a mulher os pequenos, a criada e o respectivo mecânico Mesmo os canarios, que irão voando ao lado do aparelho e serão de grande utilidade para me orientarem na 1.ª etape, que é daqui para as Canarias. Eles vão lá direitinhos com certeza e poupam-me a mim o extenuante trabalho de consultar o mapa.

— Mas sériamente, você vai levar toda a famí-

lia?... Você não sabe em que se vai meter. Com a família toda isso vai ser um verdadeiro inferno ambulante. Calcule o que será uma questão conjugal assim no ar?

— Puro engano; não se ouve nada com o barulho dos motores.

PERIGO DE MORTE

Perigo de morte

Trocando há dias impressões com um dos mais conceituados pessimistas da nossa praça, sobre os constantes progressos da aviação, fiquei alarmado com algumas das suas considerações, sobre os perigos que daí podem advir.

— Não tenha dúvida que é um perígo para todos nós, dizia-me ele, isto das mulheres irem tambem agora pelos ares.

— Elas sempre foram mais ou menos cabecinhas no ar...

— Mas agora, com todo o corpo, muito pior, meu caro amigo. Principalmente sendo interessantes como a formosa miss Ruth, que fez andar a cabeça à roda a todos os jornalistas e aviadores que a foram cumprimentar.

— Mas não vejo onde o meu amigo quere chegar?

— Sinto-me bem aqui.

— Refiro-me às conclusões do seu raciocinio.

— Ah! Pois é muito simples. Suponha o que será de nós, se dum momento para o outro, as

senhoras bonitas começam a cruzar o espaço, a freqüentar em vez da alta roda, as altas camadas atmosfericas.

— E então?

— Vai tudo pelos ares.

— Para quê?

— Para as seguir. Aí vai toda essa enorme legião de mirones atiradiços que enchameiam por essas ruas da Baixa; aí vão todos esses moços das esquinas do Chiado, da Marques, da Monaco, da Brazileira, da Rua do Ouro...

— Mas é uma limpeza.

— Pois sim, mas um grande perígo para os que andam cá por baixo. Qualquer panne, qualquer escorregadela aerea, qualquer casquinha de laranja atmosferica e zás, lá vem um desses conquistadores desabar sobre as nossas pobres cabeças.

— No entanto devemos reconhecer que é de tentar uma entrevista no espaço, na pureza eterea do infinito. Então é que poderá com propriedade afirmar-se, que subimos ao setimo ceu.

— Mesmo às trapeiras celestes. Mas continuo na minha; é um grave perígo para todos nós. De todos os conflitos que se derem lá por cima, de todos os dramas passionais, seremos nós os sacrificados, sofrendo-lhes as conseqüências, aparando as vítimas e os destroços da tragédia.

— Não pense nisso; nenhum de nós se resignará depois a ficar peão eternamente; a andar cá por

baixo, terra a terra. Quem não quererá voar!? Calcule o que será uma aventura no espaço, uma verdadeira aventura celeste! E então quando aquela que nos tente a subir, se chamar tambem Celeste, será tudo celestial. Será belo então voar! Voar nas azas do amor!

«Quem não há-de ter asas para um sonho desses!

— Eu, por exemplo, que com os meus 90 quilos não arranjo asas que me sirvam, com certeza; que me estejam na medida. Nem eu posso andar com uma coisa dessas. O que diriam lá em casa, se me vissem entrar assim alado. Era caso para me pôrem de lado imediatamente. Se não me acontecesse pior. Quando fôsse a saír com asas, no momento azado e aprazado para qualquer entrevista, era caso para cairem sobre mim, deixando-me desazado. Nem pensar nisso é bom. De resto, não estou habituado a grandes vôos, a cavalarias altas.

— Sim, você não está acostumado a subir...

— Só a escada, quando volto para casa.

— Ora, meu amigo, perante uma gentil aviadora, qualquer de nós se lançava por esses ares.

— Pois aí é que está o mal. Era isso que se devia evitar. Vai ser um perígo para a humanidade. Veja o que aconteceu com a visita da aviadora americana. Andaram as redacções quási em pêso por ares e ventos, tripulando os Junker's; andaram os vários redactores dos varios jornais, dos vários países, cruzando o espaço, apenas para

bisbilhotarem a beleza da pequena com o perigo de deixarem as respectivas gazetas órfãs das suas penas. E se esta furia aviatoria começa a atacar o sexo fraco, calcule o que será de nós. Começam todos a cruzar o espaço; começam todos a aviar-se para as seguir, começam todos, aviadores profissionais e amadores, principalmente os amadores do... belo sexo, a atirarem com os aparelhos ao ar, com risco da nossa integridade física e grave prejuizo para a nossa balança economica, porque não ganharemos para os aviões que se hão-de espatifar, e não nos aguentaremos no balanço. Entendo que de futuro deveriam obrigar todas as senhoras que se dediquem à aviação, a usar aquele destintivo que teem certas cabines da electricidade: «perigo de morte».

«Sim, porque um pobre chefe de família, sem tal aviso, pode, ao saír pacatamente da sua repartição, perder a cabeça e, arriscando a vida, demandar o espaço na esteira de qualquer gentil aviadora que lhe caia do ceu aos trambulhões.

— Mas o perigo é deles. Que não se metam em aventuras e já não correm esse risco.

— Para eles e para nós. Pois se já nos vemos aflitos com as ondas, com as vagas de taxis desenfreados que circulam por essas ruas, o que será de nós quando a circulação lá por cima atingir egual intensidade. Ficaremos cercados de perigos por cima, por baixo, por toda a parte.

— Qual história: o transito aereo será tambem

regulado convenientemente. Não tenha dúvidas. O Sr. Ferreira do Amaral levantará logo vôo e estabelecerá o novo serviço de sinaleiros celestiaes.

— Essa agora?

— Claro; guardas alados de capacete branco e presos a balões cativos.

— Então os guardas é que hão-de estar presos a balões cativos? Isso é um paradoxo, polícias presos.

— Será apenas por um fio. E para os sinaes, em vez de simples apito, imitarão o trinar dos rouxinois e doutras aves, o que lhes dará um certo encanto, regulando tambem o transito com um apropriado bater de asas.

— Serão depois aos olhos das sopeiras, uns autenticos anjos da guarda.

— Alguns mesmo provenientes da guarda... republicana.

— A-pezar disso, estou na minha: os desastres serão muitos e os perigos serão grandes. Se todas as senhoras interessantes começam a pairar no espaço, onde iremos nós tambem pairar. O que será daqueles predios da baixa, até aqui sustentados pelos vários cardumes de mirones que lhes escoram as esquinas e que irão pousar nas várias esquinas do firmamento. A avaliar pelo entusiasmo que despertou a American Girl, o que farão os nossos numerosos Boys atiradiços, quando as girls portuguesas se lançarem no espaço.

— Então você não achou natural a recepção que lhe fizeram? Essas efusões, esse entusiasmo, essas expansões. Não acha que os nossos ases a deviam receber condignamente, como colegas, como aviadores?

— Qual, meu amigo; quais recepções, quais efusões; os nossos ases andavam todos, afinal, era a arrastar-lhe a asa.

COISAS DO INOCENCIO

Miss X. P. T. O.

Os concursos de beleza teem apaixonado muita gente.

O Calado foi um deles.

Tudo quanto sejam inovações, concursos, novidades, escandalos, descobertas o entusiasmam e o excitam.

Porque o Calado, o meu amigo Inocencio Calado, possuidor duma fertil imaginação, perante qualquer acontecimento sensacional, perde logo a cabeça e dá largas à sua prodigiosa fantazia.

Quando foi do 1.º concurso mundial, disse-me ele um dia ao voltar da Repartição:

— Que pena, meu amigo, que pena não terem tornado extensivo este concurso, sem quaisquer restrições, a todas as senhoras de qualquer idade e qualquer estado.

— Mas creio que em todos os Estados elas podem concorrer.

— Perdão, não podem por exemplo concorrer no estado de casadas e noutros estados tão inte-

ressantes como este. Porque então, sim. Sei eu quem ganharia este concurso.

— Sim?

— E' o que lhe digo. Se as senhoras casadas tambem pudessem concorrer, garanto-lhe que a escolhida, a preferida, a eleita, seria miss Calado...

— Quem?

— Sim, minha mulher, Miss Calado.

— Não tenho a honra de conhecer, lady Calado.

— Pois não imagina. E' um verdadeiro tipo de beleza...

— Um tipo?

— Ou uma tipa se quizer...

— Que ideia!...

— Sim uma verdadeira tipa de beleza, ou melhor uma beleza típica, perfeita, a minha Cândida...

— D. Cândida é a sua esposa?

— Sim. D. Cândida da Purificação Calado. E' o seu nome todo. A Purificação é da mãe. Do pai não usa nada. Era um sujeito muito modesto, que nunca gostou que divulgassem o seu nome.

— Talvez questão de principios...

— Não; porque o nome dele só devia vir no fim. Mas não imagina como é bela a D. Cândida. Tipo magestoso, soberano; bem lançada...

— Destes tipos de rainha, bem marcados...

— De rainha dos mercados, ou mesmo mais. E então nos seus tempos...

— Nos meus?

— Não senhor, nos dela; era modelar, uma verdadeira estatua, um assombro...

— Acredito. De resto não havia outra coisa a esperar do seu bom gosto.

— Sim, eu tive dedo. Sempre assim fui. Sempre tive muito gosto. E fui sempre exigente. Desde muito pequeno. Cheguei a recusar umas três ou quatro amas. Por fim, como não havia fórma de me contentar, deram-me leite de vaca...

— Ficou a chuchar no dedo...

— Fiquei a chuchar num biberon. Sempre assim fui pela vida fóra. Ou tinha uma coisa que satisfizesse completamente a minha sensibilidade artistica ou então nada. Já pode ajuizar portanto como será a D. Cândida. Mas espere, não me lembrava que o trazia comigo. Ora veja este retrato...

— Parece-me que estou a conhecer...

— Sim?

— E' o.. coiso... o D. Affonso.., o Infante.

— Não, que ideia! E' minha mulher, Madame Calado...

— Tem razão, não tinha reparado no bigode à americana.

— O buço diz bem. Dá-lhe imensa graça, não acha? Eu gosto imenso das mulheres com buço; sempre gostei. E este sinalzinho aqui na face; ora repare, todo retorcido? São apenas 5 pelinhos, mas dão-lhe um não sei quê, um charme especial. O meu amigo não tem nenhum sinal?

— Tenho no tabelião, o meu sinal aberto...

— Não falo dêsses...

— Doutros não uso.

— Pois foi uma pena minha mulher não concorrer. Era positivamente a sorte grande que me entrava em casa.

— E a popularidade...

— E a população inteira para ver a sua beleza. Que triunfo seria, meu amigo. E depois prendas, teatros, joias, vestidos, chapeus...

— Uma viagem de barco...

— De barco e de borla até à America.

— E pensar que sua esposa podia ser depois eleita rainha da beleza de todo o mundo...

— E' verdade, pensar que eu podia vir a ser rei, por afinidade. Eu rei! Eu Calado I! Faz pena!

— Não deixa por isso de ser um Calado de primeira; um excelente Calado. Já é uma consolação.

— Pois sim, mas para quem tenha aspirações, bem vê, não é bastante. E deixe-me dizer-lhe que muitas outras belezas ficaram ignoradas. Olhe, conheço uma pequena empregada na Mundial, que é uma beleza perfeita...

— Uma verdadeira beleza mundial, nesse caso.

— E muitas outras, não imagina. Isto foi mal organizado.

— Mas porque não forneceu o Calado uma das suas excelentes, das suas originalissimas ideias, na organização deste concurso?

— E creia que os resultados seriam bem diferentes. Em primeiro lugar eu acho que todas as senhoras deviam ser obrigadas a concorrer. Porque assim há muitas que não concorrem pelo receio do ridiculo ou por não gostarem de exibir-se.

— Ou talvez pelo receio de ficarem preteridas.

— Sim, elas não gostam de perder seja o que fôr. A não ser a cabeça que perdem facilmente. Mas por isso mesmo a apresentação ao concurso devia ser obrigatoria; por decreto. Exactamente como no recrutamento militar. Assim como os homens são obrigados a contribuir para a defeza da sua pátria, elas deviam ser tambem obrigadas a contribuir, com os elementos de que dispõem, para o bom nome do seu país. Assim ambos os sexos dariam o corpo ao manifesto. Eles expondo o corpo às balas do inimigo, elas aos votos do juri. Porque está em jogo a fama de beleza das nossas mulheres, a tradicional beleza da raça. E lá fora não sabem se a escolha foi feita cuidadosamente, como era necessário.

— Nesse caso, na sua opinião, o recenseamento de todas as formosuras nacionais.

— E juntas de inspecção, como na tropa. Mas inspecção cuidada, rigorosa...

— Os lugares da junta seriam de-certo disputados a sôco.

— E depois entendo que deviam organizar concursos preparatórios em cada classe, em cada

terra, em cada região de todo o país, não só continental, como insular e ultramarino. Depois selecções eliminatórias até ficar uma por cada cidade, vila ou aldeia; depois por cada districto, depois por cada provincia, etc., até ao apuramento final.

— Mas, ó Calado, por esse processo e com essa demora, quando se chegasse ao apuramento final já a escolhida teria cabelos brancos.

— Qual história, isto era rápido.

— Duvido. Com tantas comissões e apuramentos, parece me que Você no fim não chegava a apurar coisa nenhuma e via-se em apuros.

— Isso é o que lhe parece. E depois deixe-me dizer-lhe. Não concordo com a escolha que fizeram. Eu ainda não a vi, a-pezar de ter ido a todos os teatros onde ela vai e de ter perdido uma semana inteirinha, na rua onde ela mora, entre os milhares de pessoas que permanentemente cercam a sua casa.

— Então é só vontade de dizer mal. Se não a viu!

— Mas pelas notícias publicadas parece-me franzina; um destes tipos de beleza moderna, sem grandes fórmas, esguia, leve...

— Mas então o que desejava o meu amigo?

— Entendo que para representar o país devia escolher-se uma beleza tradicional, bem lançada, suculenta, de boas fórmas. Olhe, há por exemplo na minha rua uma pequena que estava mesmo

na medida, segundo a minha opinião. Rapariga morena, forte, pesada. E' o que de resto se deve apreciar na America, onde tudo é tambem forte, monumental. Não imagina, que mulher! São seguramente os seus 85 quilos bem pesados, bem torneados...

— Mas ó Calado amigo, isso afinal seria miss baleia!

— Não me diga isso. Aquilo sim. E depois desempenada, alta, como eles, como os americanos, como tudo na America, onde tudo é grande e alto, começando pelos predios monumentais...

— Mas escute, ó Inocêncio. Transija por momentos. Admitindo o processo adoptado como bom, qual das 3 últimas concorrentes teria Você escolhido? Sim, suponha que lhe apresentavam por exemplo a miss L. C. B. T., 18 anos, loiros, olhos azuis, etc., etc.; a miss M. N. B. F., 20 anos, cabelos pretos, olhos pretos, etc., etc. e a miss J. J. P. C. tambem 20 anos, tambem idem, etc., etc. Qual preferia?

— Olhe, meu amigo, cá na minha opinião, só aquela que descrevi era digna de representar a mulher portuguesa; e por isso, se me consultassem eu dizia-lhes muito francamente: meus caros amigos, não me venham cá com a miss L. C. B. T., e a miss M. N. B. F. e a miss J. J. P. C.; eu quero é uma miss X. P. T. O. e tenho dito.

Chinesices

A guerra civil chinesa transtornou tambem o Inocêncio.

Alguem lhe falou do perigo amarelo, de modo tão alarmante, que ele, num sorriso da mesma raça, se tornou logo pálido, como qualquer senhora ao natural, após o banho.

(E' tambem o raro e único momento em que podemos ver uma senhora pálida. As senhoras de hoje, como seriam incapazes de corar perante as maiores inconveniências, adoptaram este processo de andar permanentemente ruborisadas para o que der e vier. Ruborisadas não é bem; rougeborisadas, como dizia o Inocêncio.)

Pois imaginem que ele — que para não contrariar o apelido é duma rara ingenuidade, duma candura própria da idade da pedra lascada e não desta idade de pedra no sapato com que todos andamos — ainda há pouco tempo supunha a China um fantastico país, dando apenas assunto para contos estravagantes e para justificar a existência de várias louças e ventarolas. Quando come-

çaram a aparecer aqueles chineses dos colares é que o Inocêncio começou tambem a convencer-se de que tal raça não existia apenas na sua credula imaginação.

Mas vendo a sua indumentária prosaicamente ocidental e olhando a ausencia de quaisquer ornamentos capilares, ficou ainda convencido de que as sedas e os rabichos que costumava atribuir-lhes, não passavam afinal duma cantiga.

E para êle um chinês passou a ser um sujeito côr de iterícia, de fato mal feito e mala na mão, a impingir bugigangas falsas por escudos verdadeiros.

E nunca os tomou a sério. Ou melhor, não supunha que os seus méritos fôssem além da habilidade de fornecerem colares de perolas da China, pelo mesmo preço por que a Perola da China vende o Colares Burjacas. E que tal negocio tinha apenas o fim de lhes garantir a quotidiana ração de arroz com 2 pauzinhos.

Por isso, ao vê-los agora deitarem os pauzinhos de fóra, caíu das nuvens. Quando há tempos um amigo o elucidou, o Inocêncio, perante a descrição do presente e a previsão do futuro, ficou passado.

— Você não imagina — dizia-lhe o amigo — aquilo por lá tem estado agitadissimo. Os nordistas e os sudistas teem feito o diabo. Há mortes, constantes batalhas, um horror. E tudo por causa dos soviets...

— Isso é sabido; onde se metem os soviets, há sempre sovas.

— Mas ali não imagina, tem sido uma coisa pavorosa. Os caudilhos nordistas Sun-Yat-Sen, Wu-Pei-Fu e o general Chang-Chun-Chang...

— Mas isso não é um general, é um jazz-band!!

— Pois o Chang-Chun-Chang ocupou Chang-Chu, cortou as comunicações entre Xangai e o resto do país e é muito natural que o isolamento desta cidade arruine as concessões estrangeiras, como em Hong-Kong, Haukow e Kiu-Kiang. Já foram tambem evacuadas as cidades de Wu Hu, Chung-King, Hau-Kaw, I Chang, Chang Sha, Yang Tzé...

— Mas o meu amigo está a descrever os acontecimentos ou está a trautear um fox-trot?

— Ora essa, mas porquê?

— Está assim a falar aos solavancos...

— E' que você não está habituado a estes termos orientais.

— Pois isso da China surpreende me.

— Surpreende-o e deve alarmá-lo tambem. Uma tão grande efervescencia, se bem que distante, deve por força ter repercussão no ocidente. Por isso cada vez mais me preocupa e na verdade temo, o terrivel perigo amarelo.

Inocêncio olhou para êle sem perceber. Mas lembrando-se que o seu amigo era droguista, compreendeu que devia tratar-se de qualquer contrariedade a temer no seu negocio e quis amigavelmente interessar-se pelo caso:

— Vai nesse caso encarecer o amarelo?

— Vai sair-nos caro, não tenha dúvidas. Os chineses estão há muitos seculos a multiplicar-se e somam hoje muitos milhões. E nós não temos feito mais do que dividir-nos e subtrairmo-nos uns aos outros. E daí está-se a ver que não tarda, que essa onda alastre para o ocidente, impelida pelos bolchevistas.

O Inocêncio estava apavorado. E todos aqueles nomes de caudilhos chineses lhe vieram a bailar na imaginação.

O Tchang-Kai-Shek, o Sun-Yat-Sen, o Tchang-Tso-Lin e outras importantes figuras que o amigo lhe tinha apresentado, não lhe saíam da memoria.

Mas o que mais o preocupava era o futuro; a tal onda de amarelos a alastrar, a envolvê-lo. Via-se já cercado de rabichos, de kimonos, entre olhares obliquos, apavorantes. Nesse dia não jantou. D. Cândida, alarmada por tão repentina falta de apetite, quís ver se ele ao menos comia a sobremesa.

Mas perante o arroz doce da praxe, o Inocêncio ficou palido. E à vista da fruta, não se conteve:

— Laranjas da China? — murmurou. E num pavor retirou para o seu quarto.

D. Cândida começou a andar apreensiva com esta mudança do marido.

Nunca passava agora em frente do Mandarim Chinês ou da Perola da China, senão a respeitavel

distância. E de noite era assaltado por tremendos pesadelos.

D. Cândida ouvia-o murmurar palavras estranhas, esquisitas, numa constante agitação, e numa noite acabou por se zangar. O Inocêncio tinha-a feito acordar aos safanões, bradando, entre outros termos, estes sons exoticos: «Wu Hu, Wu Hu».

Ela ficou indignada.

— Mas que disparate, dizia a pobre senhora. Sempre me pregaste um susto! Ora que ideia! Estar-me a meter medo fora de horas e no melhor do meu sono. A's vezes chego a desconfiar que não estás bom ou que bebes lá por fora. Ora torna a repetir a gracinha e verás depois qual de nós é que tem mêdo.

E virou-lhe as costas, furiosa.

Mas de facto o Inocêncio não podia sossegar. De tal maneira aquela ideia se lhe arreigára no espírito, que não pensava senão em chinesices.

Uma bela manhã, D. Cândida, já farta daqueles nocturnos desatinos, exigiu-lhe explicações:

— Olha lá, que misturadas fazes tu lá por fora, para eu depois cá dentro te aturar. Hoje pediste chá uma poucas de vezes...

— Chá? Não, filha, isso é engano, era o nome dalguma terra; são umas terras com uns nomes esquisitos, nomes feios...

— Mas isso não tem geito nenhum! Levar agora toda a noite a dizer nomes feios. Demais a mais diante duma senhora. Olha que eu nunca fui ha-

bituada a isso... Ontem levaste tambem toda a noite a ladrar.

— A ladrar!!!...

— Sim, a ladrar; de vez em quando até me assustavas; au... au... au... au... Mas para o que te havia de dar!

— Não, filha, Hau-Kaw é que devia ser... Hau Kaw, era uma cidade.

— Pois olha, parecia um cão...

— E' que não estás habituada a estes termos.

— De certo que não. Nunca ouvi tanto disparate. Esta noite dizias que lá um dos teus conhecidos, não sei quem, estava sem cheques, sem cheques...

— Ah! Isso era um general...

— Algum general pelintra. Enfim, parece-me que não andas bom. Isso deve ser mau olhado.

— Não, filha, é do que tenho ouvido sobre o perigo amarelo.

— Tambem digo. O perigo de ires parar a Rilhafoles. Por este caminho não deves errar a porta.

Inocencio saiu disposto a esquecer um pouco o Oriente e os seus conflitos, mas logo por sorte nesse dia tornou a encontrar aquele amigo que o fizera transpor a muralha da China, que o separava da realidade e voltou para casa muito pior.

O outro descrevera-lhe as ultimas escaramuças, as pilhagens, as carnificinas, os assaltos e o Inocencio chegou a casa horrorisado.

Durante a noite foi assaltado por terrivel pesadelo.

Via-se na sua propria Repartição, copiando de cocoras os oficios, que o chefe, de kimono bordado e um longo rabicho aparecendo sob o côco, lhe ia ditando, de dedos espetados e comicas mesuras, na altura da Saude e Fraternidade. Depois saiu da Secretaría com a sua pasta debaixo do braço, o seu guarda-sol colorido a proteger-lhe a calva e as abas do frack roçando num suave frou-frou a seda matisada da cabaia. Para entreter o tempo que o separava do jantar, o Inocencio foi dar uma volta pela China e, cheio de calores orientais, decidiu-se à estravagancia dum capilé, no primeiro quiosque que topou em Hong-Kong.

Mas nisto, horror, uma turba feroz de soldados amarelos o envolveu, atando-o de pés e mãos cobardemente. E o pobre Inocencio viu-se arrastado, impelido brutalmente. Fechado num taximetro amarelo de palhinha, percorreu decerto muitas leguas e por fim, num baque surdo, sentiu-se precipitado num abismo.

Quiz lutar, libertar-se, mas não poude. Os seus pés, não encontrando resistencia, afundavam-se pouco a pouco, em qualquer substancia mole, pastosa, que percebeu então ser um amarelissimo arroz dôce, que enchia por completo o abismo que o tragava.

Estava prestes a afundar-se, numa terrivel ansiedade, quando duma liteira surgiu a D. Candida

no seu kimono e na sua touca de dormir. Era enfim a salvação.

Mas quando ele ia a estender-lhe os braços, ela, numa incompreensivel indiferença, pegou num pimenteiro e começou, numa afiitiva lentidão, desenhando, a canela, sobre a calva do Inocencio, as suas iniciais. Ele ia gritar de justa colera, mas de repente um gramofone começou grazinando a compasso os nomes de varios generais, enquanto um mandarim, surgindo dum jarrão, arrebatou a D. Candida e começou, de rabicho ao vento, dançando um infernal, um agitado fox-trot.

Inocencio então não se conteve. Num esforço titanico conseguiu quebrar as suas peias e vindo à superficie do arroz, agarrou com força o rabicho do mandarim, puxando-o tambem para o abismo...

Foi então que abriu os olhos e consternado jurou que nunca mais pensaria em chinesices.

Nos horrores de tão grande pesadelo, o Inocencio tinha agarrado a trança da D. Candida, que usa ainda o cabelo em tamanho natural, e sentado no chão, tinha levado quasi a pobre senhora a precipitar-se tambem da cama abaixo.

Ela, nesse momento, justamente indignada por tantos desconchavos, farta de o ouvir falar em arroz e de gritar pelo mandarim, mandou tambem o Inocencio comer arroz com dois pauzinhos...

Boato alarmante

Encontrei uma outra vez alarmado o Inocencio. Como burocrata feito à pressa, os numerosos boatos que depois do ultimo movimento circularam pelos corredores dos ministerios, deram-lhe volta à fragil mioleira. As palavras reorganização, selecção, demissão pesavam-lhe no cerebro como balas.

Porque na sua qualidade de Inocencio, este meu amigo tem o defeito de acreditar em tudo o que lhe dizem. E usa deste excesso de credulidade para as coisas mais inacreditaveis.

Nessa ocasião impingiram-lhe que os funcionarios seriam todos demitidos e todos os Ministerios ocupados por sargentos e praças, que de baioneta calada, tomariam assento nas diversas secretarias. Inocencio chegou a casa com todo o aspecto de ter sofrido uma carga de baioneta.

Mas o facto de a baioneta ser calada, foi o que lhe deu mais que falar.

A mulher não conseguiu convencê-lo da falta de base de tal noticia. Inocencio, sabendo que muitos dos seus colegas eram cabos e sargentos

disfarçados, temia uma traição e continuava crédulo e vigilante.

Porem, dias depois, um outro boato veio destruir-lhe o primeiro. Os funcionarios seriam todos mobilizados. Inocencio que era paisano de nascença e sempre tivera horror à tropa, regressou ao lar, vergado já ao peso duma hipotetica mochila.

Nessa noite não dormiu. O seu sono entrecortado de vozes de comando, foi agitadissimo. Via-se no seu ministerio perfilado, apresentando em continencia, de braços estendidos, a caneta dos oficios, perante o olhar marcial do chefe da Repartição, fardado de general, de kepi, espada e com os galões cuidadosamente protegidos por um lustroso par de mangas de alpaca.

E à sua voz de: «sentido, preparar, molhar a pena, assinar... *ponto*», o Inocencio correu solicito a inscrever a sua rubrica, voltando logo à rigidez da posição inicial. Depois a voz inconfundivel do seu chefe tornou fanhosamente: «Ordinario, marche». Mas inexplicavelmente o Inocencio, fora de toda a disciplina, num destes imperdoaveis esquecimentos do respeito devido aos superiores, recalcitrou muito ofendido: «Ordinario será ele; então não querem lá ver!» As consequencias foram terriveis, como é facil de supor. A esta frase lamentavel seguiu-se o pesadelo do conselho de guerra, da sentença e do fuzilamento; e de manhã, a esposa do Inocencio

encontrou-o estendido sobre o tapete, tragicamente contorcido entre o guarda-fato e a banquinha de cabeceira.

E' claro que todas estas comoções fortes, trouxeram graves perturbações na vida pacatamente serena do Inocencio. Esta agitação não era para ele.

Se tivesse nascido um seculo atraz, por certo teria sido frade, para poder ter a vida metodicamente pautada entre o refeitorio e a cêrca, na monotona regularidade das horas da missa e da sésta. Assim tinha conseguido afinal ser funcionario publico, para poder ter na vida uma regularidade quasi identica, entre as horas do ponto de entrada e de saida, no invariavel decorrer dos oficios, entre o «tenho a honra de comunicar» e o «Deus guarde a V. Ex.ª», depois transformado no «Saude e Fraternidade».

Esta mesma transição, por ser brusca, tinha-lhe causado tambem serios dissabôres. Nos primeiros dias, tão radicada estava nele a formula antiga, que da perturbação da rapida mudança resultou a expedição dalguns oficios terminando por um «Deus lhe dê muita saude» e uma vez mesmo, em lugar do «Saude e Fraternidade», um «Saude e Bichas», todo patusco e nada protocolar.

Ora esta vida serena, toda suavidade, toda calma, cortada agora por tão iconoclasticos boatos, perdera todos aqueles tranquilos encantos que tinha outrora. E o Inocencio andava perfeitamente transtornado.

— O que me assusta, dizia-me ele, são os concursos a que nos vão submeter. Em qualquer caso sou um homem liquidado. Ou me mandam logo para a rua, ou me mandam a concurso. Ora como neste segundo caso o resultado vem a ser o mesmo do primeiro, vou já tratando de procurar modo de vida.

— E o que era o Inocencio antes de ingressar na falange burocratica? — perguntei.

— Era farmaceutico.

— Então está governado, não tenho pena de si...

— Qual! já não me habituo de novo a fazer pilulas e lambedores; já não estou acostumado.

— Sim, para quem já estava só habituado a fazer cera, há de custar um bocadinho. Mas não vejo por que razão o assustam os concursos! Você deve ter conhecimentos...

— Sim, tenho bastantes relações...

— Não; refiro-me a conhecimentos scientificos; à sua cultura. Você tem o curso de farmacia. Muitos estarão decerto em condições muito piores.

— Isso é o que lhe parece. Creia que no fundo as condições são identicas. Bem vê que nos concursos poderão perguntar-me como se faz um oficio, uma nota ou um decreto, e nunca como se faz uma pomada, umas hostias ou um xarope.

— Mas como surgiu agora esta ideia dos concursos? Não será unicamente com o louvavel intuito de lhes arranjar um passatempo? Porque

vocês devem aborrecer-se horrivelmente. Isto de fazer cera torna-se monotono, de-certo.

— Isso sim! A ideia já é velha. Há muito que se fala numa selecção do funcionalismo.

— Mas não percebo. Então essa escôlha não foi logo feita à entrada?

— Qual historia. Olhe, ali vai o meu chefe. E o Inocencio indicou-me um cavalheiro, baixo, gordo, que se poderia parecer com tudo, menos com um chefe.

— O que era este sujeito antes de ser funcionario? — inquiri.

— Antes de chefe de Repartição foi guarda-freio dos electricos.

— O Inocencio está brincando! E o outro que vai com ele?

— O outro é primeiro oficial.

— Mas o que era antes de o ser?

— Já era oficial.

— Do exercito?

— Não, de barbeiro.

— Mas, nesse caso, os funcionarios não estão distribuidos hierarquicamente, segundo as suas habilitações e a sua competencia! pasmei eu, boquiaberto.

— Qual historia, — respondeu o Inocencio; ora suponha o meu amigo umas centenas de individuos provenientes das mais diversas classes, castas e profissões; uns, com algumas habilitações, outros com poucas e outros com uma ausencia

absoluta destes predicados. Supônha, por exemplo, agora, todos esses individuos atirados em massa, sem a menor escolha ou selecção, pelas janelas dos Ministerios, para dentro das diversas secretarías, ficando portanto espalhados e distribuidos ao acaso, em melhores ou piores lugares, conforme a maior ou menor força que os lançou. Numa palavra, suponha que onde caíram ficáram. Este, por exemplo, tinha o oficio de sapateiro; mas como caíu num lugar de 2.º oficial, lá ficou fazendo uns oficios cuja redacção fica sempre a pedir uns contrafortes; porque ele entende que isto de fazer oficios, é um oficio como qualquer outro e assim, segurando a pena com a mesma elegancia com que pega na sovela, faz ali um decreto com a mesma naturalidade com que deita meias solas. Aquele não sabe sequer escrever o nome, mas como caíu num lugar de 1.º oficial, ficou logo arrumado. Ora foi pouco mais ou menos isto que se deu; e se o processo adoptado para a nomeação da maioria dos funcionarios, não foi bem este, pelo menos o resultado foi o mesmo.

— Mas, exclamei eu ainda sinceramente admirado, sempre imaginei que, por exemplo, um funcionario com determinadas habilitações, estaria acima doutros que não tivessem nenhumas e abaixo daqueles que as possuissem superiores!

— Puro engano, — ilucidou o Inocencio. — Isso das habilitações é que não quere dizer nada. Olhe, muitas vezes acontece encontrarmos, por exem-

plo, um funcionario com um curso superior num lugar inferior e precisamente nos lugares mais elevados funcionarios com cursos inferiores; tão inferiores que, nalguns casos, não se distinguem à vista desarmada.

— Mas isso não é justo — protestei, como podem então os serviços publicos ser bem desempenhados dessa forma?

— Muitas vezes não o chegam a ser — informou ainda o Inocencio. — Porque desta forma ou melhor, com esta anómala e defeituosa distribuição, os competentes não fazem porque não lhes compete e os que deviam fazer não fazem porque não sabem; e aí tem o meu amigo o motivo por que existem repartições onde ninguem faz nada.

— Mas, nesse caso — concluí — devemos dar o nosso inteiro aplauso aos tais concursos.

— Pois sim, mas com programa tão vasto — gemeu o Inocencio — ninguem pode aguentar-se.

Efectivamente o Inocencio apresentou-me então uma tal lista de materias a consultar, que a ser aplicada a todos, indistintamente, nem os directores gerais escapariam.

E afinal, para quê? Dada a competencia e as habilitações da maioria dos futuros candidatos, segundo o que depreendi das informações e da conversa do Inocencio, bastava um simples ditado e uma conta de somar, para reduzir o funcionalismo às suas justas proporções.

Uma curiosa cura na Curia

O Inocêncio Calado, procurou-me também aqui há tempos, para me participar que tinha chegado a Lisboa de regresso da sua cura de águas.

Fiquei pasmado, porque sempre conheci o Inocêncio contrario a esses tratamentos aquáticos. Para êle as águas eram todas iguais, salvo as únicas excepções das águas de Colónia e de Carabaña.

Por isso, repito, estranhei a inesperada notícia e procurei saber o que o levára a mudar tão repentinamente de opinião.

Ora foi o caso que o Inocêncio, acerrimo defensor da pureza impecavel das águas do Alviela, começou ultimamente a duvidar da justiça de tal conceito.

E com razão. O infeliz, a principio ainda teimoso na sua admiração, viu-se por vezes obrigado a beber uma especie de ácido fénico, uma verdadeira droga que, pelo sabor, dava a impressão perfeita de ter vindo directamente de qualquer cano de esgoto desinfectado a cloreto.

O meu amigo ainda protestou energica, mas

inutilmente, mandou cartas para os jornais em prosa violentamente eriçada de indignações e depois de — não menos inutilmente — ter mandado filtrar, ferver, perfumar a maldita droga, tentou por fim disfarçar-lhe o terrivel sabor, tomando-a mascarada com limão e açucar. Mas a combinação ainda era mais insuportavel; e o desgraçado tinha a impressão de que bebia um purgante a todas as refeições.

Renunciou por fim à sua admiração, àquele fanatismo aquático pelas águas da Companhia, e começou a usar das várias aguas que lhe apareciam, do Luso, de Caneças, dos vários Castelos — com Vide e sem Vide — de Vidago, das Pedras e estava já decidido, na falta destas, a enveredar pela água ardente, quando lhe apareceu a de Vale de Cavalos. Mas no fim dalguns meses de extinção da sêde de toda a numerosa família, pelo processo das águas de mêsa, começou a vêr que se não travasse a despêsa diária com as águas de Vale de Cavalos, daria dentro em pouco com os burrinhos n'água.

O seu desespero então explodiu contra os causadores da sua ruína e bradava para a esposa — a D. Candida — aterrada pela sua colera:

— Bandidos! Como já não teem mais nada em que fazer a sua limpeza, querem agora limpar a água. Isto nem ao diabo lembra. Lavar a água! Isto só na minha terra! Quem lhes ensaboasse também o juizo ou melhor a falta dele!

A esposa, num aplauso a tão justa indignação, aventurou que *Eles* deviam ser ao menos obrigados a fornecer, por exemplo, aos consumidores, água das Lombadas em garrafas de litro.

— Lambadas é que eles precisavam — trovejou o Inocêncio — lambadas, mas em garrafões de 5 litros.

Mas, com tantas comoções, o Inocêncio, cada vez menos Calado, começou a sentir-se mal e foi consultar um medico.

Este, após demorado exame, declarou-lhe:

— O senhor deve ter um calculo no fígado.

— Ora calcule, murmurou o Inocêncio, alarmadissimo.

— Não há dúvida, o sr. tem uma pedra.

— Efectivamente eu já andava com a pedra no sapato...

— E também não tenho dúvidas que tem areia...

— Mau, sr. Dr., eu não admito...

— Areias na bexiga; mas com tratamento de aguas isso cura-se. Curía, Curia é que o sr. precisa.

— Então isto curía-se, quero dizer, cura-se, dr.?

— Sim, não é nada de gravidade e com tratamento aturado, um mês de águas, melhora com certeza.

— Não é então nada de gravidez, digo de gravidade? tornou o Inocêncio, ainda perturbado.

— Não, que ideia; mas deve tratar-se a tempo

*

* *

E o Inocêncio foi imediatamente com a família para a Curia.

Como era por causa da areia levou toda a família. Instalou-se no Palace; e ao chegar, perante a grandiosidade do hotel, o Inocêncio, decerto por influência da pedra que já trazia no fígado, ficou petrificado.

A amplidão e o luxo do Hall e dos Salões, a vastidão do edificio, a extensão dos corredores ricamente alcatifados, o ascensor moderno e suntuoso, o aspecto confortavelmente civilisado do hotel, calaram profundamente no ânimo do Calado.

Logo nesse dia assistiu a um jantar à americana e perante a alegria, o movimento, os efeitos de luz do salão de festas, o conforto geral, o Inocêncio sentiu que qualquer coisa de extraordinário se passava no seu íntimo; que aquele estado de semi-barbarie em que tinha vivido até então, estava prestes a dissipar-se e que um outro Inocêncio, muito pouco Inocêncio, surgia, tomava alento, avultava para a vida e para a civilisação.

Efectivamente ao fim de oito dias, o Calado, com outros habitos, outros costumes, mais polido, envernizado, parecia outro.

E dia a dia começou a sentir que a família tambêm se modificava por uma fórma sensível.

A filha mais velha, menina muito prendada e culta, já doutorada em fox-trot e caloira em Charleston, que viera num estado lastimoso, magra, olheirenta, num estado verdadeiramente decadente, por causa dum cadete de artilharia, parecia outra.

Poucos dias depois, perante o olhar dum alferes, mestre na arte de bem dançar em toda a sala, a lembrança do cadete desvaneceu-se. O seu amor subiu logo de posto.

Foi nesse momento que o Inocêncio, até então sceptico acêrca dos efeitos das águas medicinais, pela primeira vez notou os seus maravilhosos resultados.

... Na verdade, o efeito radioactivo da água, através do olhar apaixonado dum garboso oficial que já estava a tratar-se há quinze dias, tinha sido surpreendente.

*

* *

Inocêncio começou mesmo a notar que sua própria sogra se tornava duma amabilidade absolutamente inesperada e que êle nunca sonhára vêr brotar, num temperamento tão explosivo.

Perdera as várias manías que tinha, os imensos motivos de queixa que sempre tivera do genro e, cúmulo dos cúmulos, chegou a descobrir-lhe qualidades apreciáveis.

Inocêncio estava desvanecido e ao mesmo tempo espantado de tão colossal metamorfose.

E a tal ponto chegou esta mudança e se avolumou a imprevista ternura pelo genro, que, uma vez, à mesa, quando a esposa do Inocêncio o aconselhava a tomar a Tricalcine que habitualmente ingeria a todas as refeições, a sogra, num rasgo de inedita solicitude, lembrou cuidadosamente:

— Não, filha, acho melhor não tomar. Êle tem pedras no figado, areias, e se vai agora tomar cal é capaz de arranjar alguma obra nos intestinos...

— É verdade, concordou o Inocêncio, com pedra e cal e areia, pode-me nascer algum edificio no interior...

— É claro, tornou ela, é um perigo, não consinto.

Tantos cuidados, tanto carinho comoveram o Calado, que chorou então enternecido, após um osculo de gratidão, carinhosamente deposto na fronte da sua cara, da sua carissima sogra.

Ainda comovido, o Inocêncio, que em si próprio sentia profundissimas mudanças, perante tantos factos que o convenciam do efeito maravilhoso das aguas e da influência enorme exercida pelo ambiente que o cercava, declarou então solemnemente:

— Minha pesadissima, queria dizer, minha prezadissima sogra, em vista dos incontestaveis re-

sultados por todos obtidos, declaro que nunca mais deixaremos de vir todos os anos fazer o mesmo tratamento. Porque já concluí que o nosso mal, o que efectivamente todos nós tinhamos... era muita areia.

OS MARTIRES DA MODA

Calçomania

Os martires a que me refiro, são aqueles pobres janotas chiadescos, paladinos do ultimo figurino, que de certo se apresentam tão tristes, palidos e olheirentos, pelos excessivos esforços dispendidos na actualização constante da farpela.

Na verdade é extenuante. A moda com os seus constantes caprichos, com as suas constantes estravagancias, é tiranica, despotica.

Sempre, mais ou menos, acentuou a diferença dos sexos distinguindo-os e pondo-os em maior ou menor contradição de habitos, de gostos e de predilecções.

Mas ultimamente a sua estravagancia, chegou ao extremo, de nos mudar tambem completamente o aspecto exterior dum e doutro sexo, trocando-os por tal forma, que quasi os confundimos. Assim os trajes femininos, outrora amplos, vastos e de tecido abundante, com pregas, bofes, caudas, etc., teem sido por vezes reduzidos a tão infimas e acanhadas proporções, que mal se distinguem a olho nu; de tal forma, que os vestidos se tornam assim

perfeitamente insuficientes e mesmo inuteis, para o fim a que se destinam e que o seu nome indica.

Verdadeiramente não são vestidos, são despidos.

Mas—curioso contraste—paralelamente, para o outro sexo, evoluciona a moda em sentido perfeitamente oposto; assim decretou para o sexo forte umas calças, com uma acentuada tendencia para saias e que pela vastidão, largura, abundancia de fazenda e proporções, parecem acumular as funções de camisas de onze varas. E bem graves tragedias, como a que no final referimos, tem produzido já, esta moda estranha, inconcebivel.

Quando a mulher caminha vertiginosamente para a tanga, o homem caminha deliberadamente para o vestido de cauda. Mas não é tudo.

Para acentuar mais ainda a sua estravagancia, a moda, assim como num esquisito pudor tapa os braços das senhoras, destapando-lhes cada vez mais as pernas, numa não menos estranha e desproporcionada distribuição dos tecidos no traje masculino, alargou as calças até ao exagero, reduzindo os casacos ás mais ridiculas proporções.

E é assim que alguns meninos chics nos dão a impressão perfeita, de trazerem o casaco do mano mais novo, com as calças do mano mais velho.

E alguns exageram de tal forma esta ultima parte do vestuario, que a nossa primeira impressão ao vê-los, é a de que trazem por engano as calças que um senhor gordo lá deixou em casa, por lamentavel esquecimento.

*
* *

Um pobre «dandy» hoje em dia, só em calças, deve gastar uma fortuna. Estou convencido que nem com 5 metros de fazenda, certos mancebos chics conseguem levar a cabo a indumentaria dos membros inferiores.

Uma vez, confesso, parei na Baixa, atonito de pasmo, perante um desses casos de calçomania, que estão atacando a nossa juventude esperançosa.

Um desses rapazes «dernier cri», visto a dez metros, dava a impressão nitida, perfeita, de ter acabado de tomar parte numa corrida de sacos.

Apenas a parte superior do tronco transportava um dêstes casaquinhos estilo jaleca, de abas pelos rins, acanhadinho, estreito, mangas curtas.

Era seguramente o primeiro casaco que ele tinha vestido e que, por acaso conservado desde a mais tenra idade, se coadunava agora com a moda.

O mais era tudo calças; um «mare magnum» de calças, em ondas, em repregos, drapejando ao vento.

Na cabeça um chapelinho pequeno, aba descaída, côr duvidosa, de tijolo sujo; talvez um antigo chapeu preto, que debotado por muitas intemperies, era tambem agora a ultima palavra em chapelaria.

Nos olhos trazia o infeliz uns grandes oculos,

tambem de côr e largo diametro, estilo farol de automovel; no braço um bengalão retorcido e desconforme, capaz de assustar um batalhão de caceteiros; a camisa de furta côres, gravata idem com todas as côres do arco-iris, optima para caixeiros de drogaria; e finalmente nos pés, uns enormes sapatorros, gigantescos, com tres dedos de sola e tromba larga de hipopotamo. Em resumo, as unicas coisas mimosas, delicadas, de todo este conjunto variegado, eram: o casaquinho infantil, ingenuo, de menor idade, mal se esboçando; quasi um projecto de casaco; e uma pulseira fina, delicada tambem, que pendia graciosa de um dos punhos de tão extraordinario moço.

Mas o que enfim marcava em todo ele, o que lhe dava o tom, o que dava o maior contingente, a maior percentagem em todo este primor de indumentaria eram as calças, umas tremendissimas calças, colossais, piramidais, aflitivas mesmo, ondulantes ao mais ligeiro movimento e que, enfunadas constantemente pela briza, punham em perigo a estabilidade do seu arrojado proprietario.

Confesso que parei para olhar bem este fenomeno.

E pensei então na enorme despesa que em viagem, só para fretes e transportes, terá de fazer o infeliz, desde que leve dois ou três pares daquelas calças na bagagem. Depois aquilatei do trabalho insano, que ele há-de ter no inverno para evitar a lama; o extenuante cuidado de arregaçar a

calça, tal como dantes as senhoras arregaçando a saia.

Por fim parti, preocupado com as futuras excentricidades da moda, sempre de temer pela cega obediencia dos seus devotos.

Mas um pouco adiante não me pude conter, sem me voltar de novo curiosamente para admirar mais uma vez aquele distintisssimo calçudo da nossa praça, que estava ainda parado no passeio, a cavaquear com dois amigos.

E aqui para nós eu devo confessá-lo sinceramente: assim de longe, não era na verdade um homem de calças, eram apenas umas calças com um homem dentro.

*

* *

Outra vez, perto duma paragem, quasi me comoveu o aspecto embaraçado dum desses infelizes. Ao ver-se alvo das atenções gerais, tinha o ar contrafeito de estar dizendo intimamente: «o alfaiate sempre me pregou umas calças»!

Mas porque não soube defender-se? O meu alfaiate tambem por varias vezes tentou impingir-me um desses objectos, mas eu resisti sempre, obstinadamente.

Eu não me meteria nunca num daqueles pares de calças, pelo justo receio de me perder lá dentro.

O alfaiate ainda alegou que era chic, que era o ultimo grito da moda.

Simplesmente, lhe objectei que o ultimo grito, sou eu sempre que o dou, na altura de pagar a conta.

Só isto o decidiu a retirar a inaceitavel proposta.

E ainda bem por que tais calças, alem dos inconvenientes do maior dispendio de fazenda e do aspecto verdadeiramente ridiculo, que dão a quem lá vai dentro, tem graves perigos, alem do que acima referi.

O caso veridico que passo a relatar e que presenciei, serve de aviso aos incautos, aos temerarios, que ainda queiram aventurar-se, dentro de tão quilometrico vestuario.

*
* *

O jovem Luís era um mancebo, que a-pezar de imberbe, tinha já o vicio inveterado do ultimo figurino.

Moda que viesse, por mais estravagante, disparatada ou inestetica, era certo que tinha nele o primeiro adepto e logo o mais denodado defensor e propagandista.

Era assim o primeiro manequim de todas as estravagancias dessa deusa cruel e ruinosa: a moda.

Um botão mais abaixo ou mais acima, uma algibeira a mais ou a menos, mais uma ou duas pregas no casaco ou nas calças, constituiam para ele ordens indiscutiveis, imediatamente cumpridas.

O infeliz nunca trazia o casaco ou o colete mais curtos ou mais compridos, mais ou menos abotoados, mais abertos ou mais fechados, conforme os seus desejos; mas simplesmente conforme as estritas prescrições dos alfaiates, a quem obedecia como a respeitaveis sacerdotes do seu idolo.

Era assim um escravo da moda, cujos ultimos figurinos, eram os sucessivos e pesados regulamentos, que cegamente tinha de cumprir.

Como exemplo dos efeitos desta tirania, uma das coisas mais inconstantes nele, era a situação, a localização da cintura: tão depressa a trazia debaixo dos braços, como lhe descia até quasi aos tornozelos.

Se fosse pessoa que tivesse de se agarrar pela cinta, seria caso para serios embaraços.

Veio assim a calça larga ultimamente em voga; e ele é claro, arranjou logo umas, do tamanho da legua da Povoa. Visto de costas, da cintura para baixo, parecia um radjah. Todo ele era calças.

Mas desta vez, não foi ele o primeiro a lançar a moda.

Quem primeiro usou destas calças foi o Walter.

Mas nunca lhe quizemos tirar essa ilusão.

E foi com ela e com este exuberante e perigoso

traje, que ele há tempos se aventurou a um largo passeio fluvial, num barco à vela.

O dia estava lindo. «O Tejo era sereno, a viração subtil». Os excursionistas, homens e senhoras que nos acompanhavam, tinham na face o riso claro e franco que vem dos largos horizontes, da plena liberdade.

E na tranquilidade e na alegria geral, não havia o mais ligeiro indicio do perigo que a todos nos ameaçava.

As velas, ligeiramente enfunadas por uma suave brisa oceanica, faziam deslisar o barco docemente, meio inclinado sobre as ondas, qual gaivota ferida, como é costume dizer-se nas novelas sentimentais.

Tudo era paz, tudo era calma.

Mas de repente, uma viração mais forte perpassou. Depois, pouco a pouco, outra e outra; e por fim, já pouco tranquilizador, o vento, num furor diabolico, inesperado, sacudiu a embarcação.

Segurámo-nos, palidos de surpresa, enquanto o arrais ligeiro e rapido, conhecedor do perigo, colhia as velas uma a uma, deixando os mastros completamente limpos à furia eolica.

Luís, palido tambem, tinha-se agarrado ao mastro maior, para assim poder resistir aos empuxões da vaga, que picada pelo vento cada vez mais rijo, fazia balouçar temerosamente a fragil embarcação.

Porem após uns momentos de terrível ansie-

dade e de angustiosa espectativa, começámos todos a notar que o barco, apesar de colhidas todas as velas, cada vez balouçava mais.

O terror invadiu-nos. Foi então que um grito estridulo, ecoou das bandas de estibordo, e o arrais, de mãos erguidas, o olhar aflito, intimou Luis violentamente, em voz que não admitia replica:

«Mas o senhor vai perder-nos! E' o unico culpado desta desgraça... por sua causa iremos ao fundo; dispa as calças cavalheiro. . dispa as calças ou estamos perdidos... Efectivamente reparámos então, cheios de espanto, palidos de emoção e de terror, que as calças de Luis batidas pelo vento, faziam o efeito da vela do mastro grande a que ele se agarrára.

Iamos navegando a todo o pano das suas calças.

Então, perante uma intímativa geral, energica, imperiosa, decidiu-se, ainda contrafeito, a salvar-nos, despindo-se.

E assim o infeliz teve de seguir a viagem, sob o peso das nossas justas imprecações, já sinceramente contrito e em cuécas.

A dois passos do Paraiso

As senhoras, de cumplicidade com a moda, continuam restringindo, cada vez a mais infimas proporções, as suas toilettes.

Um metro de seda, uma gaze, uma renda: eis um vestido.

Então a saia tende a subir cada vez mais. Daqui à tanga vai um palmo. Hoje em dia os joelhos não são já nenhum segredo.

A saia anda já por cima da rotula, que serve assim de amostra, de rotulo, ao resto que resta para ver e pouco é.

Isto é talvez devido em parte ao nome dessa parte do vestuario feminino. Como lhe chamam saia, as senhoras tratam de interpretar à letra este imperativo: «saia» e mandam-na sair a pouco e pouco.

E mesmo o que resta, o pouco que vai ficando, é geralmente de tal leveza e transparencia, que deixa adivinhar todos os trajes menores, que são geralmente minimos.

Isto de vir agora um parentesis de saias longas,

é só para disfarçar. Porque daqui a pouco torna a subir o pano das toilettes, para o espectaculo variado das pernas femininas.

Mas a moda, toda feita de contradições, de incoerencias, — o que é natural no sexo a que pertence — não podia conformar-se com as proporções reduzidas das toilettes e tecidos; tinha por força de se alargar fosse onde fosse.

E assim decretou as saias com muita roda. E se já eram curtas, com tanta roda, mais deslizam, mais ascendem, mais se lhes acentua a irresistivel tendencia para subir.

Finalmente para afirmar bem a sua incoerencia, a moda chegou já a pôr as tranças — aquelas tranças que conseguiu cortar, por vezes sabe Deus a poder de quão titanicos esforços e à custa de quantas revoluções domesticas — como complemento das toilettes, fazendo-as representar o modesto papel de cintos nos vestidos.

Era talvez medida preparatoria e preventiva, para a transição que vai dar-se brevemente, de regresso ao Paraiso que vem perto.

Na altura da tanga paradisiaca, as tranças desenroladas estariam aptas a desempenhar o pudico papel que a natureza lhes marcou, sem que se tornasse preciso recorrer à tradicional folha de vinha, com que nos quadros se restringe a verdade dos tempos mitologicos.

Porque nenhuma duvida nos pode restar já, da vertiginosa aproximação do Eden e do regresso,

não direi bem ao Paraiso, mas a um verdadeiro inferno para o sexo a que pertenço.

O futuro Eden será para nós terrivel, porque perante a contemplação constante de todas as verdades que começaram já de revelar-se e sem as facilidades que tivemos nos tempos primitivos, teremos de mentir constantemente aos nossos desejos, para não prevaricar.

Contudo a mise-en-scene deve ser bem diferente, como diferentes para nós deverão ser os resultados.

Prevenidos como estamos, não poderão as futuras Evas conseguir engasgar-nos com a maçã. Se nos engasgarmos é com alguma conta de modista. Porque essas então aumentam sempre. Parece que na mesma proporção em que as toilletes se reduzem. A ponto de fazer pensar a um amigo que há tempos encontrei, que de certo as senhoras acabarão por se vestir apenas de contas, de contas de modista. Esse amigo, que por isso anda preocupado com o futuro, anda tambem apreensivo com a crescente redução de tecidos nas toilettes das senhoras, o que quanto ao seu lar o apavora, na sua qualidade de moralista de trazer por casa.

Porque cá fóra, isso apenas lhe incendeia e lhe espevita a grande imaginação de que é dotado. Como sempre teve acentuadas tendencias para profeta miliciano, anda já fantasiando as varias estravagancias, que nos esperam no porvir.

Uma vez quando ai esteve a Companhia do Ba-ta-clan, chegou a dizer-me indignado:

— Veja que até no teatro esta tendencia se manifesta e acentua dia a dia. E' o nu por toda a parte. Aqui o nu artistico; por vezes, devo dizer, bem pouco artistico. Tambem nunca imaginei, que o tal nu artistico, fôsse tão nu; que enfim o nu do Ba-ta-clan não tivesse ao menos uma Bata. Assim acho de mais. E creia, estou já daqui a ver todo o futuro. Diante dos meus olhos perpassa com toda a nitidez a visão do Paraiso que vém perto.

Olhei então curiosamente o meu amigo, que tinha neste momento o olhar perdido no vago, mergulhado no alem, alheio a tudo o que o cercava. Levei-o para um canto retirado, porque na verdade, para quem não soubesse do seu dom de previsão, tinha apenas todo o aspecto de lhe ter carregado nos liquidos.

Ele, porem, continuou numa voz cava:

— No firmamento, o sol no seu labor quotidiano e persistente, alheio a todas as terrenas mutações, continua lançando os seus ardentes raios sobre a paisagem que antevejo. Massas verdejantes de intensa vegetação, enchem de varios tons o horizonte. A plena luz deslumbra as coisas, que ficam extaticas na admiração do seu poder infatigavel, do seu calor, da sua força. Cedros seculares, erguendo ao ceu seus troncos aprumados, enchem de sombra e de frescura o ambiente. E' uma grande floresta, de vegetação cerrada, forte, exuberante.

— Uma floresta virgem, concluí.

— Isso sim, fez o vidente; uma floresta... divorciada de toda a pureza inicial. Alem, ao fundo, junto a um ribeiro murmurante vejo uma arvore frondosa a cuja sombra Eva descança reclinada.

— Deve ser a arvore do bem e do mal, acrescentei, no desejo de mostrar conhecimentos.

— Qual! lamentou ele num sorriso. Do bem e do mal? Que ideia! Não senhor.

— Compreendo, é simplesmente a arvore do mal, emendei logo.

— Isso sim! tornou o meu amigo. A arvore de tudo quanto possa imaginar de pior. Junto dela a Eva do futuro, de labios carminados, sobrancelhas a Nanquim, palpebras azuladas, olheiras a crayon, cabeleira verde, às riscas e à escovinha e unhas prateadas, sentada num coussin de penas de avestruz, tendo apenas vestida uma folha de vinha, toda em rubis e diamantes, unicamente presa à cinta por duas fiadas de perolas, fuma, languidamente abstracta, um abdula silk tipped.

A um canto Adão, de longas tranças e bigode á americana, envolto em amplas calças, que arrastam em pregas pela relva, muito comprometido e sem do solo erguer seu casto olhar, faz meia.

Nisto, muito de mansinho, venenosa serpe avança a medo, cautelosa, de forma a ficar perto do casal.

Adão tem um ligeiro sobressalto; levanta a calça, estremece, deixa cair o novelo.

Eva lança-lhe um olhar repreensivo e olhando o reptil pergunta-lhe ao que vem.

A serpente, um tanto desconcertada, com seu modo desabrido e sacudido, oferece a medo o suculento fruto que transporta e com o qual pretende enfeitiçá-la.

Então, a ultima descendente da mãe Eva, melhor dizendo a nossa filha Eva, pondo num ar fatigado o seu monoculo e sacudindo a cinza ao abdula, responde com desdem:

— O' filha, com o que tu vens á cidade! Isso foi chão que deu uvas. Isso para cá já não gruda. Ainda se me trouxesses uns brincos do Leitão, um casaco de peles, ou pelo menos um pouco de cocaina, ainda vá. Mas com isso, escusas de vir perder o teu latim...

O reptil, perante tão estupefaciente recepção, fica banzado e aturdido.

Adão nem pestaneja e continua laboriosamente apanhando malhas e contornando atento um calcanhar.

E então, por entre a relva espessa, ouve-se apenas o rastejar indeciso e coleante da serpente, em febril, em tragica retirada, procurando a custo, aflita, engulir a maçã com que viera e que de espanto e comoção, lhe ficou atravessada nas guelas.

O REINADO DOS FIGAROS

A guerra ao pêlo

—Pois meu caro—disse ainda ao Lopes—acautele-se.

—Mas como?—indagou ele, suplicante.

—Impondo-se como chefe da familia, servindo-se da sua autoridade, como mais velho, mais experiente, mais...

—Mais encravado...

—Sim, pode tambem invocar esse atributo.

Na verdade penalisava-me sinceramente o desgosto que afligia o Lopes, velho e honrado amigo, infatigavel trabalhador, honesto comerciante da nossa praça, para quem a familia era tudo. E era precisamente a familia que o martirizava agora com as mais crueis exigencias e as mais desorientadoras estravagancias.

Ele fôra sempre um admirador apaixonado das longas tranças, dos fartos cabelos, dos belos penteados monumentais.

Pois via-se agora constantemente assediado, instado, invectivado por todo o recheio feminino do seu lar, tenazmente encarniçado em conseguir

dele a ordem necessaria, para o corte dos varios ornamentos capilares da numerosa familia.

As filhas, a mulher, as duas tias muitissimo solteiras que possuia, a mãe, a propria sogra, não o largavam.

Não o deixavam pensar noutra coisa. O desgraçado tinha horriveis pesadelos.

Via-se afogado em tranças, arrastado por ondas tenebrosas de cabelos revoltos, enquanto uma chuva teimosa de cabelos, louros, brancos, negros, escurecia tudo; por fim quando já uma trança mais forte o estrangulava, ele, sufocado, num desesperado esforço, alcançava uma tesoura enorme, que descia faiscante do espaço e a que, afinal, num ultimo esforço, conseguia deitar a mão. Nessas noites acordava sempre aos berros da mulher, cujos cabelos o Lopes puxava desesperadamente.

*

* *

Desde a inesperada decisão tomada por um politico em destaque, de rapar a barba que verdadeiramente o distinguia, ele nunca mais poude usar a sua tranquilamente.

Aquela cuidada barba à Guise, que usava desde a infancia e em que fazia tanto gosto, teve de ser imolada perante as asperas censuras das senhoras.

Argumentou-se com tudo. Chegou a insinuar-se que o seu gesto rebelde, a sua teimosia em não

rapar os queixos, seria tomada como opinião discordante, como censura ao gesto vindo de cima.

Por fim, temendo que a sua persistente recusa, pudesse trazer graves inconvenientes partidarios, o infeliz, resignado, prestou-se ao sacrificio. Mas as lagrimas corriam-lhe pela face envelhecida.

O barbeiro nem teve necessidade de molhar muito o pincel.

Condoído por tão tragico relato, insisti na minha opinião:

— Imponha-se, meu caro, ou ponha-se no seu lugar. Doutra forma, estará perdido. O genero capilar atravessa, com efeito, uma tremenda crise de exterminio e desolação. Verdadeira epoca de terror, de guerra ao pêlo. Terrivel momento de feroz destruição, de furor tosquiativo, em que, de horror, por certo, todos os cabelos devem estar em pé.

Uma verdadeira legião de cabeleireiros de tesoura em riste, surge açodada, e um autentico arsenal de giletes, navalhas e depilatorios, ameaçam de morte e de corte os pobres cabelos.

Devemos, porém, confessar que a culpa é toda nossa.

Nós démos o lamentavel exemplo. Começámos por imolar aqueles fartos bigodes, as complicadas peras, as caprichosas moscas, que tinhamos herdado dos nossos antepassados. E só depois é que essa onda devastadora se comunicou ao sexo fragil, onde tomou, como era de esperar, as propor-

ções de verdadeira furia, da febre destruidora, que, começando nas cabeleiras, já atingiu as sobrancelhas e não sei onde terminará.

O Lopes estava sucumbido.

— E' certo — disse-me consternado — as senhoras fizeram disto uma questão pessoal, uma questão de vida ou de morte, e não teem limites na sua furia destruidora. Onde descobrem um magro cabelinho solitario, caem sobre o infeliz com todo o peso do seu rancor depilatorio. Já tenho pensado nas saudades, que certos insectos devem ter dos tempos felizes dos fartos caracois, das cabeleiras intensas, dos grandes penteados, esses esplendidos parques, esses opulentos bosques de recreio dessa fauna. Pobres parasitas. Que saudade terão dos bons tempos da barba à *passa-piolho!* Hoje é claro que o piolho já não passa e, o que é pior, já quasi não tem campo onde mover-se; e por este andar verá em breve chegado o seu fim, na aridez dos imensos desertos que irão restar desta hecatombe.

— Mas — interrompi receioso — isso é conferencia, amigo Lopes, ou pretende V. impingir-me algum elixir contra a calvicie?

— Estou simplesmente penalizado com a sorte que espera os infelizes — lamentou limpando uma lagrima furtiva. — Não imagina a que ponto chegou, por exemplo, em minha casa, o odio ao pêlo. A minha filha mais nova pede a Deus que a livre dum marido com bigode. E a mais velha, que não tem namorado senão carecas, foi agora pedida

por um rapaz calvo, empregado numa fabrica de loções para o cabelo. E creia que muitas vezes, perante os olhares furiosos de minha mulher e de minha sogra, chego a temer pela integridade da minha rica cabeleira. Ora eu não posso viver assim, neste martirio constante.

—Só lhe vejo um remedio, amigo Lopes.

O infeliz olhou-me numa ansiedade.

— Sim, meu bom, meu excelente amigo. Você tem de desenvolver na familia, por todas as maneiras ao seu alcance o gosto pelos ornamentos capilares. Já pela palavra, já pela pena, já pelo exemplo. E vou fornecer-lhe o primeiro conselho a seguir. Conhece aqueles russos que andam por essas ruas, de cabeleiras ao vento e colarinhos à mamã?

— Com grandes cabeleiras de apostolos? — inquiriu o Lopes, tremulo de emoção.

— Sim, — respondi — esses verdadeiros apostolos da guedelha, cujas cabeleiras são perfeitas florestas virgens, onde a mão do homem nunca pôs tesoura.

— Bem sei, fez êle, numa esperança; — ainda ontem vi um de cabelo á Ninon e barba à *passa piolho*.

— Como à *passa piolho?* — protestei. Diga antes, onde esses animais nossos inimigos por certo permanecem, engordam e mesmo se divertem; onde, enfim, tais parasitas teem, por assim dizer, cama, mesa e roupa lavada. Pois muito bem; vai

convidar um desses russos para jantar em sua casa.

O Lopes olhou-me com o espanto proprio de quem foi convidado para ir pôr uma bomba à porta duma esquadra de policia. E perante a minha insistencia, palido de emoção, disse-me apenas:

— Mas se eu lá entro com tal peludo, julgam que é uma provocação e nem um pelinho se nos aproveita. Saímos de lá perfeitamente depenados.

— Ó Lopes, mas então que especie de homem é você? fiz eu numa censura.

— Um homem de sexo masculino, maior e vertebrado.

— Pois olhe, não parece!

O Lopes partiu desiludido.

*
* *

Pouco tempo depois tornei a encontrá-lo perfeitamente acabrunhado.

— Triunfou a maioria — disse ele num lamento.

— A maioria e a gilete.

— Não imagina a desolação. Nem reconheço a familia. As minhas tias com os cabelos pendentes por cima das orelhas, em estilo cão de agua, parecem maestros disfarçados. A cozinheira lembra-me uma galucho. E então a minha sogra levou o exagero ao ponto de cortar o bigode à ameri-

cana e de rapar aquelas suiças que lhe davam tanta graça. Enfim, nem as posso olhar. A familia faz-me lembrar um jôgo completo de escôvas.

— Só vejo nisso uma vantagem — aventurei eu, tentando um ultimo confôrto. Deve ter notado mais brandura nas senhoras, ausencia de mau genio; porque decerto já hoje não deve existir ninguem, com cabelinho na venta. Seria estranho que tão debeis representantes da flora capilar, tivessem escapado à hecatombe. Acho, porem, que esse desgosto que o punge e esse mal que o atormenta, devem ter uma causa; e você deve cortar já o mal pela raís.

— Não me fale em mais cortes.

— Sim, amigo Lopes: você tem de ir à fonte.

— Está brincando?

— Refiro-me à fonte desse mal. Á sua origem. Isso tem todo o aspecto duma epidemia. Quem sabe se algum bacilo, algum microbio, especie de filoxera do pêlo. Veja você se o descobre e terá prestado um relevante serviço à humanidade. E quem me diz a mim, que não tenho na minha frente o futuro idolo das multidões, o Messias do genero capilar, o redentor do couro cabeludo...

O Lopes retirou-se impressionado. Durante meses não o vi.

Ontem, ao subir a Avenida, senti que alguem gritava o meu nome, e ao voltar-me vi o Lopes correr para mim, com grandes gestos.

Abraçou-me; e com a alegria propria de quem

tivesse descoberto a pedra filosofal ou uma casa sem trespasse, bradou-me num transporte:

— Eureka! O microbio caiu finalmente na esparrela. Já não me escapa. Apanhei-te, bacilo. E era microbio de 2 pernas. Mesmo que tivesse mais não me escapava...

Convencido que o Lopes tinha entrado naquela fase delirante que precede a loucura irreparavel, ia prudentemente retirar-me, quando ele então, com um pouco mais de calma, me explicou a razão do seu inesperado entusiasmo.

Tinha descoberto que o tal microbio que atacára os ornamentos capilares de toda a população feminina do seu lar, era o namorado da cozinheira, que tinha uma loja de cabeleireiro de senhoras e usava aquele meio amoroso, para a introdução e propaganda das novas ideias depilatorias no seio das familias.

Do depilamento masculino

Seculo fatal de transição e de cortes.

Periodo aureo dos instrumentos cortantes, em que toda a gente se corta para se integrar na sua epoca.

Mas os verdadeiros ditadores, são os barbeiros.

Na furia depilatoria que os acometeu é prudente fugir deles. Eu já de há muito deliberei giletisar os queixos, para me pôr o mais possivel em segurança. Apezar disso, no receio de atingir o aspecto selvagem daqueles vegetarianos que exibem diariamente por essas ruas as suas jubas trogloditicas, tenho de sujeitar periodicamente a minha cabeça ao perigo da sua sanha cortadora.

E se bem que apresente uma grande calma e tranquilidade quando me entrego nas suas mãos, o meu «à vontade» é no intimo, um «muito pouco à vontade». Estou sempre — como quem não quere a coisa — espiando os seus gestos agressivos.

As suas batas brancas e aquelas aparatosas cadeiras articuladas fazem-me sempre evocar as operações dentarias com todos os seus horrores; e quando eles começam a fazer-nos girar para todos os lados, pondo-nos em varias posições, primeiro sentados, depois estendidos, por vezes virando-nos quasi os pés pela cabeça, é raro aquele que não enjôa, com tanto e tão incomodo balanço.

E após uma saraivada de maquinas tosquiantes, de pentes e de escovas — que nos arrepelam, nos sacodem, nos entram numa diabolica sarabanda de dança macabra, pelos ouvidos, pelo nariz e pelos olhos, em furiosas e tragicas arremetidas, — vem o epilogo das lavagens, das fricções e das loções que nos deixam a cabeça em agua; em agua de colonia.

Mas ainda o pior de tudo, são os dois dedos de cavaco que eles costumam fornecer a todos os freguezes.

Eu, nesses momentos, represento sempre o melhor possivel um papel de surdo-mudo. Mas por vezes é pior, porque na convicção de que quem cala consente, vendo-se sós em campo no uso da palavra e sem o travão da contradita, levam a sua argumentação aos maiores extremos.

Frequentei n'outros tempos um estabelecimento de barbeiro onde existia um oficial que fazia verdadeiras prelecções e era tido na loja por grande pensador. Em verdade, ele era simples-

mente um grande maçador. Mas perante os colegas e mesmo certos freguezes, que pensavam ainda menos do que ele, o notavel Figaro, Domingos de apelido, era tido por muito competente e altamente ilustrado.

Chamavam-lhe até o Domingos Ilustrado.

E quanta vez, perante a sua furia iconoclastica de ataque à obra dos governos, preconisando medidas — quasi todas de meio litro — gisando planos, lançando alvitres, eu pedia a Deus intimamente que o afastasse longos anos das cadeiras do poder, — onde muito naturalmente podia ir parar, — para que a obra dos seus numerosos antecessores não tivesse por fim, com a sua decisiva intervenção, o seu epilogo fatal.

O pior é que a-pezar das minhas preces, já outros Figaros teem transitado das cadeiras depilatorias para as cadeiras dos ministerios. E é talvez por isso que atravessamos uma epoca de cortes de toda a ordem.

Mas este Domingos, como quasi todos os seus colegas, tinha ainda outra qualidade perigosa. Era um grande sportman teorico.

E era certo que às 2.as feiras, ainda emocionado com os desafios da vespera, a sua acção era toda em shoots e rasteiras; muitas vezes no entusiasmo da conversa, não conseguindo impôr um goal perdido pelo team da sua simpatia, conseguia com o cabo da escova pôr-me um galo.

Por vezes a discussão azedava-se e quando se tratava de box, eu retirava sempre a cabeça prudentemente, não fosse ele julgar que eu era o Dempsey.

Uma vez, exemplificando em sêco, um concurso de natação, talvez para fazer mais luz sobre o assunto, ferrou uma lamparina no colega mais proximo.

Eu, pensando no perigo em que estava, se o colega visado se lembrasse de discutir o mesmo assunto, pus-me em guarda, disposto a gritar mesmo pela dita.

Mas não; o outro, mergulhou... num silencio indignado.

Eu mergulho tambem muitas vezes na leitura de qualquer periodico, a fim de suportar melhor a operação, não pensando nos perigos que impendem sobre a minha pobre cabeça.

Mas o meu processo temerario de me abandonar sem controle à furia depilatoria do barbeiro, custa-me quasi sempre um dissabôr, porque ao sair constato, desolado, ter sido tal a colheita capilar, que o chapeu, sem ter onde se estribe, me cai num desalento até à nuca.

Outras vezes do meu vago assentimento a todas as propostas, resulta ficar com a cabeça encharcada em loções, que primam sempre pelos mais estranhos aromas.

Lembro-me que uma vez, ao levantar-me da cadeira do martirio, notei um odôr pouco agra-

davel. Era um cheiro estranho a queijo gruyère, a bolor e a coisas velhas.

E reparando que era da minha propria cabeça, indignei-me.

Ele explicou-me que era Pompeia.

De certo seria Pompeia, mas em ruinas.

Desde então fiquei sempre atento, na altura das inundações.

Mas uma vez distraí-me e perante as varias propostas de loções, não dei pelo relato das inumeras especialidades.

Ele repetiu ainda, teimosamente, aguardando a minha escôlha:

— Violeta? Rosa? Pompeia? Trevo? Cravo?...

E eu nada.

E ele novamente:

— Cravo?

— Pois sim crava, consenti, ainda distraido. Mas ao sentir o liquido, suspendi num sobressalto.

— Mas o que é isso?

— E' cravo.

— Mau, isso não quero. Já no outro dia experimentei. Isso ao que cheira é a cravo de cabecinha.

— Pois se ele é para a cabecinha... retorquiu.

Confesso que entupi.

Ele, triunfante, começou despejando o frasco e fazendo a apologia do liquido; soube então que era preparado seu, excelente, maravilhoso, incomparavel para evitar a queda do cabelo.

Mas um freguez presente teve a ousadia inexplicavel de pôr em duvida a eficacia do famoso ingrediente; e então foi uma tragedia. No calor da discussão, estive em riscos de levar com o frasco na cabeça.

Por fim o indignado Figaro, ainda rubro da mais justa colera, lançou como argumento irrespondivel, a sua longa pratica na preparação dessas loções, os longos anos de experiencias, os estudos que fizera do problema, e afirmava que tinha encanecido naquilo.

Eu reparei que ele não tinha só encanecido; tinha tambem encalvecido com o uso do elixir.

Mandei suspender o caudal que me inundava e pensei que se aquele homem, dadas as suas qualidades de estadista, se lembrasse afinal de ir ás cadeiras do poder, talvez conseguisse descobrir tambem um elixir contra as quedas... ministeriais.

Seria maravilhoso, porque se os efeitos fossem semelhantes aos do elixir para a queda do cabelo, ficaria tambem a arcada deserta e completamente calva de ministros.

E seria talvez a salvação.

Do depilamento feminino

Foi a prudente retirada e a cautelosa atitude do sexo masculino perante a furia cortante dos barbeiros, a debandada constante para a Gilete, como para uma redenção, que os fez desviar com maior persistencia, as atenções e as intenções depilatorias, para o farto manancial piloso, que lhes apresentava o outro sexo.

Daí uma verdadeira revolução nas cabeças femininas, um 5 de outubro capilar, uma transformação completa, uma loucura, uma hecatombe.

O corte do cabelo foi-se tornando um vicio; e nas evoluções da moda, no odio crescente às cabeleiras, primeiro em corte à Ninon, depois à Garçonne, por fim quasi à escovinha, há senhoras que nos apresentam um aspecto desolador de pavorosa devastação e de ruina.

Os barbeiros triunfantes, a fim de garantirem a vitoria, procuram dificultar o mais possivel o regresso dos cabelos, que por isso vão cortando, duma forma cada vez mais radical.

Sei dum pobre cidadão pacifico e absolutamente avesso a tudo quanto sejam inovações, para quem esta moda constitui um autentico martirio.

Era dos fervorosos apaixonados dos cabelos fartos e abundantes e tinha assim um grande orgulho na cabeleira da esposa, senhora de longas e sedosas tranças.

Foi por isso com a mais funda magua, que ele soube do seu natural desejo, de se pôr tambem à moda.

E' claro que a sua oposição foi cerrada, tenacissima. Mas uma resolução feminina é sempre inabalavel, principalmente quando se trata de modas ou de modistas.

Ele, porem, sem desanimar, com lagrimas na voz e gestos de final de acto, fez-lhe notar o vandalismo, a barbaridade que constituiria o corte desses incomparaveis cabelos, que lhe rojavam no chão.

A esposa, de ante-mão preparada para a luta, abalou-o irremediavelmente com toda a sorte de argumentos, entre os quais avultava o de que com saias pelo joelho, não faziam sentido cabelos até aos pés.

E como ele insistisse, ela dotada duma teimosia muito maior do que os cabelos, amachucou-o com a lembrança de que ele tambem cortava o cabelo e não tinha portanto autoridade, para lhe impôr a proibição de cortar o seu. Seria de resto uma desigualdade impropria da nossa epoca.

Ele, fulminado, mas numa ultima esperança, jurou ainda que deixaria crescer os seus cabelos até fazer trança, de forma a inutilizar-lhe o argumento.

Mas a mulher impiedosa, fazendo notar que seria indigno — na epoca em que até os proprios chineses aboliam o rabicho — ele, pensar sequer, em semelhante solução, terminou por lhe chamar retrogrado, atrazado e — dados os seus proprios projectos capilares — um verdadeiro maricas.

Então ele, vendo enfim na vida, o momento propicio — talvez o unico — para lhe provar que o não era, acedeu.

Mas consumado o fatal cometimento o desgraçado não podia conformar-se.

E uma noite, todo sentimental, evocou os seus primeiros tempos de casado, o prazer que então sentia ao afagar-lhe as longas tranças, essas saudosas tranças que lhe lembravam sempre aquela quadra:

«Nas ondas do teu cabelo
Vou-me deitar a afogar»

A mulher enfadada, respondeu prosaicamente, que não devia carpir-se, porque o poderia fazer ainda. Ela continuava a ter ondas, não como as do mar, é certo, mas de Marcel.

Mas o martirio estava ainda no começo.

A esposa desde que entrára pela primeira vez numa loja de barbeiro, contagiada pela actual furia

cortante, não descançou enquanto o marido não aboliu a barba à Guise, que ele tinha em grande estimação e depois o bigode, que a-pezar de defendido milimetro a milimetro, atravessou as varias fases do bigode à americana, depois à Charlot, terminando afinal como tinha começado, por não existir.

Então quando a mulher alguma vez o procurava no escritorio, ele temendo outra exigencía, declarava logo terminantemente:

— O' filha, agora tem paciencia, mas já não corto mais nada...

Entretanto ia notando, que a mulher diariamente sofria novas metamorfoses capilares.

Primeiro verificou que um ligeiro buço, que lhe dava certa graça, havia desaparecido por encanto; e começou tambem a notar-lhe qualquer diferença nas proprias sobrancelhas.

E pondo-se de atalaia, observando, procurando constantemente descobrir a causa da mudança, descobriu certa manhã, horrorisado, ao acordar, que a mulher tinha deixado as sobrancelhas completamente estampadas no travesseiro.

Soube então que para substituir as proprias, há muito já cortadas, ela fabricava diariamente aquelas a Nanquim.

Não podendo prever onde terminaria aquela crescente devastação, receioso pelo futuro, sem saber onde aquilo chegaria, vendo a mulher de cabeleira cada vez mais curta e reduzida, já de

orelhas à vista como ele, de patilhas e cabelo cortado à inglesa, chegou a projectar vagamente um atentado dinamitista contra o barbeiro mais proximo.

De facto andava desolado; e vendo por toda a parte senhoras de cabeleira masculina, cigarro na boca, monoculo, bengala, gestos decididos, desembaraçados, discutindo, guiando automoveis, fazendo sport, pensava na dificuldade enorme que os vindouros hão de ter, na distinção dos sexos.

Na verdade, não há grande motivo para sustos, porque o sexo a que pertenço vai procurando acentuar essa diferença, passando a usar todas as modas que as senhoras abandonam e a ter os gestos e atitudes que elas deixaram de ter.

A-pezar disso o meu pobre amigo, foi um dos que primeiro sofreram as consequencias dessa crescente dificuldade.

Uma tarde, ao entrar no seu armazem de viveres, ainda furioso pela ausencia dum marçano, que há tres dias não punha lá os pés, ficou surpreendido ao ver que ele viera e perplexo, ao ver o descaramento com que o rapaz se tinha instalado no escritorio.

O meu amigo parou entre portas, pasmado do à vontade do garôto.

Sentado num velho maple, fumava, tranquilamente recostado como um lord, entretido por certo a ver no ar, as espirais do fumo do cigarro.

O patrão que por acaso voltara um pouco mais cedo do almoço, esteve ainda por momentos escolhendo o merecido correctivo, para tal descaramento e tamanha semcerimonia.

O rapaz, de costas para a porta, enterrado na cadeira, e deixando ver apenas a sua cabeça inconfundivel, de cabelo curto e eriçado, não se mexia.

O meu amigo avançou então cauteloso e em silencio e chegado junto da cadeira sem ser visto, ofereceu ao fumador, uma daquelas estampilhas dignas de figurar na comemoração de qualquer data historica.

Mas imediatamente arrependido do seu gesto, num pavor mortal, intraduzivel, viu de pé na sua frente, em colera e pasmo, a sua propria esposa, irritada, vermelha, furibunda, verberando-lhe o desconchavádo gesto, a inexplicavel agressão.

Ele, perfeitamente desorientado, nem sabia por onde fazer enveredar as suas explicações.

Por fim, titubeante, desculpou-se:

— O' minha querida... deves convir... que não posso... não tenho o dom de adivinhar. Vi-te apenas a cabeça... e como hoje trazes o cabelo perfeitamente igual ao do rapaz... do João que há tres dias não vem cá... julguei que fôsse... que era ele; bem vês... com o cabelo assim... em pé... cortado à escovinha...

— O que eu vejo é que estás muito atrazado, explodiu ela. Não vês que é o penteado à Hinden-

burgo... a ultima moda na Alemanha... o cabelo em brosse...

Apavorado, estupefacto, o meu pobre amigo tinha tambem naquele momente o proprio cabelo em brosse; mesmo todo ele, na verdade, estava «à brosse».

E muito palido, pretendeu ainda desculpar-se.

— Mas como estava habituado a ver-te o penteado à Garçonne ou lá o que é, bem vês que não podia supor...

— Á Garçonne!! Mas onde isso já vai! Há quanto tempo se não usa! Bem se vê que andas na lua...

— Compreendo, — fez ele sucumbido —; agora já não se usa o cabelo à Garçonne, é à marçano. Compreendo a evolução e está bem. Agora já fico prevenido; e se algum dia entrar no escritorio e vir aqui sentado algum careca, vou beijá-lo imediatamente, porque já sei que és tu, minha querida, que me esperas...

OS MARTIRES DO TURISMO

Um grande almoço desportivo

Ao meu Ex.mo Amigo Carlos Bleck

Na grande sala de jantar do luxuoso hotel, elas fizeram a sua primeira entrada com passo incerto e mal seguro.

O mais reles observador via logo três caloiras em turismo, pisando pela primeira vez o palco da grande vida.

O brilho das toilettes, os sons vibrantes do Jazz e o vai-vem febril da criadagem, correndo sob Himalaias de pratos e travessas, perturbaram a principio as debutantes.

Era o primeiro almoço comido em publico. Natural, portanto, a comoção.

Depois, aqueles vestidos que a sucursal do Grandela lhes fornecera, sob o rotulo tentador do ultimo grito da moda, não se tinham adaptado completamente ainda aos seus habitos plebeus.

Tambem pelo desenho berrante dos tecidos, aquilo não era o ultimo grito, era sim o ultimo berro da moda.

Mas o caixeiro atestara que tão exoticos padrões eram o chic, a ultima palavra do bom tom.

De facto, tão ultima palavra, que nem sequer recalcitraram.

Caladas, pagaram a conta, que era tambem bastante calada, como convinha á circunstancia.

Mas no intimo, tinham agora a impressão de que os dois escassos metros de fazenda, não poderiam comportar com a devida segurança as suas colossais rotundidades, criadas na plena liberdade e na despreocupada ignorancia das compressoras exigencias da moda feminina.

Sentaram-se por fim as três na mesa que um dos criados indicou.

Mas perante o grande numero de talheres de varias formas, em volta dos seus pratos, olharam-se num enleio.

Uma tão completa utensilagem comestivel, causou-lhes embaraços.

Num relance, involuntariamente recordaram o recheio daquele armario existente no consultorio medico da sua terra; e no vago receio de que iriam exigir delas alguma complicada e dificil operação, olharam para a mesa do almoço, como se olhassem a mesa da anatomia.

Mas passada a primeira hesitação impunha-se uma iniciativa, e a mais velha das três — a mãe — deliberou agir, orientando-se pelas observações colhidas furtivamente nas mesas que lhes estavam mais proximas.

E vendo que na mesa do lado se comia o melão inicial, supoz que era da praxe começar pela sobremesa, e, como não gostasse de melão, resolveu atacar uma das pêras.

Era uma pera enorme e suculenta. O seu primeiro impulso foi agarrar-lhe pelo pé e cravar-lhe os dentes, regaladamente, no carnudo bôjo. Mas reparou a tempo que noutras mesas — onde de facto se estava já na altura da sobremesa — esta operação requeria outros cuidados e conteve-se.

As filhas tinham deliberado seguir-lhe todos os movimentos, tanto mais que o exemplo devia partir de cima.

Mas uma grande hesitação a coagia, e tiveram de aguardar que um gesto seu lhes indicasse o caminho que deveriam seguir.

De facto, perante a grande variedade e o numero dos talheres na sua frente, a sua perplexidade por qual devia decidir-se, coartava-lhe toda a acção.

Por fim, resolutamente, como o guerreiro que às cegas se atirasse para o meio da luta, sacou do garfo maior, que empunhou na dextra, ao mesmo tempo que a sinistra brandia a colher da sôpa.

Devo confessar que a sua atitude era tambem sinistra e deixou-me na duvida acerca das suas intenções.

Porem as filhas, apressadas, imitaram-lhe o gesto e eu cheguei a supor que se tratava dum treino de esgrima ou de jogos malabares.

Mas não. Era apenas o sinal de que a luta ia começar. Emquanto a colher se colocava à guisa de escudo, um gesto violento do garfo procurou agredir a descuidosa pera.

Esta teve naturalmente um sobressalto e esquivou-se ao golpe traiçoeiro. Então a luta travou-se, aberta e francamente.

Em successivas arremetidas foi experimentado todo o material de guerra, toda a ferramenta colocada no campo de batalha. Brilharam no ar os garfos, as facas, as colheres.

As filhas, numa ansiedade, aguardavam o desenlace.

Mas a pera, a suar sumo por todos os seus poros, defendia-se naturalmente, rolando, retraindo-se, esquivando-se, deslisando aflitivamente no prato do suplicio. Então a luta foi titanica, terrivel; luta de astucia, quasi luta de trincheiras, em que por vezes os golpes eram vibrados de emboscada, brandidos por detraz dum copo, à esquina dum jarro de agua ou sob a protecção do galheteiro. Mas a heroica pera furtava-se, numa sublime resistencia.

A agressora, rubra de colera, procurou ainda, em vão, cravá-la de flanco com o talher do peixe.

E via-se pela sua crescente indignação, que o seu feroz desejo seria cosê-la com facadas. Mas continha-se, prudentemente.

Era preciso calma, sangue frio. De certo não

estavam ainda esgotados todos os meios. E a pera foi posta de lado, por momentos.

Era justo um descanço.

Estava terminado o primeiro «round».

As três olhavam-se, num desespero de impotentes.

Entretanto, os criados, supondo-as já na sobremesa, passavam indiferentes à tragedia e sem trazerem novos pratos, que lhes aplacassem a feroz e tragica ofensiva.

Então, a titulo de experiencia, um pêro foi arrastado para o «ring». Mas este — são, como todos os peros — começou oferecendo uma resistencia maior.

Foi um desanimo nas hostes atacantes, um clamor de indignação; e, numa furia, o casal — o pero e a pera — foram atacados em massa. Uma colher brilhou no ar.

Eu ia já intervir, lembrar que entre marido e mulher — entre o pero e a pera — se não devia meter uma tal colher, mas contive-me.

O pero, tido por invencivel, fôra abandonado e a luta tomara um aspecto renhido, selvagem, e, portanto, perigoso para intervenções estranhas.

Porque então as três, numa conjugação de esforços, num plano maquiavelico, atacavam em forças combinadas.

Enquanto uma delas, com o talher do peixe, fazia parede cortando a retirada ao desditoso fruto, a outra esmagava-o sob o peso da colher de sopa,

procurando a terceira vibrar-lhe o golpe mortal e decisivo.

Foi um pavor: houve rasteiras, gestos violentos, desesperados, golpes terriveis e, por fim, num verdadeiro «corps-à corps» a primeira conseguiu deitar-lhe uma das mãos e com a outra vibrar-lhe o certeiro golpe, que a rachou de meio a meio. Era quasi a vitoria.

Eu, num entusiasmo crescente, estive quasi decidido a uma ovação. Mas não quis perturbar os contendores.

Era de facto meio caminho andado. Era já mais dificil a defesa.

Nisto, novo golpe feliz e o fruto era esquartejado. Era preciso, porem, erguê-lo ainda, triunfalmente espetado, num dos talheres e proceder à indispensavel escalpelização.

Faltava muito ainda. E depois, do prato à bôca, era um novo abismo dificil de transpor.

Mas sem desfalecimentos a ofensiva recomeçou: os quartos da pera furtavam-se, defendiam se como leões. E um deles, mais renitente, perante uma estocada traiçoeira, num assomo de revolta, saltou para o sobrado. Foi olhado com rancor. Houve uma certa indecisão. E quando a atenção do inimigo ia desviar-se para os que restavam no prato, o guardanapo mal seguro e desprendido na refrega, rolou tambem do seu pescoço até ao chão.

Terrivel contratempo, porque nenhuma delas

poderia dobrar sem perigo as suas banhas, de forma a deitar a mão ao foragido.

Então por baixo da mesa começou um renhido «match» de «foot-ball». Mas nenhum dos seis pés conseguia guindar o guardanapo à devida altura.

Houve gestos desesperados de natação, prodigios de equilibrio, perigosos acrobatismos. As cadeiras gemiam doloridamente numa agonia, e a mesa, tilintando os pratos e as garrafas, erguia os pés tragicamente, como que sob a acção magnetica dum espirito... de vinho.

Finalmente, um «shoot» mais feliz pôs o alvejado ao alcance da sua proprietaria: e esta poude assim, esmagando-o sob o pé vitoriosamente, arrastá-lo vencido até junto da cadeira, lançar-lhe um garfo em croque e devolvê-lo de novo ao pescoço de que fugira.

O regresso não podia ser mais oportuno. Grossas bagas de suor, do esforço dispendido, reclamavam já seus bons oficios.

Entretanto, talvez por ser apanhado em distracção, um quarto de pera era tambem levantado vitoriosamente na ponta duma faca. Foi um delirio. Todas ficaram suspensas de emoção. Era o principio do fim.

Mas foi breve o triunfo. Flacido e combalido como estava da luta que sustentara, o quarto da pera abriu de par em par e as duas metades rolaram na toalha.

Foi uma nova desolação. Mas a contrariedade aumentara a furia das combatentes; e numa revanche a luta redobrou de intensidade, sem treguas, sem quartel. Tudo se experimentou: os mais variados, energicos e violentos golpes; e não sei mesmo se chegaram ao extremo das ofensas pessoais e ao emprêgo dos gazes asfixiantes; mas quando eu, já vibrante de ansiedade, extenuado de atenção e desejoso de ver o fim de tão renhido combate, ia gritar: à unha! à unha!... parece que por uma estranha transmissão de pensamento, as três de acordo, depondo as armas por inuteis, despresando toda a ferramenta empregada na refrega, pousaram os talheres, e num derradeiro, num decisivo recurso, lançaram-se... com unhas e dentes aos vencidos.

Era, finalmente, o fim. Levantei-me ainda emocionado.

* *
* *

E quando pouco depois, cá fóra, uma delas, junto de mim, lamentava a exiguidade da refeição e o pessimo serviço, eu não pude deixar de contestar intimamente que, pelo contrario, tinha sido um almoço... e peras.

O grande estadista

O grande estadista, comendador de varias ordens e encomendador de varias desordens nacionais, para dar a nota do bom tom e gastar as notas adquiridas sem tom nem som, faz a sua estreia termal com a cara metade, pelo volume mais propriamente classificavel de cara dobrada.

Nada melhor que um Palace, para adquirir o necessario verniz e as grandes relações.

Ao chegar, abordado pelo «maître d'hotel» que arranha o francês num ar civilizado e chic, o grande estadista declina o seu nome, num ar elevado e magestoso.

— Et sa femme, — acrescenta o criado gravemente.

— Isso, a fama, sei eu que já é grande. E olhe que quero dois quartos dos melhores.

— Appartement?

— Não é por apartamento, é para podermos dormir mais à vontade.

O criado sorri discretamente e vai, solicito, dar ordens.

Surge então o amigo Nunes, grosso comerciante de cabedais tambem por grosso, chegado dias antes com toda a Ex.ma Familia—a mulher e as filhas—que na verdade formam um completo mostruario dos artigos do seu comercio.

Agradavel surprêsa. Grandes expansões masculinas; profusão de beijos repenicados entre as damas.

Procuram todos um ar chic. Chovem as perguntas: sobre a viagem, aos que chegam; sobre a animação, aos que já estavam.

Madame Nunes, interessada, quere saber mais pormenores:

—Tambem vem tratar-se, D. Antonia? Fazer a sua cura de aguas? E o que tem?

—Rins...

—Oh! Coitada!!

—E a senhora?

—Areias.

—Ah! Isso é muito pior! Essas doenças acabam sempre mal. Tive uma amiga que acabou na Idanha...

—Mas não, que ideia, não é dessa; é daquela areia que se deita...

—A' porta dos cambistas quando sai a sorte grande...

—Não, esta areia vem dos rins...

—Sim, a outra costuma vir em carroças.

—São calculos...

—Calcule!!

— E as minhas filhas aproveitam para a cura de repouso. Coitadinhas, estão todo o ano em casa e aqui, ao menos, dançam todo o dia e toda a noite.

— Uma cura de cansaço — emenda o Nunes, agressivo.

Mas logo em defeza das pequenas, acode um jovem cadete, que por intermedio das filhas vem fazendo o seu pé de alferes, aos cabedais do pai.

— O' Sr. Nunes, não diga isso! E' pelo menos o repouso do espirito... Tudo é necessario.

O grande estadista concorda superiormente:

— Nem só de pão vive o homem, como dizia aquele meu correligionario — o Dantão.

— Mas não se conhecem, diz o Nunes, dão-me licença que os apresente: *o grande estadista... o Sr. Raposo...*

— Raposo? Tenho uma ideia, o nome não me é estranho.

— E' natural — diz o cadete, importantissimo por tão inesperada popularidade.

— Raposo, não me é estranho, não sr. O meu amigo não tinha um pai que era empregado nos Transportes Maritimos?

— O meu pai escreve, — faz o cadete um tanto formalizado.

— Pois este Raposo tambem sabia ler e escrever e foi isso o que lhe valeu. Mas parece que depois escreveu demais ou de menos e deram-lhe a ordem...

— De Santiago?

— Não, a ordem de prisão.

— Mas são horas de jantar, lembra o Nunes, podemos ficar todos na mesma mesa.

Todos aprovam; principalmente o cadete, que a conversa tornou tão rubro como os vivos do fardamento.

O politico esfomeado dá tambem um daqueles sonoros e eloquentissimos apoiados em que era perito na Camara; e mesmo empoeirado e sujo da viagem é o primeiro a chegar à mesa.

Toma logo uma das cabeceiras, desaperta o colete e ataca o primeiro pão que tem a desdita de lhe cair nas garras...

O criado começa servindo logo.

— E depois o que se segue?—pergunta o grande estadista, avançando ferozmente pela sopa.

— Filets de sole.

— O' diabo, isso deve ser um pouco duro.

E olha o Nunes, na vaga desconfiança de que o prato seja fornecido por intermedio do seu estabelecimento.

— E depois disso o que vem?

O cadete ilucida:

— Noix de veau à la marechal.

— Vai a marechal, não tenha duvida. O meu amigo tem um certo merecimento. Isso depois arranja-se. (Áparte para o Nunes) O rapaz tem a mania das promoções. (Para o criado) Mas, afinal, o que vem depois dos cabedais?

— Dos cabedais?

— Sim, depois da sola?

Mas o criado, supondo um dito de espirito do freguês, sorri, sorri polidamente e retira silencioso.

— E pena este criado ser um pouco surdo. Afinal, fiquei na mesma; pelo sim, pelo não, vou-me prevenindo com a sopa.

Então o cadete, para distrair as atenções que podem fixar-se no rubor da Nunes mais nova, cujo pezinho tem andado sob a mesa a exercitar o charleston com o seu, procura estabelecer o cavaco, que o apetite devorador do grande estadista tem tornado insustentavel.

— E quando pensa vosselencia regressar à actividade politica?

— Eu estou sempre em actividade. — responde o politico, com a bôca cheia.

— Gostava de poder tambem, como V. Ex.ª, fazer um dia os meus debutes na politica, no Parlamento...

— Sim, eu tenho metido butes em toda a parte. — aprova ele mastigando — E' claro que nem todos o conseguem.

— Vosselencia tem medidas avançadas.

— Sim, eu não estou com meias medidas.

— São todas de litro. — diz o Nunes.

— Qual de litro; de tres em pipa. Sou radicalissimo. Os nossos avançam o mais possivel para a esquerda.

— A's vezes avançam tanto — diz o Nunes — que acabam por ficar fóra do jogo.

O cadete sorri, como sempre, perante as piadas do Nunes. Não por uma questão de principio, mas de fim.

Mas o grande estadista não gosta muito da graça e esboça um murro na mesa, que o cadete suspende, todo cardinalicio, lembrando que a loiça só é de Vista Alegre enquanto estiver inteira.

O grande politico recolhe o gesto parlamentar, mas acrescenta:

— E' claro que a vosselencia, como a todos os burgueses, não quadram as minhas ideias avançadas. Se pudesse apreciar imparcialmente os meus planos, então veria.

— Ai, não imagina, Sr. Nunes — comenta a D. Antonia — que projectos...

— Sim, em projecto tudo é bom, mas na prática...

— Ai, mas é lindo! — Torna ela — A igualdade completa! Tudo bem dividido, tudo igual, tudo igual...

— Isso é um pouco monotono — alega o cadete, sempre com o seu fim em vista.

— Depois é que vamos ver quem ri — torna o político superiormente.

— Não tenhas dúvida, filho — diz-lhe a esposa — ainda vens a ser um novo Lloid Jorze.

— Sim, filha, ainda vens a ser madame Jorgina... E agora o que se segue? — pergunta,

sempre na sua ideia fixa, ao criado que aparece.

— Inocente à la broche.

— O quê?

— Leitão — torna o criado.

— O Leitão! Ó coitado! Se calhar foi das aguas.

D. Antonia vai então junto do esposo, com o menu de que uma das outras lhe indicou a aplicação e, chamando-o de parte, segreda-lhe assustada:

— Ó filho, vê lá isto que vem depois; será melhor não assistirmos.

O grande estadista lê, admirado, o manjar indicado pela esposa:

— «Bombe creme Vanille». Isto parece de proposito.

Ouve-se dentro o estalar duma garrafa de champanhe.

— Aí tens, já começam as bombas.

— Calcula, e com creme dentro! Vamos ficar em misero estado.

Então os dois, apressados, alegando fadiga, retiram prudentemente.

E enquanto Madame Nunes fica atribuindo ao esposo a culpa de tão repentina retirada, o grande estadista, no seu quarto, reflecte maduramente.

De manhã, convencido de que lhe não servem tão revolucionarias refeições, tem resolvido debandar para outras aguas.

Mas a fome aperta e torna se indispensavel tomar ainda alguma coisa.

— Vê lá o que te trazem — recomenda, cautelosa, D. Antonia.

O grande estadista, um pouco apreensivo, vai junto da campainha e lê o distico ilucidativo das chamadas:

1, — Femme de chambre.

2, — Valet.

— Vamos a ver se ao menos este criado não é surdo como o dontem — diz ele, carregando uma vez o botão da campainha.

Pouco depois aparece uma criada.

— E' a tal coisa — diz o grande estadista arreliado. — Afinal chamo o valete e aparece-me a dama...

— Quer o petit dejeuner? — pergunta a rapariga.

— Olha a criada pergunta se o petiz quere dejeunê.

— Ó filho, diz-lhe que não trazemos crianças, não é preciso.

— Olhe menina, a sr.ª diz que não é preciso.

— E o Sr.?

— Isso tambem não quero, prefiro um cafezinho com leite e umas torradas.

— Ha brioches — lembra ainda a rapariga.

— Lá isso estou; mas não admira, é da fraqueza E não demore, que tenho pressa.

*
* *

Pouco depois D. Antonia, malas feitas, espera no «hall» que o grande estadista liquide na Caixa as suas contas.

Aparece madame Nunes, que se despede, admirada.

— Então já?

— O meu marido foi chamado...

— Por telegrama?

— Não por um amigo. E as suas meninas saíram?

— Não, agora estão no repouso...

— Ah!

Despedem-se. O politico aparece de muito má catadura.

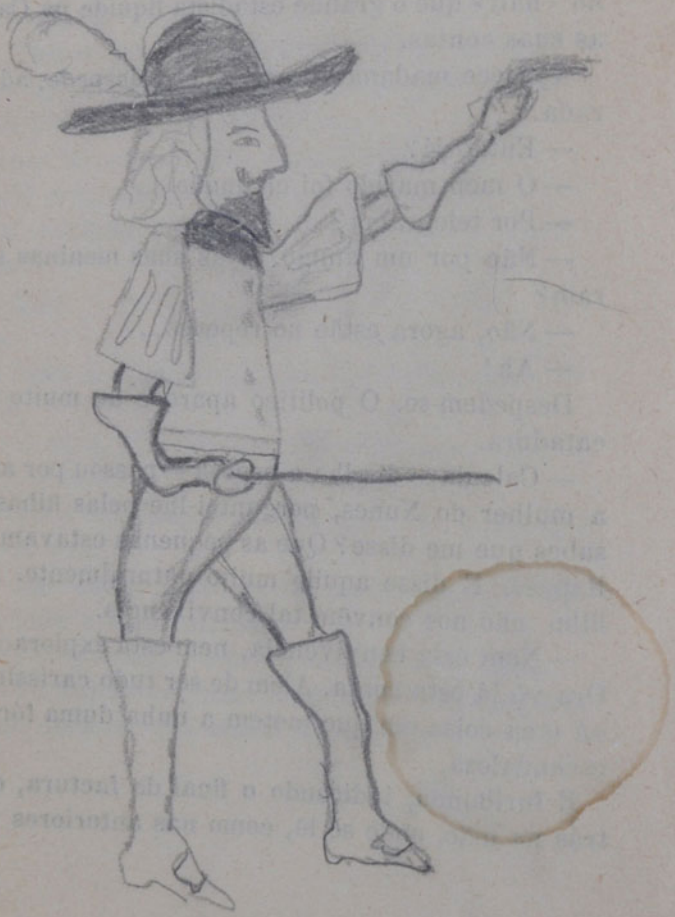
— Calcula — diz-lhe a esposa — passou por aqui a mulher do Nunes, perguntei-lhe pelas filhas, e sabes que me disse? Que as pequenas estavam no Raposo. E disse aquilo muito naturalmente. Ai, filho, não nos convêm tal convivência.

— Nem esta convivência, nem esta exploração. Ora vê lá esta conta. Além de ser tudo caríssimo, há uma coisa em que metem a unha duma fórma escandalosa.

E furibundo, indicando o final da factura, que trás na mão, onde se lê, como nas anteriores de-

signações, à frente da palavra «a transportar», a respectiva tradução: «a reporter»:

— Ora vê lá que exploração; lá quanto ao resto, ainda vá. Mas para uma pessoa tão conhecida como eu, que não precisa de publicidade, 155$00 escudos ao reporter, acho forte!!...



O prazer de viajar

«É um prazer viajar neste país de belo clima e de linda paisagem», dizia-me há tempos um cavalheiro da Propaganda de Portugal.

Concordei com muitas restrições e mesmo assim por comprazer; e perguntei-lhe donde vinha.

Descreveu-me então uma volta pelas termas, nos melhores hoteis e gosando de todo o conforto que nalguns deles se pode disfrutar, a troco, já se vê, duma sangria maior, na bolsa do confortado.

— Mas, protestei, você não pode ter a pretenção de meter todos os turistas que nos visitam, em meia duzia de hoteis que verdadeiramente podem ter esse nome; e nem toda a gente que pretende ver as nossas belezas vem directamente das minas de ouro da Califórnia. Em matéria de hoteis e à-parte rarissimas excepções, o nosso país deixa muito a desejar; e digo-lhe muito por favor e por atenção à Sociedade de que o meu amigo faz parte, porque na verdade deixa tudo.

E para o ilucidar fiz-lhe esta apavorante des-

crição, aliás resumidissima e que pela palidez dos traços fica ainda muito aquem da realidade:

— Suponha o meu amigo, por exemplo, esta viagem, que me vi obrigado a fazer há pouco tempo e cujos transes são inevitaveis para quem se proponha viajar em Portugal, fóra das delicias do sleeping e dos Palaces termais.

Não lhe descrevo os horrores do trajecto inicial, para não o ver desmaiar de emoção, logo ao desabrochar da narrativa. Mas faça uma pequena ideia dos suplicios que pode produzir a conjugação de elementos como o calor, as moscas, a ausencia total de limpeza e de conforto da carruagem que me transporta — que apenas no título se pode considerar de 1.ª classe, porque de facto é da última — e para cumulo, a extrema morosidade, as constantes, as interminaveis paragens do rápido que me conduz, o qual tambêm apenas é rápido de apelido e para efeitos de pagamento da sobretaxa de velocidade.

Isto de taxas e sobretaxas é tambêm entre nós uma verdadeira praga, um vício. É um país onde tudo se taxa, o que de resto não admira, dada a nossa riqueza vinícola. Mas a tais elementos, que transformam uma viagem, que podia ser breve e agradavel, num longo martírio de muitas horas, acrescente o meu amigo ainda este; a enorme, a inconcebivel distância a que muitas estações ficam dos lugares que pretendemos visitar, o que nos leva a constatar de visu e por experiência

própria a urgência máxima da solução do problema das estradas, de que ficámos sendo acerrimos defensores.

E depois de tudo isto, imagine o efeito que terá para o estado de consternação em que chegámos, a contemplação dum tenebroso hotel, cujo aspecto nos deixa antever logo, que os horrores passados, nada são ante os futuros.

E é sempre pomposo o nome desses antros de suplício.

É sempre o grande Hotel de qualquer coisa. E saímos sempre convencidos de que efectivamente é grande nas contas e na falta de conforto. Nesse ponto é mesmo colossal, quási sempre.

Subimos. Logo na sala de entrada podemos deliciar-nos com um verdadeiro museu de arte, em calendários das mais remotas eras, a que não falta a patine da antiguidade, atestada pelas sucessivas camadas de poeira que o tempo prodigamente forneceu e nos retoques dos seus diversos desenhos e paisagens, em que várias gerações de moscas colaboráram.

Há também um quadro inevitavel: uma senhora de longas peles, regalo e chapeu de fartas plumas, que sorri deliciada no meio dum deserto de gelo desolador e frio, tendo por fundo uma interminavel paisagem de neve siberiana.

Na sala de jantar encontrámos o eterno camapé de palhinha, derrancado e flacido, um guarda-louça com amostras de chavenas dos mais diver-

sos formatos e desenhos, balouçando-se em ferrugentos camarões, enquanto outras invalidas, sem asa que as eleve e as sustente, as olham de baixo humildemente, com inveja; e formando o sequito, a «entourage» de velhas e respeitaveis terrinas e veneraveis garrafas de Kermann e de Escarchado bebido há longos anos, fileiras compactas de maçãs vermelhas e de fórmas alentadas, algumas tapando discretamente a bôca a grossos copos, escurecidos pelo sarro do vinho bebido por muitas gerações de viajantes.

Na mêsa espera-nos uma sôpa, onde as môscas pretendem salvar-se a todo o transe, agarrando-se aos talos da couve e aos cabelos que a cosinheira deixou ali caír, propositadamente já, para tão piedoso fim.

E depois duma refeição toda em hipoteses, pretendemos naturalmente repousar.

Mas a não ser que nos acometa o sôno eterno, temos de ficar na pretenção.

Numa irresistivel tentação, deixamos caír o corpo contuso e moído das atribulações da trágica jornada, sôbre uma cama que nos recebe sempre recalcitrando e com protestos da sua desengonçada e ferrugenta arquitectura.

Temos nêsse momento a nítida impressão de ter caído sôbre um mármore. Depois das contusões adquiridas durante a acidentadíssima viagem, aquela marmorea rigidez oferece-nos a agradavel e perfeita sensação, de que o nosso fracturadis-

simo esqueleto, vai por fim repousar sôbre a decantada mêsa da anatomia.

Porêm, o pior suplicio vem depois.

Legiões de percevejos famintos, famílias inteiras açoladas pela fome, descem das suas cavernas, ao cheiro da carne fresca. Numa perfeição estrategica notavel, rápidamente, a invasão alastra. Lê-se-lhes no rôsto a mesma alegria satânica que à entrada descobrimos no hoteleiro, ao vêr chegar enfim um hospede, uma vítima.

Então a luta é tremenda, feroz. E se o viajante tem a temeridade de ficar, é certo que na manhã seguinte encontrará apenas o seu cadaver. O menos que póde acontecer-lhe é constatar de madrugada nos restos nebulosos do espelho do lavatório, que um inesperado ataque de sarampo o acometeu.

A madrugada encontra-nos geralmente dormindo sôbre o parapeito da janela; e mal refeitos da luta nocturna, procuramos lavar-nos. Um lavatório só visível ao microscopio, passa-nos despercebido. Chamamos alguem.

Aparece sempre o próprio hoteleiro, curioso por vêr o estado em que ficámos depois do ataque nocturno.

Diz sem convicção nenhuma e para nos animar, que o nosso aspecto é excelente e lê-se-lhe entretanto no semblante o pasmo de nos vêr ainda com vida e figura humana, após a luta nocturna com as feras que infestam os seus tragicos aposentos.

Nesta última viagem, nêsse momento, muito ingenuamente pedi um banho.

Um espanto indescritivel se espalhou no rôsto do hoteleiro, como se lhe tivesse pedido a coisa mais estranha ou imprevista. E passados momentos, já mais refeito da grande admiração que o meu desejo provocou, respondeu:

— Póde V. Ex.ª, querendo, lavar os pés; temos aí uma bacia de cobre.

Muito naturalmente, achei pouco.

Elè então, numa inspiração feliz, num grande ar de hoteleiro moderno, tomando uma atitude civilizada, acrescentou:

— E temos aí um bidé!!!

Foi então a minha vez de ficar mudo, perante tão inesperado requinte; e mandei vir o aparelho.

Esperei emocionado e ansioso; e pouco depois entrava-me no quarto solenemente, ao colo do hoteleiro, um objecto estranho, de grandes proporções, dificilmente reconhecivel e que ele apertava ao seio, cautelosamente, com verdadeiro carinho maternal.

Constatei que de facto o objecto em questão, era o que me havia sido anunciado.

O monstro tinha todo o aspecto de ser quási antidiluviano. Com os interiores pintados de amarelo vivo, as pernas tortas, horrendo e temeroso, bojudo, largo, próprio para formas avantajadas, de-certo prehistoricas; quási podia dizer-se colossal.

Puz-me a estudá-lo curiosamente; fôra de-certo adquirido há seculos na cidade, nalgum leilão burguês.

Posto no chão, ficava com uma das pernas no ar, como estes cães a que pizamos uma pata. E por mais que se tentasse fazer hipismo sôbre tão horrendo monstro, todos os esforços resultavam inuteis, em virtude do balanço desordenado, que os seus três pés mal alinhados produziam.

Não me atrevi, nem tentei afinal montar o bicho.

E entre desolado e compungido por não sentir coragem para usar de tal requinte, dirigi-me ao rio mais proximo e numa toilette verdadeiramente edenica, tomei um banho selvaticamente natural, é certo, mas completo, total e sem perigos.

Estoirismo

No ano da graça, melhor dizendo da desgraça, de 1926, tive a fatalidade enorme de empreender em Portugal uma viagem. Os transes dolorosos por que passei e as vicissitudes que sofri, davam em alexandrinos um poema. Pelo menos a letra para um triste choradinho. Para cumulo da desdita, vi-me forçado, no decorrer da minha longa e atroz peregrinação, a acompanhar por largo tempo uma numerosa familia de estrangeiros, turistes de nascença, turistes natos, que de-certo já na ama, tinham manifestado a irresistivel tendencia, de percorrer constantemente... os hemisferios.

Atraidos pela Propaganda de Portugal, pretendiam conhecer as nossas belezas naturais. Tambem só as naturais, porque doutras, não possuimos sequer a mais ligeira amostra.

Pode, portanto, calcular-se o meu confrangimento patriotico, ao ter que contemplar os mil dissabores e faltas de conforto, que Portugal oferece aos viajantes. A-fim de os animar, fui-lhes

dizendo que tinhamos nas termas suntuosos hoteis, com todo o conforto moderno e com os mais requintados requisitos, que os mais exigentes pudessem desejar. Apontava-lhes assim como que uma terra de Promissão, para os aliviar de todas as penas sofridas, na esperança de futuras compensações. Cheguei a sentir-me Satanaz, fazendo as minhas vitimas atravessar o Purgatorio, por entre os mais variados tormentos e suplicios, para lhes oferecer cinicamente, um hipotetico paraiso. Mas para maior desgraça, a certa altura a viagem, teve de meter um automovel.

E travámos então dolorosissimas relações, com alguns quilometros de estradas. De estradas, é favor. De ruinas de antigas, de remotissimas estradas.

O tragico, o inolvidavel acontecimento teve lugar no Alentejo. Antes de começar o suplicio e ao olhar para a estrada que se desenrolava na minha frente, senti um calafrio. Dava a impressão dum oceano, que no meio duma enorme tormenta tivesse solidificado, ficando todo às ondas. Partimos. A principio os meus companheiros tiveram um movimento de pasmo e varias exclamações chegaram aos meus ouvidos. Patrioticamente, informei que se tratava dum pedaço de estrada romana, uma verdadeira reliquia, que estava assim desde a mais remota antiguidade, porque a Associação dos Arqueologos não consentia que lhe tocassem.

Garanti que percorriamos um verdadeiro monumento nacional. Mas pouco a pouco começaram estranhando, naturalmente, a extensão do monumento, e vi-me por isso obrigado a engendrar mais satisfatoria explicação. Os sacrificios que o amor da patria nos impõe!

Como pelos constantes solavancos do veiculo, tinhamos todos o aspecto de ir dançando um frenetico, um desengonçadissimo shimmy, facilmente os fiz acreditar que a acidentação constante das estradas, era propositada e cuidadosamente mantida, á custa dos maiores esforços, a-fim de que os numerosos viajantes, tivessem a impressão de que iam permanentemente num agradavel fox-trot. Pelo menos a trote e à inglesa iamos nós. Dada a actual febre dançante, o nosso país, no desejo de satisfazer e de impressionar bem os seus turistes, fornecia esse atractivo, esse verdadeiro requinte coreografico.

— Mas sem musica? extranharam. — Expliquei então que era costume trazer um jazz-band, mas que por virtude dum desastre ultimamente ocorrido — um saxofone que num salto maior do carro tinha ficado com o aparelho atravessado nas guelas — se tinha adoptado agora o assobio. E comecei assobiando patrioticamente o *Hino da Restauração,* que é explendido para um fox-trot, e vinha além disso muito a-proposito. Era por assim dizer o meu veemente apêlo, à restauração daqueles miseros caminhos.

Contudo, a-pezar de toda a minha boa vontade e de todas as minhas explicações, a certa altura tivemos de parar, a-fim de que os meus pobres companheiros pudessem pôr em ordem e arrumar nos seus lugares, as varias miudezas baralhadas, misturadas e em desordem. Eu proprio tinha a impressão de que um dos rins, me tinha saltado para uma das algibeiras do colete e tratava de me certificar, quando um dos meus companheiros, enjoado do balanço, começou em terriveis agonias. Foi um martirio para o fazer seguir viagem e para conseguir que continuasse a aguentar-se no mesmo frenetico balanço. Galgamos então uma descida e o carro, em saltos bruscos e constantes, dava-nos a impressão perfeita de que desciamos as escadinhas do Duque ou da Saude.

Porém, finda a descida a coisa piorou. Eu quis ainda justificar as enormes crateras em que o automovel se afundava, explicando-as pelo poder enorme dos explosivos, empregados durante uma recente revolução. Mas os meus companheiros, apenas então preocupados com a integridade do fracturadissimo esqueleto, não estavam já em estado de engulir fôsse o que fôsse. Tomei tambem a mesma cautelosa deliberação e a-fim de não perder pelo caminho alguma das miudezas que trago sempre comigo e me fariam uma falta dos diabos, pois que possuo as estritamente necessarias, tratei de me agarrar a elas, com todas as minhas unhas e dentes ainda disponiveis. Então

um dos meus companheiros, palido, agonisante, perguntou numa voz debil, como que vinda de além tumulo:

— Mas Propaganda de Portugal diz que sua terra ser um país de turismo?

— Calunias, respondi já desalentado. Isto é apenas um país de estoirismo. Não vê, é cada estoiro.

De facto, neste momento, o automovel descendo ao interior duma ravina, fazia-nos estoirar de sofrimento.

Os meus companheiros, incautos e desprevenidos viajantes, não costumados a tão arrojado alpinismo automobilistico, iam já num estado lamentavel.

Estropiados, palidos, amarrotados e moidos dos pinhões que reciprocamente se haviam dado no decorrer da tragica viagem, com a cabeça cheia de galos dos carolos nas traves da capota, com os intestinos em estado verdadeiramente pastoso, alguns mesmo agonisantes, inspiravam compaixão.

Efectivamente com tais caminhos, só turistes de borracha, com automoveis em cimento armado.

Em todo o caso este estado lamentavel em que todas as nossas estradas se encontravam — esburacadas e em ruinas — tinham afinal uma vantagem grande, que eu não lhes conhecia, e constatei nesta viagem. Tendo-nos falecido no caminho um companheiro, que não poude sobreviver aos transes dolorosos da jornada, não foi preciso abrir-lhe

a cova. Elas eram tantas e tão profundas, que apenas nos ficou o trabalho de a escolher.

E depois do acto piedoso, nós, os sobreviventes, durante o resto do trajecto, acabámos por convir, de acordo unanime e sincero, que havia só um meio de percorrer comodamente as estradas de Portugal: era de avião.

Um az do Flirt

D. Bernarda, viuva do coronel Aguas, pretendia naturalmente casar a filha. A pequena fazia já 18 anos, sentindo-se portanto apta a complicar, de colaboração com a mamã, a vida de qualquer incauto mancebo matrimoniavel.

Era mister por isso não perder tempo, porque esta classe de mancebos vai escasseando. Tal qual a dos políticos ministeriaveis, que vão rareando com o descredito dos governos, estes vão rareando com o descredito dos matrimonios.

Tanto mais que a D. Bernarda sentia que a idade e o temperamento, estavam já na altura própria a fornecer-lhe os necessários requisitos de má disposição e de mau génio, indispensáveis numa sogra, que se presa de o ser com todos os matadores.

E pôz-se rápidamente em campo. Em campo e praia. Explorando todos os viveiros de nubentes; farejando a caça em todas as direcções.

Finalmente, por conveniência de serviço, estabeleceu arraial numa das praias do norte. E con-

seguiu, dentro em pouco, fazer sózinha o arraial, dando à língua por sete.

Com o hábito adquirido na convivência do coronel, tomou logo, práticamente, as mais estrategicas posições.

E movimentou de tal fórma as coisas no hotel, que conseguiu logo arranjar mesa, perto dum joven cadete atiradiço, que até ali, em plena liberdade, tinha flirtado com todas as pequenas, a torto e a direito, mal sabendo agora o perigo que tão perto o ameaçava.

D. Bernarda formou rápidamente os seus planos e deliberou fazer enveredar para ali as atenções da sua herdeira, certa de que, sob o seu ar marcial e o ascendente que lhe dava a sua qualidade de coronela muitissimo honoraria, em breve o pobre cadete, preso no amor da filha e nas garras da mãe, ficaria impedido completamente de empregar tambêm noutro lado as intenções.

Ao jantar D. Bernarda observou minuciosamente a futura vitima, e constatando que o rapaz era cadete aviador, tomou as suas precauções, não fôsse êle bater as asas. E deu logo instruções à filha no sentido de apressar o cêrco ao az, ao futuro az.

A pequena obedeceu às ordens de comando, mas a princípio não conseguiu prender-lhe as atenções. E D. Bernarda viu então com desespero que o az se metia em copas.

Mas, verdadeira metade de falecido guerreiro,

não desanimou, recomendando à filha outros processos de ataque mais seguros. Finalmente, à segunda refeição o az caíu numa cilada, velha e banal, sim, mas eficás.

O velho truc do lenço caído ao passar perto da mesa do alvejado, que sem medir o perígo o apanha e o entrega, dizendo imprudentemente quatro asneiras em ar de galanteio. E está o contacto estabelecido.

Daí por diante são as ligeiras inclinações de cabeça, em discreto cumprimento, sempre que se encontram; e depois, todo o crescendo de intimidades, que vai até às grandes inclinações totais, de cabeça, tronco e membros.

E dali a dias, já se conhecia a vida íntima do cadete, que era filho dum abastado comerciante e se chamava Furtado.

Nos primeiros tempos tudo foi interesse, curiosidade, maré cheia de confidências reciprocas.

Mas pouco a pouco, começou faltando o assunto e começaram chegando os dissabores.

Longe da completa abstracção dos primeiros instantes, começou êle por estranhar as constantes intervenções da futura sogra nas conversas e ligando o facto ao nome, começou de augurar mal pelo futuro. De facto, com Bernarda constantemente, não poderia haver grande felicidade no «Menage».

Por outro lado a pequena começou também a estar apreensiva e desgostosa, porque já todas as

outras no hotel, decerto despeitadas por ela lhes ter biscado o az, juntando ao dele o apelido dela, lhe chamavam por troça M.elle Aguas Furtadas.

Ele passou a ser apodado pelos amigos de intrepido, de arrojado aviador, pelo perigoso raid matrimonial que estava preparando; e uma tarde, sem ser visto, poude ouvir o seu caso discutido de chacota.

Enquanto um dos amigos estranhava a coincidência de D. Bernarda ser viuva dum oficial e querer agora outro para genro, alguem explicava, entre risadas:

— Mas não admira, é natural porque as Bernardas metem sempre tropa.

É claro que neste ambiente, um tal idílio terminaria fatalmente p'lo ridículo.

Mas as coisas complicaram-se ainda mais.

Um dia a pequena armou ao sentimento e num ar todo romantico, quís versos. Ele, aflito, alegou falta de rima. Ela pediu pelo menos verso branco.

Mas o cadete que não sabia da existência de versos de várias côres, ficou embatucado. Desculpou-se ainda com a falta de metro, de prática, de inspiração.

Mas aqui ardeu Troia. Podia lá compreender-se, que junto dela lhe faltasse a inspiração!! Se ele a amava como dizia, devia sentir-se até capaz dum poema epico.

O rapaz, supondo, lamentavelmente, que ela se referia a coisas hipicas, ainda alegou que era aviador e não de cavalaria.

Mas garantiu que faria todo o possível por lhe arranjar os versos que requeria.

Tinha-se lembrado por fim dum amigo, que também estava no hotel, um jovem de 18 inspiradas primaveras, que todas as manhãs fazia pelo menos um soneto.

Tinha o hábito de fazer sonetos, como qualquer de nós tem o hábito de fazer a barba.

A rapariga ficou, é claro, radiante; e confessou então que pretendia apenas fulminar as amigas com essa prova do seu amor.

E já muito terna, conciliadora, disse que nem um soneto era preciso; meia duzia de versos bastaria.

E para o orientar, acrescentou:

— Uma coisa, por exemplo, neste genero que vou ler:

«Ora ouve estes versos duma grande poetisa portuguesa, D. Branca de Gonta Colaço; uma lapidar e espirituosa definição do flirt:»

Flirt é um fio doirado,
Sobre um rio atravessado
Todo luz;
Amor é o nome do rio;
Quem não sabe andar no fio,
Catrapuz...

O rapaz, a-pezar de ter os ouvidos um pouco duros para a poesia e para as coisas do espirito, ficou maravilhado e pediu-lhe o apontamento para, segundo dizia, se inspirar.

E foi logo procurar o amigo vate dos sonetos matutinos, pedindo-lhe encarecidamente uma coisa naquele genero.

E pediu a encomenda pronta sem falta no dia imediato, com o ar de quem pede meias solas numas botas.

O outro, amigo de brincar, prometeu solenemente dar o trabalho dentro do prazo estipulado; e no dia seguinte, cumpridor do prometido, deu ao mavortico galã os versos da encomenda.

O az, confiado plenamente no estro do amigo, correu a depô-los aos pés da sua dama.

E esta, num transporte, desdobrou nervosamente o manuscrito e leu esta verdade:

O casamento, esse mar,
Para quem se vai banhar,
Visto de fóra, seduz;
Mas ai, quanto desgraçado,
Depois de ter mergulhado,
Suspira aflito: Ai Jesus!...

Não é fácil descrever o efeito, que tais versos produziram.

O cadete, a-pezar de aviador, ficou sciente do efeito produzido pela explosão duma granada de artilharia.

A pequena, indignada com a troça, destemperou. E ele, por fim, já farto também de aturar os seus caprichos, confessou que não estava p'ra maçadas.

E disseram-se as ultimas.

No mais aceso do combate, no auge da discussão, ele chegou mesmo a declarar-lhe, que estando ela apta a fornecer uma Bernarda como sogra, só déveria escolher um revolucionário civil para marido.

E por fim, já da porta, acrescentou:

— Sim, eu caía lá daí a baixo; para depois, até mesmo em casa, estar sempre de prevenção...

*
* *

D. Bernarda quando soube da scena trovejou, explodiu, gritou, mostrou os versos para desmascarar o atrevido, barafustou, ébria de cólera, rubra de indignação e de furor.

Então uma das amigas, no feminino propósito de complicar o caso ainda mais, acirrando a furia da queixosa, comentou:

— Mas tem toda a razão, D. Bernarda. Olhe, eu é que não tinha querido dizer nada, mas já estava à espera disto. Eu sei bem a força dele. Tem feito o mesmo a todas. É um garoto, um atrevido sem vergonha. Namora todas e não passa disto. Com aquela pequena de verde, teve ele namoro quinze

dias, e depois, sem mais nem menos, poz-se ao fresco. E a quantas outras fez o mesmo. Olhe, chegou a pedir a mão da Aninhas das Contreiras...

— E deram-lha? — fez D. Bernarda, furibunda.

— Isso sim! Dar-lhe a mão! O pai correu-o a pontapés por saber a força do sujeito. É com todas o mesmo. Olhe, chegou a namorar ao mesmo tempo a Rosita, a Joaninha e a Prazeres! Calcule, veja, o estofo do cavalheiro! Um Landrú, um verdadeiro Landrú...

— Um Landrú? Trovejou então fóra de si D. Bernarda. Um Malandrú, um grande Malandrú é que ele é, minha senhora...

AS GRANDES DESCOBERTAS

Uma grande invenção

O meu amigo Inocêncio tinha por vezes ideias que se podiam classificar de geniais.

Há muito tempo já que uma febre patriótica o tinha avassalado. Pensava permanentemente em medidas salvadoras, em grandes empreendimentos que contribuissem para o ressurgimento, para a redenção da sua terra, batida por todas as desgraças.

E esta ideia constante, estes constantes pensamentos, tinham fatalmente de produzir os seus frutos. E com efeito os frutos caíram de maduros.

Uma das últimas vezes que o encontrei, há três ou quatro anos, quís ele comunicar-me o resultado dos seus trabalhos.

Depois dos cumprimentos do estílo, o Inocêncio, esfregando as mãos, satisfeito, anunciou alegremente:

— Fiz ontem uma grande descoberta.

Mostrei-me impressionado, como ordena o protocolo em semelhantes circunstâncias, e aguardei a sensacional revelação.

— O meu amigo sabe — começou ele — qual é o nosso grande mal?

— Eles são tantos — comentei desalentado.

— Mas o principal — garantiu o Inocêncio — aquele que por assim dizer constitui a base, o substractum de todos os outros males, é a instabilidade dos governos e a contínua transformação do nosso scenario político, onde as apoteoses, os prologos e os entreactos se misturam e baralham desordenadamente.

Estranhando este falar difícil ao Inocêncio, fia felicitá-lo pela exuberância da sua linguagem e precisão das suas expressões, mas ele, sem modestia, ilucidou-me que era sempre assim às segundas, quartas e sextas e continuou:

— «Como lhe dizia, este mal que apontei é o causador único de todos os outros males. Ora diga-me como será possível tratar dos grandes problemas que uma nação tem sempre a resolver, mas principalmente em momentos de crise como o que atravessamos, com situações políticas que duram meses, governos a dias e ministros de hora a hora. Os ministros nem muitas vezes têem tempo de apertar a mão a todos os directores gerais, que nem chegam a conhecer, quanto mais cuidar dos problemas pendentes, os quais por isso vão ficando sempre, nessa incomoda posição. Ora é precisamente com este estado de coisas que me proponho acabar. Não; isto não póde continuar assim. Os nossos homens públicos das várias facções e si-

tuações políticas, gastam o precioso tempo a dissolver-se, a perseguir-se e a demitir-se reciprocamente, consoante o rápido movimento do trapesio político em que todos pretendem equilibrar-se, enquanto o país vai ficando eternamente embasbacado na contemplação deste inutil, lamentavel e pernicioso dinamismo partidário. Ora isto não póde continuar, repito. Têem de acabar de vez os ministros «à la minute», os ministros com a duração das rosas de Malherbe.

Eu estava perfeitamente banzado com esta tão imprevista como eloquente erudição do Inocêncio; não pude mesmo deixar de perguntar-lhe se a destinava a qualquer conferência ou comício político, e procurei ao mesmo tempo acalmar a sua crescente exaltação.

Tranquilisando-me, informou que estava simplesmente numa das suas quartas-feiras e continuou com todo o «élan» comicieiro de que estava possuído:

— «Porque meu caro amigo, devemos reparar no tempo que se perde em discursos, em apresentações, em públicos reconhecimentos e preitos de justiça às obras dos vários antecessores — que muitas vezes apenas tiveram tempo de fazer outro tanto — em posses, demissões, recomposições, transformações e todas as mudanças, que constantemente se estão dando nos elencos governativos.

«Há dias em que um pobre chefe de govêrno

tem que andar açodado de ministerio em ministerio, para dar meia duzia de posses sortidas, abraçar um que chega, cumprimentar outro que parte.

«Enfim, os jornais não chegam nunca a relatar quaisquer medidas que os sucessivos ministros tenham tomado, porque nessa contradança ministerial nunca é possível chegar a medir seja o que fôr ou a encher quaisquer medidas. Apenas poderemos ter notícias como estas:

«Demitiram-se ontem os Srs. Ministros tais e tais e tomaram hoje posse das respectivas pastas os Srs. A. B. C. e D.»

«O Sr. Ministro do Interior da noite passada, vai ter uma conferencia com o Ministro da Justiça desta manhã, para resolverem se os decretos publicados pelos três ministros que estiveram em exercicio na quarta-feira anterior na pasta da instrução, devem ser mantidos, ou se, pelo contrário, deve prevalecer o diploma apresentado pelo ministro, que esteve em exercicio na terça-feira à tarde. Vão ser revogados os decretos respectivamente publicados pelos Ministros da Guerra, das 2 das 4 e das 6 horas de quinta-feira da semana finda.»

«Depois, meu caro amigo, o tempo que se gasta a revogar os vários diplomas, dos vários governos, respectivamente anteriores, *e a desfazer e a reformar* o que estava feito, até que outros venham fazer o mesmo e assim sucessivamente, se

atendermos a que o tempo é dinheiro, dava com certeza para equilibrar o orçamento e estrangular de vez o deficit tremendo que nos asfixia.

*
* *

Eu continuava atónito e não pude deixar de exclamar mais uma vez:

— Mas Inocêncio, você está falando como um livro aberto; um livro! Direi antes uma biblioteca aberta de par em par.

Ele nem me ouviu e continuou com a velocidade adquirida:

— Ora a primeira coisa que a minha invenção evita, são os conselhos de ministros, que nunca mais serão possíveis.

— Mas como hão eles entender-se, objectei.

— Pois assim é que se não entendem — contestou o Inocêncio. O meu amigo sabe muito bem, que onde se reúnem dois portugueses, mesmo que não seja para falar, é certo que se estabelece discussão.

— Mas da discussão nasce a luz — argumentei eu ainda, renitente na minha opinião.

— Mas é que entre nós dá-se precisamente o contrário; com a discussão apaga-se a luz; isto é, a reduzida clareza que o assunto por ventura já tenha, perde-se completamente. Porque tendo deliberado por exemplo, tratar de certo assunto,

voltamos sempre da reúnião para tal fim convocada, com esse tal assunto — causa por tratar e com meia duzia de questões e de conflitos mais p'ra resolver. Entre nós, creia, da discussão nasce apenas a confusão.

Não tive ânimo para contestar esta incontestavel verdade, mas inquirí então, curiosamente:

— E como vai o meu genial amigo evitar isso?

— Ora aí é que está a parte interessante e verdadeiramente original da minha descoberta. Para evitar a instabilidade dos governos, as constantes quedas ministeriais, sucessivas transformações, mudanças e recomposições dos gabinetes, eu descobri, ou melhor, inventei os ministros de atarrachar. Isto é, os ministros tomam posse, mas não tomam apenas assento nos seus fauteuils ministeriais; são aparafusados, atarrachados às cadeiras do poder.

«E assim não poderão ír a conselhos de ministros, que são perfeitamente inúteis, como demonstrei, nem teem o perigo de caír, quer politica, quer fisicamente mesmo.»

*
* *

Mudo de surpresa e de natural admiração perante tão inesperada descoberta, fiquei estatico, preplexo, verdadeiramente petrificado; e o Inocêncio, senhor do efeito da sua revelação, olhou-me

num grande sorriso superior e lá foi magicando na sua grande invenção, dando-lhe por certo, mentalmente, os últimos retoques, tendentes ao aperfeiçoamento dos seus ministros de atarrachar.

Mas coitado, como todos os grandes homens tocados pela faísca do génio, não vê decerto os pontos fracos da sua descoberta e não pensa que perante uma descarga de obuses, não há parafusos que resistam.

Amor impossível ou gargarejo fatal

Não sei se conhecem o Calado? O Calado Junior. Muito bom rapaz, não desfazendo. Mas teve sempre o vício terrível do namoro. Era também a sua única distracção. Namorava três e quatro ao mesmo tempo. Chegou um dia a confessar-me, que mantinha em vários bairros, para cima de duzia e meia sortida, de pequenas. Ora isto dava-lhe um trabalhão. Andava sempre atarefado, extenuado, com os minutos meticulosamente contados a cronometro. Porque era duma pontualidade britânica. Chegava, estabelecia aquele tiroteio de banalidades da praxe e na hora prefixa debandava. Tinha um horario perfeito. Não havia súplicas que lhe arrancassem qualquer minuto a mais, em cada uma das etapes daquele quotidiano raid amoroso, que o fazia percorrer os vários cantos da cidade. Era inflexivel.

O namoro por escrito, o visual, quasi platónico, o namoro de cinema — o chamado namoro do silencio ou namoro nas trevas — não tinham para o Calado o mais pequeno encanto. A sua fórma

predilecta, era o namoro clássico, — de gargarejo — de nariz no ar e mãos em porta voz, a pé firme durante umas poucas de horas.

Lembro-me de assistir uma vez a este seu verdadeiro record do gargarejo.

Manter ao mesmo tempo, dois namoros no mesmo predio. Um no terceiro andar e outro na cave. Parei na rua admirado. Era na verdade o cumulo da perfeição no genero. Cabeça erguida, dizia umas frases para o terceiro piso e logo a seguir, cabeça baixa, dirigia outras tantas para a cave, dando assim perfeitamente o ritmo do gargarejo.

E tão perfeito este sistema, que nunca havia conflitos entre a cave e o piso superior.

As frases que dirigia para a de cima, adaptavam-se também perfeitamente à de baixo, que via no erguer de cabeça do Calado, a demanda de inspiração no infinito. Em cima os seus constantes desvios para os planos inferiores, eram olhados como naturais momentos de concentração para novas tiradas novelescas. Era na verdade perfeito.

Não pude conter a minha admiração, perante esse autentico az do gargarejo. E perguntei-lhe a origem do seu vício, logo que ele me visitou.

— O ambiente, respondeu. Na minha rua e principalmente no meu predio, em todos os pavimentos houve sempre várias grosas de meninas muito flirtaveis. De noite é fatal a permanência de vá-

rios cadetes, de várias armas, falando para várias altitudes.

— Deve ser animado.

— Mas de péssimas consequências. Uma vez logo após uma revolução, um político, fugido a imaginárias represálias, teve a triste ideia de se esconder em casa do meu vizinho de cima. Este por fim, já farto de o aturar, fez-lhe sentir que o seu receio era infundado e que por isso deveria dar por finda a hospedagem. O outro decidiu-se; mas prudente, assomou ainda a uma janela, para vêr se podia saír sem dar nas vistas. Mas ao vêr o predio perfeitamente cercado por cadetes, supoz-se traido e não houve argumentos que o movessem. Ainda o quizeram fazer saír pela escada de serviço; mas ali, encontrando um policia que esperava paciente a hora de falar à cozinheira, mais se compenetrou da sua apreensão.

O meu pobre vizinho, já se sentia mais vítima da política do que ele.

E ainda hoje lá estaria de cama e mesa, se não fôsse por fim a ideia redentora, de o transportar dentro duma mala de viagem. Mas vamos ao fim da minha visita, porque daqui a pouco também já estou candidato a esse meio de transporte. Ora imagine que estou interessadissimo por uma pequena que há dias encontrei; mas não há fórma de lhe falar.

— Não deu sorte.

— Deu e já falámos da janela.

— Mau, não compreendo!

— Falámos, mas não conseguimos entender-nos.

— Percebo, é estrangeira.

— Nem por isso...

— Cada vez entendo menos.

— É de Aldeia Galega...

— Mas então que língua se fala agora nesse sítio?

— Não, a língua é a mesma. Mas a pequena mora num 6.º andar altíssimo; e a-pezar dos reciprocos esforços vocais que temos feito, não conseguimos ouvir uma palavra.

— Mas porque não usa o porta voz da escada, por exemplo?

— Já uma vez me foi quási fatal esse processo. Precisamente quando eu ia a falar, alguem de cima assoprava para baixo e eu ía ficando asfixiado. E depois não é prático. No entusiásmo da conversa, começam ambos a falar ao mesmo tempo e faz muita impressão; principalmente quando algum dos dois tenha mau halito.

— Mas talvez da rua, esforçando um pouco as suas cordas vocais, decerto treinadíssimas.

— Impraticável. Para uma altura daquelas, nem que eu tivesse as cordas vocais, da espessura das cordas dum rabecão.

— E porque não contracta um speaker?

— É uma espiga não há dúvida, lamentou o Calado sem perceber.

— Homem! Não desanime. Talvez um cantor, com voz de baixo profundo.

— Ali só voz de cima; do telhado por exemplo.

— Ora espere, porque não contracta você o Romão Gonçalves?

— Seria eu só a falar. A não ser que a pequena arranjasse também uma Romã...

— Que ideia tão frugívera!

— Quero dizer, alguem que em cima pudesse responder ao meu Romão.

— Pois é pena, porque esse até póde dar o dó de peito.

— Um dó de alma é que isto é, suspirou de novo o meu amigo.

— Não lhe vejo outro remédio, — fiz eu também num desalento — e parece-me que nesse caso, o Calado é o melhor.

Ele ía protestar supondo a frase intencional, mas de repente bateu na testa e disse num transporte:

— Finalmente, achei, achei...

— Isso em grego, fazia mais efeito, comentei.

— Grego é que eu já não me vejo, disse ele radiante. Encontrei finalmente a solução.

E partiu numa loucura.

Devo confessar que mais tarde achei perfeitamente justa a sua alegria, por tão grande descoberta.

O Calado tinha feito uma circular, especie de petição a todas as vizinhas do predio da pequena,

expondo o seu terrivel embaraço, apelando em frases comoventes, para os seus bondosos sentimentos e pedindo por fim o auxilio de todas, naquele transe. E depois de várias démarches diplomáticamente encaminhadas, conseguira que todas elas acedessem a vir à mesma hora, a identicas janelas dos seus respectivos pavimentos. E assim, desde o 1.º andar até ao 6.º, colocadas as vizinhas na mesma direcção, poude enfim o meu radiante amigo conseguir, que as suas frases ternas, passando de bôca em bôca, subissem até ao balcão — de última ordem — da sua amada, cujas frases pelo mesmo processo, vinham tambêm assim até junto dele.

O efeito para quem estava de fóra, era na verdade interessante.

As frases do Calado transpunham aquelas várias étapes com uma velocidade, que variava segundo a curiosidade das suas amaveis cooperadoras. Ele perguntava por exemplo à vizinha do 1.º andar: «Onde vais hoje?» E esta à do 2.º: «Onde vais hoje?» E esta o mesmo à do 3.º, etc.; e a resposta vinha breve, de bôca em bôca:

— «Vou ao Condes», «vou ao Condes», «vou ao Condes»...

Muitas vezes parei na rua onde o Calado iniciou este sistema; e devo confessar que o efeito era estupendo.

A trajectoria de cada frase, era marcada pelo

movimento das cabeças, nos vários andares que tinha de percorrer; e por vezes, não sei porquê, lembrei-me daquelas carroças que descarregam melões às portas das leitarias. Porque as frases amorosas do Calado, de bôca em bôca, passavam os mesmos tractos dos melões, de mão em mão.

Mas não há nada perfeito e logo começaram a surgir os inconvenientes do sistema.

Assim bastava que uma das vizinhas retirasse por instantes, para que a frase ficasse encravada no trajecto. Por vezes, quando vinha a resposta, já o Calado dormia profundamente.

Outras, dada a proverbial tendência feminina para exagerar, aumentando um ponto a cada conto, as frases chegavam ao seu destino aumentadas, complicadas e perfeitamente irreconheciveis.

Uma noite, tendo a pequena no 6.º andar comunicado que a mãe estava um pouco adoentada, tanto lhe agravaram os padecimentos no percurso, que quando a notícia chegou aos ouvidos do Calado, dava a pobre senhora na agonia. A tal ponto, que ele polidamente, compondo o ar das visitas de pesames, subiu a escada comovido e foi meter por debaixo da porta do 6.º andar, o seu cartão de condolencias. A gaffe ía sendo irreparavel.

Outras vezes pequenos arrufos de namorados, tomavam o aspecto de gravíssimos conflitos, que

alarmavam o predio inteiro, porque todas as vizinhas metiam no conflito a sua colherada como se se tratasse dum caso pessoal, obrigando por fim o Calado a retirar em boa desordem, depois dum cerrado dize tu-direi eu, com toda a vizinhança.

Argumentar com uma senhora já é difícil. Com seis ao mesmo tempo é impossível.

Mas a-pezar de todos os defeitos, o Calado não punha de parte o seu invento. Dado o seu vício, cheguei a temer que ele acabasse por namorar o predio inteiro.

Estranhei aquela teimosia, principalmente porque os defeitos do sistema, surgiam de novo a cada passo.

Precisamente naquelas noites em que o Calado vinha cheio de inspiração, era certo que uma das vizinhas se fazia substituir à última hora, pela criada ou por alguma tia velha muito surda; e as suas frases, ao passarem nesse andar, sofriam é claro tremendas metamorfoses, que davam por vezes graves complicações.

Uma noite em que ele bem disposto dizia ironicamente para cima: «Lá com a sogra nada», uma senhora idosa, que como suplente substituíra a vizinha do 2.º andar, obsecada por qualquer recente revolução, comunicou aos pavimentos superiores «que ele trazia só granadas».

Imediatamente desde o 2.º andar até ao 6.º, todas as janelas com estrondo se fecharam.

Outra noite, um novo inconveniente até então

inesperado e perfeitamente inedito, se apresentou.

A vizinha do 3.º andar, tendo de saír, fez-se substituír à última hora pela sua cozinheira. É claro que as palavras ao passarem no 3.º piso, mudaram completamente de aspecto e de sentido.

E logo por sorte Amancio, verdadeiramente inspirado, proferiu nessa noite, as suas mais belas frases.

Tinha na vespera assistido no Teatro Nacional, à representação de uma peça muitíssimo historica e muitíssimo dramatica e sob a influência do espectaculo, que tão funda impressão lhe produzíra, as suas frases eram todas de galã de capa e espada.

De olhos languidos, ele dizia: «Sinto que hoje só de te vêr, te vou amar com redobrada força.» A frase partiu, mas ao passar no 3.º piso, sofreu profunda metamorfose e chegou assim ao 6.º: «Calcula que hoje até me fizeram comer dobrada à força.»

A pequena, muito admirada, perguntou muito ingénuamente: «E tu não querias?» Mas a pergunta chegou assim aos ouvidos do Calado: «Isso também eu queria».

Amancio estranhou a frase, mas prosseguiu: «Juro-te minha querida que o meu amor será eterno».

A pequena, a-pezar de ouvir a frase um pouco modificada: «diz que o seu amor será interno»,

mas percebendo o engano, respondeu impressionada: «Ó filho, sinto-me tão bem quando assim me falas». E ele ouviu atonito: «Ó filho, que bem que falas!...»

Então, desiludido e vendo a inutilidade dos seus esforços nessa noite lamentavel, o galã fez final de acto e partiu, embuçado na sua capa... de borracha.

Mas a-pezar de tudo o Calado não desistia de usar este processo. Só depois tive a explicação da sua persistência.

Do constante e mais directo convivio verbal com a vizinha do 1.º andar, 1.ª étape das suas frases, o Calado começou a alhear-se por momentos da mansarda. E mantinha assim um novo idilio, enquanto as frases faziam aquela demorada viagem de ida e volta.

O resultado, é claro, era fatal.

Uma noite, a pequena do 6.º andar, percebendo afinal que era traída, talvez para mais de perto o constatar, precipitou-se da janela, alucinada; e com tanta infelicidade, que veio caír em cheio sôbre o meu pobre amígo, que dessa vez ficou então definitiva, irremediavelmente... Calado.

A guerra do futuro

Dum jornal de 2 de fevereiro de 1927:

«A futura mobilização estender-se-á a ambos os sexos e a todas as profissões.»

A notícia sob esta epígrafe, era extraída do relatório dum deputado francês sôbre a mobilização para o tempo de guerra, estabelecendo o princípio de que o dever de defeza nacional se estendia a todos os franceses, fôsse qual fôsse o seu sexo.

Ora este principio é na verdade razoavel, mas o fim é que vai no futuro ser terrivel.

Metendo mulheres, a guerra nunca mais acaba. Adoptado este principio, nunca mais se lhe vê o fim. Prevendo já a inutilidade doutros meios, empregam-se as meias femininas.

E afinal tem razão de ser uma tal inovação.

Dada a crescente fragilidade do sexo forte e vice-versa, sem o ingresso do elemento feminino nas fileiras beligerantes, a defeza seria deficiente.

A-pezar de se obrigarem todos os cidadãos, seja qual fôr o seu sexo, aquele que no futuro poderá

dar maior e mais decisivo contingente, será o sexo feminino.

Creio mesmo que a maioria dos elementos do outro sexo, constituido pela numerosa falange dos púdicos mancebos, que empregam nas calças, a fazenda abandonada pelas saias (que nessa data terão desaparecido por completo), apenas poderão ser aproveitados como auxiliares, na rectaguarda, nos hospitais, substituindo as antigas enfermeiras. E mesmo assim, à vista dos trágicos resultados da metralha, deverá registar-se muito maior número de cheliques.

É mesmo de prever, que perante o grande número de elementos desta ordem que procurem ocupar estes lugares, será indispensável que os comandos superiores se oponham formalmente à invasão, doclarando que na rectaguarda... já não há lugar.

Mas se na verdade esta falta é contrabalançada pela entrada na luta de novos elementos, tal medida vai dar nas futuras guerras, resultados imprevistos e aspectos perfeitamente ineditos.

É claro que os beligerantes hão de tirar do novo elemento, por todas as fórmas, o maior proveito possível, aproveitando cuidadosamente as suas melhores faculdades de combate, as suas mais irresistiveis qualidades, que hão de empregar-se — desde a gentil garçonne à senhora de pêso — na mesma proporção da baioneta ao canhão de 42.

Assim, perante um ataque de esbeltas inimigas,

quem não deixará romper e perder a primeira linha?

E caso para perder mesmo a linha completamente.

A luta terá mesmo um aspecto bem diverso.

Antes do assalto, em lugar de pegarem nas armas e de colocarem as mascaras contra os gases, as assaltantes pegam no espelho de campanha e no material de toilette de combate e com um rápido toque de rouge nas faces, de nanquim nos olhos e de baton nos lábios, avançam languidamente ao encontro dos inimigos e talvez futuros aliados.

E depois, em lugar das ondas de gases asfixiantes, ondas de paixão e de ternura, cargas cerradas de frases ternas e amorosas, cruzarão as linhas de combate.

E decorridos alguns meses duma luta, que será longa e renhida, na terra de ninguem, em lugar dos mortos, dos feridos e dos mutilados, começarão a aparecer os filhos de ninguem.

*

* *

Esta guerra terá, porêm, os seus inconvenientes e os seus perigos.

Quando, por exemplo, se encontrem frente a frente dois exercitos femininos, o combate será

terrivel, porque será verbal. Em vez de corps à corps, o dize tu, direi eu. E a luta será eterna.

*
* *

Haverá também por vezes o perigo da imprevista dificuldade de quaisquer resoluções por parte do comando.

Há, por exemplo, a necessidade urgente de tomar deliberações graves, dar ordens imediatas, adoptar medidas rápidas e decisivas em qualquer momento da luta; mas surge inesperadamente a impossibilidade de o fazer, porque o chefe do Estado maior, está no seu estado interessante!!...

*
* *

Pode também falhar um raid, simplesmente porque no assalto às linhas inimigas, a graduada que o comandava e dirigia, se deixou vencer por algum rapaz muito simpático.

E como este, outros perigos e desvantagens, que é bom prever e ponderar.

*
* *

Afinal, como todas as guerras, vencerá aquele que melhor souber distribuir e disciplinar as

forças de que dispõe, empregando-as oportunamente.

E vencerá, como sempre, não o mais forte, mas o mais hábil.

Assim, quando os inimigos, perante o assalto dum fascinante, dum irresistivel contingente de jovens encantadoras, blindadas a carmim, munidas de rara beleza e armadas até aos dentes de frases ternas e de todo o material de sedução, queiram, a-pezar de tudo, corajosamente, manter-se neutros, bastará para os vencer uma barragem da artilharia pesada.

E então, perante o ataque dum contingente de sogras e de matronas sem graduação, a derrota será completa, inevitavel.

A chuva de ouro... americano

— Queres ser rico em menos de 3 meses?

Esta pergunta feita uma vez assim de chofre e à queima roupa, deixou-me a principio serias apreensões sobre o estado mental do amigo que ma fez.

Recuei dois passos instintivamente. Ele insistiu:

— Não gastas nada, nem tens trabalho nenhum.

Recuei outros dois passos à cautela.

Ele continuou:

— Passas apenas 4 bilhetes e recebes daí a pouco tempo 250 contos.

— Alguma herança? — fiz eu, para dizer alguma coisa e certo já de que tratava com um louco perigoso.

Mas o meu amigo prosseguiu:

— A serie começa por um bilhete branco, depois passa para um vermelho, depois amarelo, roxo, verde, castanho e quando vires o azul recebes o dinheiro.

Eu tinha-me feito tambem de todas aquelas cô-

res, convencido de que tratava com um louco e certo de que me iria ver azul para me livrar dele.

Ele, porem, tomando a minha atitude receosa, como de assentimento ao que me propunha, continuou com crescente entusiasmo.

— Não imaginas; isto é uma grande descoberta; vem por aí uma chuva de ouro que nunca mais acaba.

— Oh! diabo e eu que não trago hoje impermeavel, nem galochas...

— Mas se preferires um automovel, ou uma moto-ciclete, é só dizer...

— Não, obrigado, vou bem a pé.

— A não ser que queiras um piano de cauda.

Fixei-o aterrado, receando que fôsse ter alguma furia.

— Bem sabes que não toco — disse no entanto, cautelosamente.

— Mas para dares concertos em tua casa; não é para desprezar um piano Ibach e de cauda.

— A minha casa é muito pequena; só se lhe cortasse a cauda — retorqui muito a medo, esquivando-me.

— Parece-me que afinal não acreditas nos resultados do sistema.

— Ora que ideia!...

— E' que não sabes como isto é feito. E' muito simples. Eu passo-te um coupon. Tu pagas esse coupon e recebes quatro. Passas esses 4 a outras

4 pessoas. Cada uma dessas pessoas passa a outras 4. Essas, passam tambem a outras 4...

— Percebo, per omnia secula.

— Não, escuta, vamos assim...

— Já sei a 4 e 4...

— E tu só recebes...

— Não digas mais, recebo quando ouvir tocar a corneta para o juizo final...

— A corneta?

— Ou a buzina se preferes. Que aqui para nós, desconfio que o juizo final — que por este andar não há-de ser muito — vem a ser anunciado por morteiros...

— Vejo que não percebeste a engrenagem. Isto é perfeitamente uma cadeia progressiva...

— De certo, tão progressiva que os inventores do sistema acabam decerto na cadeia...

— Mas ó menino, isto é como as bolas de neve.

— Não será antes o sistema das bolas... de sabão?

— Mas não compreendo, como não atinges nem aprecias as vantagens desta operação?

E foi ele então que recuou, duvidando em absoluto da minha inteligencia.

— Na verdade, retorqui, sinto-me incapaz de perceber como qualquer pessoa sensata, possa acreditar numa coisa dessas.

— Mas repara que é afinal uma simples operação de bôlsa.

— Diz antes, de puxar pelos cordões à bolsa.

— Mas não, isto é matematico.

— Pois sim, mas muito problematico...

— Não vejo porquê...

— Pois tu achas possivel reunir neste mundo, e mesmo no outro, o numero preciso de incautos, a quem progressivamente se vão impingindo esses milhões de coupons, que hão-de produzir os 250 contos?

— Essa agora!

— A não ser que esperes o aparecimento das gerações que nos hão de suceder.

— Ora aí está; são os incredulos como tu que encravam o sistema.

— E os credulos como tu que encravam os outros.

— Descança que a ti já nem tento convencer.

— Mesmo que tentasses, o resultado seria o mesmo. Quero entrar na eternidade sem preocupações de qualquer especie. E assim, teria de estar ainda no outro mundo, à espera dessa fortuna.

Então o meu amigo olhou-me com um mixto de desprezo e piedade e retirou-se furioso.

Julgava-me salvo, quando mais adiante outro me diz:

— Você não conhece a cadeia progressiva?

— Conheço apenas de vista.

— Nesse caso ainda não tem nenhum bilhete? Ainda não entrou na cadeia.

— Longe vá o agouro. E você o que faz agora? perguntei para desviar a conversa.

— Nada. E para que me hei de ralar? Espero receber desta operação duzentos e cincoenta contos; duma outra dois mil florins; doutra cento e dez contos e de várias outras um automóvel, um side-car, um piano, relógios...

— Percebo, vai montar um bric-à-brac.

— Espero mesmo obter vestuário, calçado, víveres, etc.; porque por este sistêma da cadeia, pode-se adquirir tudo.

— Sim, na cadeia dão tudo.

— Na verdade, para que me hei-de maçar, se vou receber tudo isso. Não faço nada, estou à espera...

— Á espera da cadeia? Sim, parece me que é onde irá parar com esse modo de vida, ou melhor, com tal ausencia dele.

Vendo também que eu não dava sorte, retirou-se indignado. Respirei. Porêm, em menos de um quarto de hora, vi-me obrigado a passar de capote, vários crentes do tal sistêma; um com dezeseis contos garantidos; outro com um relogio; outro com um par de botas; ainda outro com um córte de fazenda; um verdadeiro grandela de oferecimentos.

Positivamente o sistêma da chuva de ouro, mas para fóra do bolso.

E chegava afinal à convicção de que já teria gasto nesse dia mais de quinhentos escudos, se me tivesse deixado seduzir pelas belezas do sistêma, quando ao virar uma esquina, se me põe

na frente, mais um propagandista daquela verdadeira epidemia.

Tratei de o desiludir imediatamente, para lhe poupar inúteis dispendios de retórica. Um voto solene, um juramento sagrado, serviram-me de pretexto.

— Ora que pêna, murmurou ele num lamento; uma coisa que dá tanto resultado; sei duma pessoa que já recebeu: o amigo dum primo da mulher do sogro da minha porteira.

— O quê! fiz eu, incrédulo. Já alguem recebeu?

— Já sim, um polícia, na Cova da Piedade.

— Ah! Já na cova, acredito.

— É verdade, creia que pagam; é uma coisa séria, garantida. É de facto uma verdadeira chuva de oiro.

— Olhe, meu velho, eles é que estão a pedir chuva... de oiro; mas de oiro em barras e em fórma de picarêtas.

E retirei-me discretamente, com a sensação vaga de que um ligeiro excesso de bôa fé, me teria levado já nesse dia à falência, à ruina completa.

Mas nisto uma voz triste, perguntou ainda a meu lado:

— Você conhece a cadeia?

— Não, nunca lá estive.

— Refiro-me à cadeia progressiva, à chuva de oiro.

Nem pestanejei; abotoei o casaco, e dispunha-me

a gritar ao da guarda, quando o outro agarrando-me, tornou, numa voz lamentavel:

— Pois se não conhece, quero avisá-lo, porque eu já a conheço por experiência própria e de gingeira.

— Pois quê? Também o meu douto amigo caiu daí abaixo! censurei eu apertando as mãos num grande ar de final de acto.

— Infelizmente acreditei e puz-me a ver se apanhava a tal chuva...

— E molhou-se?

— Disseram-me que era uma coisa rápida, garantida, em meia duzia de dias. Passavam-se apenas cinco senhas a cinco pessoas e recebia-se um conto.

— E então?

— Então, nada. Que davam um conto, e até agora nem vintem...

— Então, meu amigo, é que era um conto... do vigário...